

Daniel Carvalho
Raquel Freitag
(orgs.)

Linguística no feminino

Vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil

EDITORA DA **ABRALIN**

Palavras dos Editores

Esta publicação, digital e gratuita, compõe o catálogo de livros digitais da Editora da ABRALIN, uma editora *open access*, criada em 2020, que busca oferecer mecanismos efetivos de publicação e circulação de obras de Linguística no país. A ideia que norteia seu funcionamento encontra melhor expressão nas palavras de seu idealizador, Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr., então presidente da ABRALIN: “acreditamos que dar acesso livre à produção intelectual de excelência, que é fruto – na maioria das vezes – de investimento público, é o caminho mais democrático no contexto socioeconômico em que vivemos”. Sem dúvida, essas palavras foram definitivas para o nosso engajamento na criação da Editora da ABRALIN. Queremos contribuir para fazer da Editora da ABRALIN um canal permanente de apoio à divulgação da sólida pesquisa feita nas muitas áreas da Linguística no Brasil.

Como todos sabemos, a ABRALIN desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos linguísticos no Brasil, contribuindo de maneira crucial para a criação e a preservação de espaços de acolhimento da diversidade de ideias linguísticas, algo que tem urgência ética e é – no nosso entendimento – atitude necessária para manter o indispensável diálogo entre a sociedade e a comunidade científica. A Editora da ABRALIN nasce dentro desse contexto e com esse desígnio maior.

A excelência do trabalho da Editora e das obras por ela publicadas será garantida – disso temos certeza – pela esperada contribuição dos associados da ABRALIN. Tal contribuição constantemente vem em atendimento aos editais e aos critérios tornados públicos periodicamente, na forma de propostas de publicação, na colaboração junto ao Conselho Editorial e com as demais atividades envolvidas no funcionamento da Editora.

Nossa expectativa é que a Editora da ABRALIN possa fornecer obras de qualidade, acessíveis gratuitamente ao público-leitor interessado, fomentando, assim, a pesquisa em Linguística, contribuindo com o diálogo constante entre pesquisadores e sociedade.

Valdir do Nascimento Flores
Gabriel de Ávila Othero
Editores

Linguística no feminino

Vozes femininas que fizeram a linguística
no Brasil

Danniel Carvalho

Raquel Freitag

[orgs.]

EDITORA DA **ABRALIN**

[...] o que é uma mulher? Garanto-lhes que não sei... não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana.

Virginia Woolf (1931)

SUMÁRIO

- 10** **A Linguística sempre se fez no feminino**
Danniel da Silva Carvalho e Raquel Ko. Freitag
- 17** **Uma história tecida pela vida e pela linguagem**
Beth Brait
- 58** **De como cheguei à Filologia e à Linguística**
Célia Marques Telles
- 87** **As mãos femininas na dialetologia brasileira**
Jacyra Mota
- 111** **Trajetória acadêmica e estudo dos sufixos -íssimo, -mente, -mento**
Leda Bisol
- 118** **Muitas lutas, grandes vitórias**
Maria do Socorro Silva de Aragão
- 129** **Adair Pimentel Palácio: linguista, indigenista, humanista**
Januacele Francisca da Costa
- 156** **Maria Denilda Moura e a linguística brasileira a partir de Alagoas**
Núbia Rabelo Bakker Faria e Jair Gomes de Farias
- 198** **Lucia Maria Pinheiro Lobato – a cientista em busca da arquitetura da Faculdade da Linguagem (1942-2005)**
Eloisa Pilati
- 214** **Miriam Lemle – A voz feminina no Gerativismo do Brasil**
Isabella Lopes Pederneira

A Linguística sempre se fez no feminino

Danniel da Silva Carvalho
Raquel Ko. Freitag

Como bem nos lembra a linguista galega Teresa Moure (2021, p. 13), a historiografia é um relato de poder. Ou pelo menos o foi por muito tempo. Mas, mesmo na contemporaneidade, a história tende, talvez por hábito, a ser, em certa medida, parcial. Essa parcialidade pode ser constatada nas narrativas exclusivistas, que apontam os lumes da história a determinado gênero, raça, classe, lugar. Mais uma vez trazemos Teresa Moure para essa apresentação:

[e]n el imaginario contemporáneo, las abuelas, como las mujeres del siglo XIX, as de la Edad Media e las de la Antigüedad, aparecen recluidas en el territorio doméstico. Para todas ellas, se supone una misma existencia, a largo de la historia y en las diferentes comunidades. El masculino genérico instituido en las lenguas románicas contribuyó decisivamente a divulgar este estereotipo que, sin mayores matices, es falso. Decimos *los griegos, los vikingos, los aborígenes americanos*, así en masculino, y lo que se nos viene a la cabeza inmediatamente es la imagen de un hombre con falda y sandalias, en el caso de los griegos; de un hombre con casco adornado con cuernos, en el caso de los vikingos, y de un hombre con plumas en la cabeza y la cara pintada, en el caso de los amerindios. Son imágenes estereotipadas y no siempre con sustento fidedigno, pero lo importante ahora es que nunca evocan personajes femeninos. (MOURE, 2021, p. 15-16)

Esse estereótipo comum masculino é mais bem sublinhado quando pensamos em personagens específicas: heróis. Em sua esmagadora maioria, os heróis da história são homens, em boa parte da cultura ocidental, militares ou políticos, pois essa cultura

foi constituída através de guerras. Mesmo figuras femininas proeminentes nas batalhas precisaram se passar por homens para serem incorporadas na história, como Joana D’Arc e Maria Quitéria de Jesus. Esse heroísmo masculino transitou sem dificuldade para as artes, por exemplo. São praticamente desconhecidas as artistas plásticas renascentistas, período essencial para o estabelecimento das artes plásticas no ocidente. Nomes como Sofonisba Anguissola (1532-1625), Lavinia Fontana (1552-1614) e Artemisia Gentileschi (1593-1692) não são incluídos em manuais escolares de introdução às artes plásticas. A filosofia e os estudos da linguagem seguiram essa tendência e permaneceram sem heroínas até o século XX. Mesmo quando há a tentativa de reparar esse desequilíbrio no protagonismo feminino nas artes e na filosofia, o mesmo espírito é mantido e elas aparecem como figurantes ou coadjuvantes, tendo destaque somente nas revoluções feministas.

No entanto, sabe-se que o apagamento de um protagonismo feminino é fruto do fantástico monumento masculino erigido sempre que algo de importância histórica sucedeu. Os fundamentos de qualquer área sempre foram propostos por homens e apenas eles.

E com a Linguística não foi diferente. Mesmo simplificando seu surgimento, datando-o do início do século XX, tempo em que mulheres já ingressavam em universidades na Europa e nos Estados Unidos, a Linguística “moderna” tem um pai. Otto Jespersen (1922) nos deu uma pista da razão para a orfandade da Linguística, uma vez que escreveu, seguindo o pensamento dominante até então, haver uma inferioridade linguística feminina (JESPERSEN, 1922, p. 237). De acordo com seus argumentos, haveria grande perigo de a língua se tornar “lânguida e insípida se sempre quisermos contentar-nos com expressões femininas” (JESPERSEN, 1922, p. 247). Sendo ou não sendo a razão de (praticamente) não haver nomes de mulheres mencionados nos manuais de linguística, elas foram na realidade

deixadas de lado na história mundial da linguística.

Felizmente, e principalmente a partir da segunda metade do século XX, mulheres como Robin Lakoff questionaram essa pretensa superioridade linguística masculina ao tempo que linguistas mulheres ganharam espaço na ciência.

Diferentemente da história das ideias linguísticas no resto do mundo, boa parte de seus protagonistas no Brasil foi feminina. Nossos olhos e ouvidos acostumaram-se há muito tempo com antropônimos masculinos nessa área do conhecimento. Da mesma forma que nas demais ciências, a da linguagem é marcada pela orfandade de “mães” e pelo número de “pais”. Saussure, Pierce, Bloomfield, Jakobson, Chomsky, Benveniste, Labov, Pêcheux, Halliday,... são nomes sinônimos de linguística nos manuais que nos apresentam a área em nosso primeiro encontro com a disciplina nas cadeiras do curso de Letras. No entanto, em boa parte das faculdades de Letras do Brasil, sua introdução foi feita por mãos, mentes e línguas femininas. Dessa maneira, qualquer relato histórico, qualquer memória das ideias linguísticas no Brasil deve apresentar as legítimas “mães” que a área possui.

Aqui, o papel da linguista foi fundamental na divulgação dessa ainda jovem ciência. Atribui-se a importação e fundação da linguística enquanto disciplina dos cursos de Letras no país a Joaquim Mattoso Camara Jr. em 1938, na então Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. No entanto, como apontam alguns estudos historiográficos brasileiros, a partir da segunda metade do século XX, essa disciplina deve às mulheres sua divulgação em grande parte do Brasil. Nos anos 1950 e 1960, podemos citar os nomes de Madre Olívia e suas contribuições para a pesquisa semântico-sintática e ensino do português, e de Maria Antonieta Celani, expoente da Linguística Aplicada, ambas da PUC-SP. Merece ainda destaque o papel dessas e de outras formidáveis mulheres no estabelecimento da disciplina em programas de pós-

graduação no país, com destaque à região nordeste, que deve, em diversas instituições, a elas a fundação dos próprios programas de pós-graduação na área (ver GOMES et al., 2019).

No entanto, seu papel, ainda que valorosíssimo, inicialmente pareceu restrito às paredes da sala de aula, uma vez que livros e artigos eram publicados por autores. Se tomarmos como exemplo a revista *ALFA: Revista de Linguística*, publicada pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, cujo lançamento de seu primeiro número data de 1962 e é um dos mais importantes periódicos da área em circulação no Brasil, vemos que o primeiro artigo de linguística escrito por uma mulher é de Odette L. Altmann e aparece apenas no número 9 da revista, publicado em 1966 e o segundo, escrito por Maria Tereza Camargo, no número seguinte, publicado no mesmo ano. Nenhuma mulher é citada nos dois artigos.

Entretanto, o protagonismo feminino na linguística brasileira mostra sua força no tocante à representatividade em suas associações de área. A Associação Brasileira de Linguística – Abralín –, por exemplo, é fundada em 1969 com apenas uma mulher em seu corpo de direção (Maria Marta Coelho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro), mas na gestão seguinte tem Ângela Vaz Leão, da Universidade Federal de Minas Gerais, como presidente, o que vem a se tornar uma constante. Das vinte e cinco presidências da associação desde sua fundação, quinze foram mulheres, tendo havido um período de dez mandatos (de 1987 a 2007) apenas de presidentas da associação.

Portanto, a história da linguística brasileira mostra que essa disciplina, pelo menos no país, nunca foi órfã. Pelo contrário, teve e tem muitas mães. E é a partir dessa importante participação de mulheres que construíram a área no Brasil, e não apenas ajudaram a construir, como apresentam algumas narrativas historiográficas mais condescendentes, que o projeto “Linguística no feminino”

é lançado, visando contribuir para a historiografia dos estudos linguísticos no Brasil através da história de suas protagonistas.

O volume apresenta uma amostra da importante contribuição feminina na formação da linguística brasileira, através de narrativas, algumas vezes autorais, outras, contadas por pessoas queridas de grandes linguistas que já nos deixaram, que mostram sua trajetória na área e nas quais podemos capturar a extraordinária parcela de cada uma na construção da linguística no país. Os textos aqui reunidos são muito pessoais e, por isso, não sofreram nenhuma interferência dos organizadores, nem na forma nem no conteúdo, pois assim refletem o perfil de suas homenageadas. Mesmo sendo um pequeníssimo recorte, “Linguística no feminino” pretendeu ilustrar o protagonismo feminino em muitas áreas dos estudos linguísticos no país.

Esperamos com essa humilíssima obra poder contribuir oferecendo esse espaço para a devida visibilidade que as linguistas brasileiras merecem. Para encerrarmos essa breve apresentação, parafraseamos o título do livro de Teresa Moure (2021), lembrando que a linguística e sua história se escrevem com A!

Referências

ALTMANN, O. G. L. O particípio presente e o gerúndio no Anfítrion de Plauto. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 9, 1966.

CAMARGO, M. T. Vocabulário teológico: um vocabulário para-temporal? *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 10, 1966.

GOMES, Valéria Severina; ALMEIDA, Sherry Morgana Justino; SILVA, Emanuel Cordeiro da; RANIERI, Thaís Ludmila da Silva; SILVA, André Pedro. *Cartografia gelNE*. 20 anos de pesquisa em Linguística e Literatura. Vol. I e II. Campinas: Pontes, 2019.

JESPERSEN, Otto. *Language, its nature, development, and origin*. New York,

LINGÜÍSTICA NO FEMININO

Henry Holt and Co., 1922.

MOURE, Teresa. **Lingüística se escribe con A**. La perspectiva de género em las ideas sobre el language. Madrid: Catarata, 2021.

Uma história tecida pela vida e pela linguagem

Beth Brait

A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação - porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.
(João Guimarães Rosa)

Onde começo? Onde o começo?

Ter nascido em Santo André e ser uma itapetiningana que mora em São Paulo há mais de meio século é uma condição existencial que ajuda a entender ao menos parte de um percurso em que as raízes insistem em estar em vários lugares. Muito cedo acompanhei o deslocamento de minha família em direção ao interior paulista, percurso que incluiu as cidades de São Manuel, Bauru, Cotia e Itapetininga. Em Cotia iniciei o primário na bucólica Unidade Granja Vianna do Colégio Rio Branco (hoje Centro Profissionalizante Rio Branco). Ainda na segunda metade dos anos 1950, aportamos em Itapetininga, cidade do interior paulista conhecida, naquele momento, como “Atenas do Sul Paulista” e que, mais tarde, a cruel irreverência adolescente designaria como “*Apenas* do Sul Paulista”. Ali tive uma rápida passagem pelo inesquecível Grupo Escolar Corina Caçapava Barth (hoje Escola Estadual Professora Corina Caçapava Barth), onde adquiri o sotaque característico da região, provavelmente meu primeiro contato forçosamente consciente com a linguagem e suas variantes regionais. Escandalizados com os erres retroflexos e com as “deturpações” que meus irmãos e

eu esbanjávamos orgulhosa e prazerosamente como marca da nossa integração interiorana, meus pais insistiam em corrigir o incorrigível.

Foi nessa cidade que meus pais se estabeleceram, criaram os quatro filhos em um bairro chamado Jardim Itália e, bem mais tarde, foram para um apartamento no centro, habitando o primeiro prédio da cidade: o Barão de Itapetininga. Se a pescaria e o jogo de truco constituíram o principal lazer de meu pai, essas atividades foram intensificadas depois de sua aposentadoria, só rivalizadas com a prosa divertida e os casos sem fim sobre a “campanha da Itália”, (ele foi um *pracinha*) dividida, de forma especial, com os demais aposentados que diariamente ocupavam os saudosos bancos do Largo dos Amores e sua fonte luminosa. Minha mãe sempre foi uma dona de casa assumida, inteiramente dedicada aos filhos e ao marido, excelente cozinheira, costureira de mão cheia (naquele tempo muitas roupas eram feitas em casa), em suma, uma competente e amorosa administradora do lar. Da sacada do Barão podíamos espiar o Largo dos Amores, o clube Venâncio Aires, o prédio da velha prefeitura, dentre outras faces do coração da cidade. Mesmo com descaracterização urbana, sobressaem-se na memória as peças de um cenário povoado de personagens e de histórias guardadas nas dobras de um passado tão presente.

Concluí o primário no Instituto de Educação Peixoto Gomide, importante escola, cuja história remonta o século XIX. Em 1894, Itapetininga foi designada para sede de uma Escola Normal e o projeto de Ramos de Azevedo incluía um prédio central para a Escola Normal, ladeado por dois outros. E assim, o Instituto da minha época abarcou a Escola Modelo Preliminar de Itapetininga, o Grupo Escolar Peixoto Gomide, a Escola Modelo Peixoto Gomide e, atualmente, é a Escola Estadual Peixoto Gomide¹. Nesse imponente

¹ Para maiores detalhes, consultar <http://jlnogueira.no.comunidades.net/instituto-de-educacao-peixoto-gomide2> Acesso em julho de 2021.

Instituto, fiz o Ginásio (quatro anos) e o Clássico (3 anos).

As marcas deixadas pelos anos de *Instituto de Educação* e pela vivência interiorana, fundem, refundem e confundem infância e adolescência, quintais, bailes e bailinhos domingueiros, jardins e namoricos, leituras desordenadas em que contos de fada, Coleção Saraiva e Monteiro Lobato se destacam juntamente com as primeiras desconfianças de que livros não constituíam apenas um mundo misterioso e fascinante, mas se tornavam, para algumas pessoas, caso dos meus professores, a matéria-prima para a realização de um trabalho, de uma profissão, a garantia de sobrevivência material e intelectual. Dessa perspectiva, os livros, se por um lado substituíam as janelas dos trens da minha infância, colocando-me em movimento diante de tantas paisagens, diante de tantos mundos, ao mesmo tempo me ofereciam a possibilidade de uma profissão, de um ganha pão. Um trabalho com livros... Talvez já se anunciasse aí a ideia da independência feminina...

Uma das figuras centrais para a percepção dessa realidade, considerando-se naturalmente que a consciência explícita eu talvez só tenha tido anos mais tarde, pois o que contava naquele momento era a dimensão emocional da descoberta, foi meu querido professor Francisco da Silva Borba. Naquele momento, final dos 1950, início dos 1960, o *Exame de Admissão ao Curso Ginásial do Instituto de Educação Peixoto Gomide* colocou-me diante de um professor bonito (eu vinha do Primário e só conhecera professoras...), sério e sisudo, que me fez decifrar um texto e enfrentar verbos irregulares e defectivos. Apesar da minha surpresa com o moço, cuidadosamente disfarçada pela minha timidez, confesso que não foi exatamente naquele momento que me apaixonei pela língua, pela linguagem. Achei-a até bem difícil de encarar. De fato, a importância de Francisco da Silva Borba e seu papel decisivo no que diz respeito às minhas descobertas em torno da linguagem vieram um pouco depois, nas primeiras séries do antigo Ginásio.

Como professor de Português do Curso Ginásial, ele dedicava a quinta aula da semana à leitura da obra de Monteiro Lobato. Na verdade, esse autor, envolvido por capas verdes cuidadosamente enfileiradas nas estantes de um tio querido, já despertara minha curiosidade. Como meu tio morava em Santo André, somente nas férias eu tinha oportunidade de recomeçar a leitura lenta, que a alfabetização, ainda primária, e os passeios e as brincadeiras com os primos não permitiam concluir. Entretanto, a voz agradável, pausada e didaticamente sedutora do professor Borba abriu-me as portas para aquele mundo fantástico, estabelecendo decisivamente a ponte entre o coração e a escola, entre a linguagem e o mundo, entre os livros, o prazer e a profissão.

Bem mais tarde, quando meu interesse pelos estudos da linguagem tornou-se uma opção consciente, uma forma de vida, reencontrei, num primeiro momento unicamente via livros, esse mestre querido. Ele já era, então, um respeitado e reconhecido linguista. E eu começava a trilhar um caminho que até certo ponto era semelhante ao da voz que outrora materializara o Sítio do Pica-Pau Amarelo, ou seja, o entrelugar desenhado no limiar entre língua e literatura. Muitos foram os encontros, incluindo, especialmente, o árduo Concurso para a Livre-Docência, realizado na Universidade de São Paulo em 1994, momento em que, durante quatro dias, fui arguida por Borba (e mais 4 arguidores), tendo o prazer de ouvir suas reflexões e contar com sua aprovação.

Voltando ainda a esse passado que alicerça meu presente, a opção pelo Curso Clássico também significou um momento essencial para os meus contatos mais próximos com disciplinas que me levariam ao Curso de Letras e ao magistério superior. Num momento em que as moças, especialmente as de classe média, eram naturalmente levadas a fazer o Curso Normal, para obter um diploma e começar a lecionar imediatamente, lutei para frequentar um curso que, na visão familiar, itapetiningana e pragmática, “não

tinha serventia alguma”. Era um curso, como eles insistiam em reiterar, que além de não dar diploma, acabava motivando “as” cursantes a prosseguir os estudos em uma Faculdade. Como em Itapetininga não havia Faculdade, seria fatal o deslocamento das donzelas para Sorocaba ou, pior ainda, para São Paulo... A duras penas, todos os obstáculos foram sendo superados. Em parte, graças à minha teimosia, mas talvez mais fortemente em função do orgulho de meus pais que, prezando acima de tudo os estudos, vislumbraram a possibilidade de terem uma filha “formada na Faculdade”. Estava pavimentado o caminho: os quatro filhos, três mulheres e um homem, formaram-se em diferentes faculdades, fora de Itapetininga.

Daquele momento, ainda, uma experiência de vida e de conhecimento se projeta como ponte entre o Interior e a Capital. Um pequeno grupo formado por alunos do Clássico, do Científico e do Normal, alunos que se consideravam de “esquerda”, pois estavam atentos aos movimentos sociais que então agitavam outras cidades que não Itapetininga, organizaram, sob a liderança da hoje bem-sucedida empresária paulistana Maria Cecília de Melo Leonel, minha grande amiga da vida toda, um “cursinho vestibular” que, sem fins lucrativos, prepararia os interessados em prosseguir seus estudos, contando com o apoio dos melhores professores locais. Essa nossa “experiência socialista” deu certo. Não apenas colocou os alunos em excelentes Universidades brasileiras, incluindo a nossa *empreendedora socialista*, como transformou as sobras das mensalidades (que serviam para pagar os professores de forma justa) em *fundo de manutenção, na capital, dos que não tinham meios próprios para a sobrevivência na fase universitária*. A única condição exigida dos beneficiários era a de que, assim que estivessem em condições, devolvessem o dinheiro ao *fundo* para que outros pudessem ter as mesmas oportunidades. Como toda experiência socialista, há sempre uma forma de o tempo se encarregar de

destruí-la. O segundo beneficiário venceu na vida e se esqueceu para sempre do trato e dos nobres propósitos do grupo. Essa experiência, assinada por um coletivo liderado por Cecília Leonel, marcou minha existência e interferiu, para sempre, em minha visão de mundo.

Com essa bagagem, prestei vestibular na USP, entrei para o Curso de Letras da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e comecei um outro percurso existencial. Terminava o ciclo *itapetininguês* e iniciava-se um outro na capital paulista, que a bem da verdade dura até hoje.

Aqui abro parênteses para me perguntar por que ir tão longe no tempo para narrar meus encontros com a linguagem enquanto prazer, profissão e abertura de caminhos para a compreensão da vida, da sociedade, da cultura, do ser humano em sua diversidade e complexidade. Penso que o deslocamento espacial, além de desenhar uma história de vida que se construiu entre vários lugares geográficos, implicou um *entre lugar* linguístico e existencial, no qual as *variantes*, longe de significarem unicamente alternâncias fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas, facilmente assimiláveis por uma criança, por uma jovem, e mesmo por uma adulta, me constituíram como um sujeito discursivo múltiplo que, para a própria sobrevivência, foi ganhando consciência linguística. O constante encontro com a alteridade linguística e humana de cada cidade, de cada comunidade com a qual tinha contato, vivenciava, significava uma experiência complexa, por vezes dolorosa, por vezes muito divertida, mas sempre enriquecedora. E se o imaginário acata a condição de *migrante*, essa espécie de camada de estádios sempre ressignificados pelas passagens e pelos limites prontos a serem desfeitos, as escolhas epistemológicas e teóricas, como se verá, parecem acolher e assumir essa condição constitutivamente múltipla.

Ai, Maria Antônia do meu coração...

Em São Paulo, fui morar em um pensionato para moças a que denominávamos *Pensionato da Dona Joaquina*, obviamente por ser esse o nome da severa proprietária. Num certo sentido, ele era muito parecido com aquele que Lygia Fagundes Telles descreve no livro *As meninas* (1973) e ficava a algumas quadras de onde funcionava o curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP: *Maria Antônia*, nome da rua que também designava a faculdade. Passei a preencher os dias e noites com as aulas e as leituras exigidas pelo curso, as inúmeras atividades culturais que a grande cidade oferecia e que eram seguidas por intermináveis discussões à mesa de um bar e, como não podia deixar de ser, comecei a participar ativamente do movimento estudantil.

Ao mesmo tempo, precisava me sustentar, o que me levou a trabalhar meio período em um banco, até o momento em que prestei um concurso para lecionar no Cursinho do Grêmio da USP. Desta primeira experiência didática, ainda resta um exemplar das apostilas que eu preparava e que constituíram, portanto, minhas primeiras publicações, minhas primeiras autorias. Comecei a lecionar no final da década de 60 e nunca mais parei...

Na Faculdade, as grandes paixões, as grandes descobertas. Embora eu gostasse muito de ler, comecei a perceber que havia maneiras de estabelecer um contato mais profundo com os livros, com o que eles diziam, ou seja, com a ajuda de outros tantos livros e, com o auxílio de disciplinas inteiramente voltadas para os mistérios da linguagem. Se de um lado a História, a Sociologia, a Filosofia e, especialmente, a teoria marxista disputavam com os volumes de língua e literatura a prioridade na minha estante, as obras de linguística e teoria literária começaram a ganhar um espaço privilegiado. É, portanto, desde aquele momento, a minha impossibilidade de decidir, de fato, entre a especialização em estudos

linguísticos e/ou estudos literários. Para mim, constitutivamente coordenados por um e, desde o princípio...

Esses dois campos me foram revelados, para além dos livros, por professores como Izidoro Blikstein, Erasmo D'Almeida Magalhães, Ada Natal, João Alexandre Barbosa, Walnice Nogueira Galvão, Berta Waldman, Antonio Dimas, Décio de Almeida Prado, José Carlos Garbuglio, Davi Arrigucci, Massaud Moisés e tantos e maravilhosos outros mestres e mestras. Como no mundo nos encontramos em determinados lugares que nos impõem recortes que vão se desenhando por nossa visão valorativa, para mim, cada um dos mestres/mestras instigava uma percepção inteiramente nova da linguagem, de suas estruturas, de suas funções e de sua complexidade, trabalhando com rigor e criatividade os sistemas verbais, os não verbais, diferentes sistemas culturais, diversas e complexas estruturas sociais, interligando o dentro e o fora do texto. Aquilo que o texto trazia para dentro de si, materializado como linguagem, era justamente o que apontava para fora, sinalizava mundos. Acontecia, no sentido mais completo, a relação constitutiva entre linguagem e vida, que ia sendo sedimentada via Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade (entre tantos outros), de forma que os gestos inaugurais de Francisco da Silva Borba, o linguista e o porta-voz da literatura, se solidificavam, disciplinando e re-significando a relação emotiva que eu mantivera até então com a linguagem e com os livros.

Recordo-me, por exemplo, logo nos primeiros anos da graduação, de uma prova de Linguística em que o objeto de análise era um quadro de Salvador Dali, observado pelo prisma dos estudos semiológicos. E que esta prova aconteceu na sequência de uma aula de Filologia Românica em que o professor Felipe Jorge trancara a porta, deixando retardatários de fora... Eram muitas coisas construindo conhecimento e me alterando profundamente: as aulas de Glossemática, Antropologia, Cultura, Fonologia, Teoria literária

e tantos outros campos relacionados a domínios atravessados pela linguagem, os quais se ofereciam como um leque interdisciplinar, tecendo e intercambiando mundos. De forma privilegiada, naquele momento, esses campos me tocavam tanto pela voga estruturalista, com a qual aprendi muito, quanto pela perspectiva sociológica, uma marca que se instalou em mim para sempre.

Com essas duas grandes vertentes dos estudos da linguagem, fornecedoras de subsídios para acompanhar várias outras oferecidas pela Faculdade, descobri que era preciso auscultar *na e pela linguagem*, travestida de histórias, poemas, quadros, filmes, ordens militares, panfletos, *slogans* políticos, publicidade etc., a História, a Cultura, a Sociedade. Começava a me assaltar a ideia, ainda não burilada, de que por meio dos incalculáveis meandros inventados pelos seres humanos para simbolizar, significar e compreender a vida, também se podia entender como as linguagens atuam sobre nós, nos constituem e como atuamos com elas e sobre elas. Ou seja, a linguagem começou, para mim, a ser pressentida como atividade, como evento, como ato, artístico ou não, que materializa, concretiza as complexas relações que os seres humanos estabelecem com a vida, com os outros seres humanos e consigo mesmos. Configurava-se, portanto, já naquele momento, uma percepção das linguagens como conjuntos de signos axiológicos, carregados de valores, nos quais o coletivo e o individual se tensionam e se constituem. Só não tinha encontrado, ainda, uma perspectiva epistemológica que me dissesse isso com todas as letras. Mas chegaria lá...

Minha formação, pouco a pouco, ia ganhando corpo, ia ganhando forma, ainda que como esboço, como rascunho. E mais, ia empurrando os interesses para duas certezas: a primeira dizia respeito à consciência das imensas lacunas de minha formação (não sabia, então, que o conhecimento multiplica eternamente as lacunas...), e que talvez pudessem ser suavizadas com muita leitura, com muito estudo, com muito contato com as linguagens

constantemente em movimento; a segunda, a de que a escolha da carreira acadêmica seria uma maneira de me submeter à disciplina do estudo em direção à superação de parte das fantasmagóricas lacunas. E esse talvez tenha sido o maior ensinamento da Faculdade, uma vez que aliou consciência crítica à disposição para o ensino. Essas questões, de fato revolucionárias para mim, começaram cada vez mais a me impor a ideia de que a revolução política, que acreditávamos estar prontos a realizar por meio do movimento estudantil e das orientações do partido de esquerda a que pertencíamos, era apenas uma das muitas revoluções a serem feitas. E tínhamos fôlego e certeza de que, com a força da juventude, que acreditávamos eterna, poderíamos e deveríamos realizar todas...

A vivência na Maria Antônia acabou no dia em que tivemos de nos transferir para a Cidade Universitária, após uma batalha campal com o “Mackenzie”, momento em que perdemos a inocência e alguns companheiros. Mas continuou de forma indelével, não apenas nas diferentes formas de luta que marcaram a década de 70 e boa parte da de 80 contra os horrores da ditadura, mas pela vida afora, determinando escolhas, sugerindo caminhos, transformando-se no símbolo de uma geração: a *Geração 68* a qual tenho o privilégio de pertencer. Restabelecida a democracia, após uma longa e sangüinária ditadura militar que durou mais de duas décadas, estávamos certos de que as conquistas democráticas seriam para sempre. Entretanto, cá estamos nós, vivendo uma dupla pandemia, política e sanitária, com os fantasmas de um regime autoritário nos afrontando diariamente. E temos de concordar com o escritor Roberto Ampuero quando, pela voz de um de seus personagens, afirma:

A História não é linear nem tem lógica – esclareceu. – Suspeito que eles acreditam no eterno retorno da História. Por que não? Nós, seres humanos, somos os únicos capazes de tropeçar duas vezes na mesma pedra. Tudo

pode voltar a acontecer na América Latina. De forma parecida ou diferente, mas tudo pode acontecer de novo. *Não se assusta com essa perspectiva?* (AMPUERO, 2014, p. 224; itálico meu).

Todos os caminhos levam à USP?

As aulas no *Cursinho do Grêmio da USP*, mencionadas anteriormente, foram um importante começo para a minha vida acadêmica. Elas tiveram a duração necessária para eu adquirir uma rígida disciplina de estudos e preparação de aulas, uma vez que era preciso me organizar, pois a Faculdade e a política consumiam grande parte do meu tempo. Fragmentado pelas facções políticas que o disputavam, o Cursinho do Grêmio deu origem a outros cursos preparatórios e eu, em 1970, me tornei professora de um deles, *Etapa Vestibulares*, lecionando Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e confeccionando apostilas.

Os três anos como professora de “cursinhos” foram extremamente enriquecedores, embora massacrantes. No começo de 1971, entretanto, surgiu a oportunidade de deixar os cursos preparatórios para o Vestibular e participar de uma experiência didática diferente. O saudoso crítico de música erudita José Jota de Moraes (1943-2012), meu grande e querido amigo, também professor e itapetiningano, convidou-me para trabalhar no IADÊ, um colégio técnico muito especial, que congregava em seu corpo docente muitos artistas e arquitetos, representando na época um trabalho inovador em termos de *Segundo Grau*.

Minha permanência de seis anos nessa escola contribuiu decisivamente para a minha formação didática e intelectual. Meu trabalho com língua, literatura e redação era feito em parceria com o grande amigo e intelectual José Jota de Moraes, desenvolvendo-se interdisciplinarmente com História, História e Teoria da Arte, diferentes disciplinas voltadas para o Desenho, a

Sociologia e a Filosofia. Além disso, foi durante esse período que tive a oportunidade de conhecer, dentro e fora da escola, sempre por meio dos professores que lá trabalhavam e por interferência da filosofia que regia o ensino do IADÊ, pessoas e grupos ligados às vanguardas do momento. Esse é o caso de Haroldo Campos e Augusto de Campos e, conseqüentemente, da Poesia Concreta; dos trabalhos de Naum Alves de Souza, que tinha um de seus espaços de trabalho num galpão do IADÊ; do Grupo Rumo; do grupo de teatro inovador Pod Minoga; de Samir Meserani e sua inovadora experiência com redação criativa, a qual praticávamos; de muitos artistas que tinham no Colégio IADÊ um ponto de encontro, ou mesmo um emprego caso, por exemplo, de Marcelo Nitsche (1942-2017).

Essa riquíssima experiência coincidiu, em grande parte, com meu curso de Pós-Graduação. Inteira e intensamente envolvida pelo trabalho com a linguagem, uma vez que o Colégio IADÊ me contratara em tempo integral, isto é, com remuneração que incluía as horas de pesquisa e a preparação conjunta de cursos, optei pela Pós-Graduação na área de Linguística (Semiótica e Linguística Geral da FFLCH/USP), não sem antes pesar minhas fortes tendências para os Estudos Literários. A escolha foi feita porque, tanto naquele momento como hoje, acredito na abertura implicada nas inúmeras tendências que envolvem a Linguística, quer nas suas versões voltadas para o estudo da imanência, quer nas voltadas para o estudo da linguagem em uso e mais especificamente para os estudos do discurso. Naquele momento, assim como hoje, essa área do conhecimento se apresentava como uma oportunidade de articular meus interesses por língua, literatura e, especialmente, teorias da linguagem.

Embora o curso de Pós-Graduação e o IADÊ preenchessem muitas horas do meu dia, aceitei iniciar também minha carreira universitária. Em 1973, recebi o convite para trabalhar como

Instrutora Voluntária no curso de Linguística, pertencente ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Voluntária significava, naquele momento, não remunerada, sem qualquer direito, mas com todos os deveres de um professor regular. Assim permaneci por alguns anos.

Estando as atividades políticas sufocadas naqueles duros anos, passei a me dedicar inteiramente à pesquisa e à docência, tendo a oportunidade de conviver, graças às especificidades dos vários espaços, com grupos de pessoas muito diferentes, mas que participavam de forma essencial na minha formação e na construção do meu caminho profissional e acadêmico. A opção pela Área de Semiótica e Linguística Geral proporcionou-me muitas alegrias e também muitos dissabores. Sob a orientação do professor Cidmar Teodoro Pais, um dos únicos orientadores na área, procurei contornar os infortúnios das conturbadas relações orientanda-orientador, dedicando-me ao estudo das teorias sobre os sistemas de significação, multifacetados naquele momento entre a semiologia, a teoria peirceana e a semiótica greimasiana.

Na época, eu ainda não tinha notícias da análise do discurso e nem mesmo das obras de Mikhail Bakhtin e dos demais membros do hoje denominado Círculo. Imaginava, porém, se não seria possível analisar e interpretar a produção de sentidos com o mesmo rigor praticado pela sintaxe e pela fonologia. Intuí a possibilidade de trabalhar a materialidade do texto, sua dimensão linguística, verbal, e mesmo as dimensões híbridas, verbo-visuais, relacionando-as ao extra verbal, olhando-as pelas frestas das constitutivas articulações *texto-contexto*. Era sem dúvida mais um momento em que eu experimentava várias teorias, mas não tinha ainda chegado àquela que me escolheria e me tornaria uma especialista em discurso.

A tese de doutorado, defendida em 1981, quando eu já estava casada com uma filha, e intitulada de forma bastante extravagante

e intertextual “Questão de ordem, questão de desordem: um lance de dados que jamais abolirá o acaso”, é uma análise semiótico-literária da obra *A festa* (1976)², do escritor brasileiro contemporâneo Ivan Ângelo. A fundamentação teórica respalda-se no semioticista Algirdas Greimas e em Roland Barthes, em sua fase semiológica. Ao empreender a leitura de um dos primeiros romances brasileiros a retratar de maneira não convencional, interdiscursiva e intertextual a situação política brasileira, o trabalho pretendeu ser também uma reflexão crítica sobre a objetividade nas Ciências Humanas.

Na expectativa de poder encontrar na semiótica greimasiana um instrumento para a análise do relacionamento texto-contexto, acabei de certa forma concluindo que a rigidez imposta pelo método, ao menos como ainda estava sendo concebido em seus primeiros anos de existência, não só não dava conta (e nem pretendia dar...) da relação objetivada como, ao mesmo tempo, despertava a desconfiança sobre a possibilidade de uma metodologia inteiramente objetiva para a leitura da riqueza de um texto. Pior que isso, ao final da análise e, portanto, terminada a tese, tive a certeza de que a submissão de um texto às grades da análise semiótica (como eu a praticara, evidentemente) não apenas transformava os textos em invariáveis que não o distinguiam de qualquer outro, como punha em xeque o conceito de texto, de linguagem viva e em uso. Por essa razão, apesar de ter publicado tanta coisa, jamais quis publicar a tese de doutorado em seu conjunto.

Afastei-me da perspectiva estrutural greimasiana e saí em busca de outras teorias voltadas para a linguagem em uso, com uma dicção social e cultural mais forte. Com relação à utilização das reflexões de Roland Barthes, o trabalho, sob esse aspecto, serviu para mostrar a abertura representada por Barthes diante de uma Linguística puramente estrutural, possibilitando uma certa

² Para a edição de *A festa* de 1995, escrevi “A narrativa como criação e resistência: a cumplicidade da escritura” (ÂNGELO, 1995, p. 223-233).

flexibilização da análise e, ainda, despertando meu interesse para suas brilhantes obras. Dentre o conjunto de seus escritos, a obra *Mitologias* (1972), que tanto me inspirou na construção e teorização de análises verbo-visuais³, traz no final da introdução as seguintes palavras que sempre iluminaram para mim a relação entre ciência e artes, estudos linguísticos e estudos literários:

Quero dizer que não posso aderir à crença tradicional que postula um divórcio de natureza entre a objetividade do cientista e a subjetividade do escritor, como se um fosse dotado de um a “liberdade” e outro de uma “vocação”, destinadas, ambas, a escamotear ou sublinhar os limites reais da sua situação. Exijo a possibilidade de minha época, que pode fazer de um sarcasmo a condição da verdade (BARTHES, 1972, p. 8).

Antes de completar meu doutorado, deixei o trabalho de *Instrutor Voluntário* no Departamento de Linguística e Línguas Orientais da FFLCU/USP, após alguns anos de ensino de Linguística para classes que contavam com mais de duzentos alunos, uma vez que Introdução à Linguística era obrigatória para todos os alunos que entravam em Letras. Já com o título de Doutor, fui convidada para reiniciar o trabalho junto aos professores de Linguística, mas não aceitei. Não me pareceu, naquele momento, que o curso de Linguística da USP pudesse deixar de ser o núcleo de difícil convivência no qual se transformara. Vários professores haviam saído e eu não me sentia, ainda, com forças para enfrentar a luta.

Mas antes um pouco, em 1975, surgiu uma outra oportunidade de trabalho em nível universitário. Nina Rosa Lourenço, professora de Língua Portuguesa no Departamento de Letras Clássicas e

3 Os textos reunidos em *Mitologias* foram escritos entre os anos 1954 e 1956 e o livro aparece em 1957, sem ilustrações, embora os textos analisados sejam visuais ou verbo-visual. Em 1970 foi publicado na França *Mythologies Barthes*, um *beau livre*, uma edição belissimamente ilustrada, estabelecida pela pesquisadora Jacqueline Guittard. A esse respeito, ver Brait (2014), que discute a possibilidade de leitura da verbo-visualidade, a partir da teoria dialógica do discurso proposta por Bakhtin e o Círculo, tomando como objeto um dos ensaios de *Mythologies illustrées*: “Saponáceos e detergentes”.

Vernáculas da USP, convidou-me para fazer parte do corpo docente da Faculdade de Comunicação Social da FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado, lecionando *Técnicas de redação*. Naqueles anos, a FAAP já era um importante centro de ensino de São Paulo, reconhecido não apenas pela excelência de seu curso de Artes Plásticas e Engenharia, mas também pelos cursos de Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Rádio e Televisão. A disciplina que assumi tinha sido ministrada por João Alexandre Barbosa, Lygia Correa de Moraes e Edith Pimentel Pinto. E no ano em que entrei, Wladimir Herzog, que era um dos professores da casa, lecionando telejornalismo, foi morto pela ditadura, fato que determinou a desativação, em curto prazo de tempo, do curso de Jornalismo.

Passei dez anos na FAAP, de onde saí em 1985 para assumir a função de Professor Assistente- Doutor em RDIDP (Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa) junto ao Curso de Linguística do Departamento de Linguística e Línguas Orientais da FFLCH/USP, ou seja, o mesmo em que estive por vários anos como *Instrutor Voluntário*. Os dez anos passados na FAAP foram repartidos entre os cursos na Graduação, a Chefia do Departamento Básico, as lutas pela melhoria do ensino, do currículo e dos salários. Mas foram, principalmente, anos de convivência com excelentes profissionais que deixei no momento em que pude assumir o tempo integral na USP, como fizeram meus renomados antecessores.

No final dos anos 70 e durante os 80, minha experiência como professora no IADÊ e depois na FAAP converteram-se em dois tipos de publicações, profundamente relevantes para minha constituição como estudiosa da linguagem: a crítica militante em jornais, especialmente o *Jornal da Tarde*, e a produção de livros didáticos.

A crítica militante

No ano em que entrei para a FAAP, o mesmo José Jota de

Moraes, que era crítico de música erudita do *Jornal da Tarde* e meu chefe no Departamento Teórico do IADÊ, me iniciou na crítica militante. A seu convite, passei a fazer parte do corpo de críticos do *Jornal da Tarde*, atividade que naquele momento ocupava um grande espaço nos jornais e revistas do país.

Meu primeiro trabalho foi escrever um texto para a seção *Contraponto*, espaço reservado a reflexões sobre os mais diversos assuntos. Ao chegar ao resultado final, intitulado “O verbo no princípio. E no fim”, vivi uma curiosa experiência. Com o propósito de analisar as relações existentes entre linguagem verbal e linguagem visual, evidentemente impregnada pela vivência acadêmica e por um interesse que perdura até hoje, entreguei ao editor Maurício Kubrusly meu primeiro texto jornalístico. Depois de ler com muita atenção, o editor fez o seguinte comentário: “Seu texto é bom. Entretanto, você terá de se decidir entre a marginal do Pinheiros e a marginal do Tietê”. E me devolveu as laudas que eu havia entregado a ele. Voltei para casa, meditei a respeito da imagem geográfico-fluvial, refiz o texto e entreguei de novo a Maurício. Foi publicado no sábado seguinte (*Jornal da Tarde*, 29/09/75, p.18) e daí em diante escrevi, sistematicamente, durante mais de dez anos, nesse e em outros jornais e revistas, consciente de que a produção banhada pelo rio Pinheiros não pode ser idêntica àquela regada pelo Tietê, embora não se excluam e possam até dialogar em uma terceira margem.

As duas centenas de artigos elaborados nesses anos, e que têm por objeto a literatura brasileira e estrangeira, teoria literária e estudos linguísticos, formam um conjunto de resenhas e ensaios de fôlego compatível com o veículo a que se destinaram e que, dada a regularidade, testemunham boa parte da intensa produção literária, crítica, ensaística e didática do período. Essa experiência representou uma das atividades mais importantes do meu trajeto profissional, não apenas enquanto disciplinado exercício de informação e estilo,

mas como condição de acompanhamento sistemático e reflexivo de uma fatia específica do mercado editorial brasileiro.

É bem verdade que ao lado da notoriedade involuntária condicionada pelo nome impresso em letras de forma, em veículos de grande circulação, ocorria uma ambígua recepção por parte da comunidade acadêmica... Assim como o jornalista desenvolve uma espécie de preconceito contra o rigor e as formas de trabalho da Universidade, a academia oscila entre a necessidade de ver seus trabalhos divulgados pela imprensa e um certo preconceito contra o *caráter ligeiro* exigido pela mídia. No concurso para efetivação na USP, ao qual me submeti em 1990, após vários anos de estar contratada como “precário”, um dos membros da banca examinadora, depois de me considerar extremamente produtiva (mesmo de acordo com os padrões internacionais..., segundo suas gentis palavras), me perguntou se eu achava que os textos publicados em jornal tinham a mesma importância que os divulgados em periódicos científicos. Respondi que tinha consciência absoluta das diferenças existentes entre os dois tipos de atividade (de novo as margens do Tietê ou do Pinheiros?...), que não apenas meu primeiro editor tinha me explicado essa diferença com uma única e metafórica frase, mas que minha duplicidade (acadêmico/jornalística) me obrigara a essa disciplina, ou seja, a me adaptar aos gêneros, considerando as especificidades e as coerções de cada uma das esferas da atividade humana. Se a linguagem era sempre meu tema de partida, nas aulas, nos artigos para jornais e revistas, em artigos científicos, nos livros didáticos e paradidáticos, isso significava um trabalho constante em que a heterogeneidade não implicava esquizofrenia ou polos excludentes. Ao contrário, tratava-se do encontro com a alteridade, com o plurilinguismo, com a heteroglossia constitutiva da língua, das linguagens e, conseqüentemente, das identidades eternamente em construção. E das diferentes esferas e gêneros que as caracterizam.

A diminuição progressiva de artigos para jornal e revistas a partir de 1988 e o aumento significativo de publicações em periódicos científicos, anais de congressos e participação em livros especializados não significam escolha exclusiva pelas margens de um dos rios. Há aí as coerções existenciais e profissionais. Enquanto eu era professora horista na FAAP, sem projeto institucional de pesquisa, sem obrigação de formar pesquisadores ou de participar sistematicamente de encontros científicos, comissões examinadoras e outras atividades constitutivas do tempo integral e da filosofia das universidades públicas e das confessionais, podia me dar ao luxo de ler e escrever durante muitas horas do meu dia, transformando esse fazer em uma profissão: crítica militante. A dedicação em tempo integral à pesquisa e à docência impossibilitou a continuidade da crítica militante, uma atividade profissional que requer longas horas de trabalho.

Os livros didáticos e paradidáticos

No que diz respeito aos livros didáticos e paradidáticos, é preciso comentar a maneira como minha relação com o ensino de língua, de literatura, de teorias da linguagem me encaminharam para a publicação de várias obras, já a partir do final da década de 1970.

Como resultado do trabalho desenvolvido no IADÊ e na FAAP, surgiram quatro livros didáticos: *Encontro com a linguagem*, em três volumes, e *Aulas de redação*, todos publicados pela Atual Editora (1977, 1978, 1979 e 1980). Essa produção, realizada em parceria com Nina Rosa Lourenço e José Luiz da Costa Aguiar Negrini, constitui uma etapa bastante significativa na minha vida profissional. Durante quatro anos, Nina, José Luiz e eu nos reunimos para pesquisar, discutir e escrever, patrocinados pela Atual Editora. A experiência que cada um havia tido com o ensino somou-se ao objetivo de

produzir um material didático que articulasse língua, literatura e redação, de acordo com as contribuições mais recentes, naquele momento, das teorias sobre a linguagem. O resultado foi muito bom. Os livros foram adotados em bons colégios e constaram, durante vários anos, de bibliografias de Linguística e Língua Portuguesa, tanto da USP quanto da PUC-SP, para citar apenas duas grandes Universidades.

Participei, também, como autora, da coleção *Literatura comentada*, que teve sua primeira edição publicada pela Abril Cultural e as demais pela Nova Cultural. A convite da organizadora, e hoje grande amiga, Marisa Lajolo, elaborei os volumes *Guimarães Rosa*, *Ferreira Gullar* e *Gonçalves Dias*. Sendo uma antologia comentada, com introdução sobre particularidades do autor, das obras e da época, e sendo destinada ao uso escolar, mais uma vez tive a oportunidade de fazer confluír minhas preferências literárias e um exercício de estilo que, aproximando-se do texto jornalístico, deveria necessariamente dosar o rigor da pesquisa, e uma certa aura acadêmica, à possibilidade de acesso fácil ao público. A coleção, uma espécie de “nossos clássicos”, constitui um dos felizes e úteis achados da combinatória Universidade-Indústria Cultural. Cada um dos meus títulos teve três edições.

Em 1985, mesmo ano de meu reingresso na USP em tempo integral, publiquei *A personagem*, dentro da *Coleção Princípios* da Editora Ática. Nesse livro, procurei reconstruir as principais concepções teóricas existentes sobre os “seres de ficção”. Ao mesmo tempo em que as questões da linguagem começam a articular posturas literárias e discursivas, também há depoimentos de vários escritores brasileiros de renome, os quais generosamente responderam à questão “De onde vêm esses seres?”, completando o enfoque. Depois de muitas edições e reimpressões, em 2017, revista e ampliada, tanto em termos teóricos como em número de depoimentos, *A personagem* foi publicada pela Editora Contexto.

Essa nova edição acolhe, como não poderia deixar de ser, pesquisas e reflexões que venho desenvolvendo, desde o final dos anos 1980, a respeito de M. Bakhtin, V. Volóchinov e P. Medviédev e os demais membros do hoje denominado *Círculo*, testemunhando meu encontro com os estudos dialógicos do discurso, que me levaram à proposição da *Análise Dialógica do Discurso* (ADD) e, também, os estudos da verbo-visualidade (intersemioses, multimodalidades). No item intitulado “A personagem sob as luzes do século XX” afirmo:

[...] não seria coerente se não fizesse menção a uma vertente do conhecimento iniciada nos anos 1920, mais conhecida no Ocidente a partir dos anos 1970, que se afasta radicalmente do tratamento estrutural, formalista da personagem. Na verdade, trata-se de uma reflexão que desenvolve uma polêmica aberta com essas perspectivas, especialmente no que se refere à concepção de linguagem, tanto artística quanto não artística (BRAIT, 1917, p.57).

Em seguida, destaco três das obras de Bakhtin em que essa temática foi magistralmente desenvolvida - “O autor e o herói [a personagem] na atividade estética”, *Problemas da poética de Dostoiévski* e “O discurso no romance” -, apresentando, a partir delas, uma análise de discursos literários de resistência, os quais tematizam a ditadura militar brasileira dos anos 1960-1980 e que constituem uma temáticas centrais de meus projetos de pesquisa, acolhidos e financiados pelo CNPq desde a segunda metade dos anos 1990.

Parênteses necessário

Retomando um pouco o caminho... A volta para a USP em 1985, como professora de Linguística, foi um acontecimento que envolveu um longo processo de reflexão e uma grande dose de paciência de ex-professores e amigos empenhados em me ajudar na difícil decisão. Por um lado, eu precisava, àquela altura da

vida profissional, participar de uma instituição que me oferecesse espaço e condições para a docência e para a pesquisa. Por outro, eu conhecia bem todos os problemas que envolviam o curso para o qual estava mais uma vez sendo convidada e com o qual tinha tido uma longa vivência como aluna e como professora. Sabia, ainda, de todos os linguistas que haviam sido forçados a procurar um outro espaço para continuar suas carreiras, para desenvolver seus trabalhos. As conversas com professores da casa, principalmente meu ex-professor e grande amigo João Alexandre Barbosa, pesaram positivamente na decisão. Com a mesma serenidade com a qual me incentivou para os estudos literários, João Alexandre também me forneceu as razões e a força para aceitar o convite: ocupar um espaço de possibilidades, ao qual na opinião dele eu fazia jus, e tentar contribuir, com meu trabalho e com meus esforços, para uma mudança radical no Departamento de Linguística, uma vez que muitas pessoas estariam dispostas a participar das transformações da Linguística na USP.

Foi motivada por esses fatores que iniciei a difícil batalha pessoal para me reintegrar ao grupo de Linguística da USP. Confesso que o começo foi muito difícil e, a todo momento, eu me sentia tentada a abandonar a empreitada. Era quase impossível encontrar tranquilidade para a pesquisa e para a docência num espaço tão doentamente conturbado. Contudo, dentro e fora do Departamento, começaram a despontar pessoas e maneiras de contornar e mesmo derrubar a muralha que separava aquele feudo linguístico do restante do mundo. A tentativa de construir meu próprio espaço coincidiu, apesar de todas as dificuldades contextuais, com o esforço conjunto de reconstrução de um espaço coletivo em que o trabalho com a linguagem fosse conduzido de forma democrática, científica, sem personalismos exacerbados. Isto é, de forma que a Linguística da USP rompesse com os quase 20 anos de constrangedora centralização e nefasto, cientificamente,

afastamento do restante da Linguística brasileira.

Se o custo dessa empreitada foi alto, os resultados foram extremamente positivos. Em termos pessoais, passei de fato a ter uma vivência acadêmica ideal, concentrando e aprofundando minhas pesquisas, como comprovam o conjunto dos trabalhos apresentados em congressos, seminários, simpósios e colóquios, as várias disciplinas ministradas durante anos na Graduação e na Pós-Graduação, a orientação de alunos, tendo vários mestrados e doutorados defendidos, a representação docente em vários níveis - Departamento, Comissão Interdepartamental de Letras, Conselho Técnico Administrativo, Congregação, Conselho Universitário, Conselho Editorial da Comissão de Publicações da FFLCH, Comissão Editorial da *Humanitas* e outras Comissões da FFLCH. Também é preciso destacar as duas gestões como Chefe do Departamento de Linguística e os dois concursos: Concurso de Efetivação na Carreira Docente e Concurso de Livre-Docente.

Considero que assumi uma cadência, um ritmo para o qual estivera me preparando desde a *Maria Antônia*. No que diz respeito ao Departamento de Linguística, o ingresso de novos professores, por concurso, a volta de grande parte dos linguistas que haviam abandonado o espaço, a realização de concursos de efetivação, a livre escolha da chefia do Departamento e da Coordenação da Pós-Graduação são fatores que deram uma nova identidade ao Departamento e à própria concepção de estudos linguísticos na USP.

Fecho os necessários parênteses

A partir do início do final dos anos 1980 e início dos anos 90, portanto, minhas pesquisas assumiram oficialmente uma área que bem pouco tempo antes não estava inserida na sistematização das diversas disciplinas, em nível de graduação e de pós-graduação,

voltada para o estudo das formas de construção do sentido, ou seja, a área de teoria e análise do texto e do discurso. Embora vários especialistas já trabalhassem com essa área há tempos, seguindo diferentes tendências teóricas, coube a mim iniciar, aos poucos, a perspectiva dialógica do discurso, os estudos de Bakhtin e o Círculo, na graduação e na pós-graduação. E é desse momento a minha participação no primeiro evento sobre Bakhtin, organizado pelo grande bakhtiniano Carlos Alberto Faraco, no Departamento de Linguística da Universidade Federal do Paraná, de 24/11 a 04/12 de 1987, do qual participaram Faraco, Luiz Roncari, Cristovão Tezza, Rosse Marye Bernardi, Boris Schnaiderman, Jerusa Pires Ferreira e eu. Como resultado, sai em 1988, pela editora Hatier, um livro pioneiro nos estudos bakhtinianos: *Uma introdução a Bakhtin*. A obra traz, além dos textos dos que colaboraram no curso, Notas Biográficas e Notas Bibliográficas, ou seja, informações inéditas em português.

Paris pintou no pedaço

A ideia de um pós-doutorado no Exterior surgiu em função da necessidade pessoal e profissional de vivenciar, pela primeira vez, a vida universitária fora do Brasil. Com um projeto ligado às pesquisas que desenvolvia naquele momento, e que tinham como tema a ironia enquanto processo de estruturação de texto, recebi da FAPESP uma bolsa para permanecer em Paris, trabalhando na École de Hautes Études en Sciences Sociales. Nos quase dois anos que lá fiquei, vivi, juntamente com a minha família (marido e a filha Mariana), as facilidades cotidianas, culturais e intelectuais que propiciaram um grande avanço nas minhas pesquisas e a consciência da possibilidade de contribuir para os estudos da linguagem no Brasil.

O contato com as condições de estudo no exterior teve o

mérito de causar dois conjuntos de impressões opostas, e que deram motivo a novas maneiras de enfrentar e compreender as condições brasileiras de pesquisa. De um lado o deslumbramento, que não é apenas fruto do imaginário colonizado, mas constatação de reais condições de pesquisa em excelentes bibliotecas, do acesso relativamente fácil a um insuspeitável material de pesquisa. Hoje talvez isso possa ser relativizado pelas facilidades representadas pela Internet. Naquele momento, contudo, estar no Exterior, por motivos de pesquisa, era realmente uma necessidade e um privilégio. Além disso, o contato com Jacqueline Authier-Revuz, Oswald Ducrot, Eric Landowski, Denis Bertrand e outros tantos pesquisadores, teve o mérito de fazer evoluir minhas pesquisas e abrir portas para as informações, cursos e seminários.

De outro, a frequência ao “Séminaire de Sémantique Générale”, bem como aos ateliês a ele ligados, atividade que me ocupou o semestre letivo 1991-1992, foi um aprendizado que ultrapassa e muito as informações sobre os estudos em torno da significação e aguça um sentido crítico. Boa parte dos professores, dos alunos, das pesquisas em andamento e, ainda, da organização e da condução de muitos ateliês configuram a fragilidade da excelência que, naquele momento, se atribuía aos estudos semiolinguísticos franceses. Assim como entre nós há coisas boas e ruins, ficando a eficiência e a produtividade por conta de bons projetos, lá também havia projetos sofríveis. Complementei, paralelamente, minhas pesquisas em Paris III e Paris X, ampliando meus contatos e meus conhecimentos.

Destaco aqui um evento excepcional que marca minha primeira atuação como pesquisadora fora do Brasil. Proferi, muito honrada pelo convite, uma conferência na velha Sorbonne, intitulada “La ‘langue brésilienne’ et le modernisme: Lima Barreto, Hilário Tácito et la Gramatiquinha de Mário de Andrade”, no DEA Études Portugaises, Brésiliennes et de L’Afrique Lusophone/

Responsable: Georges Boisvert, Université de la Sorbonne Nouvelle então Paris III, no dia 11/12/92.

Sob todos os pontos de vista, a experiência parisiense representou um enriquecimento pessoal, intelectual e acadêmico, traduzido em “produtos científicos”:

a) a tese de livre-docência, transformada no livro *Ironia em perspectiva polifônica* (Editora da Unicamp, 1996; com 2. ed, em 2008 e com muitas reimpressões). Nesse trabalho, mais uma vez, e de maneira mais aprofundada, procuro estabelecer a articulação entre estudos linguísticos e literários, buscando a via da análise dialógica do discurso, apresentando, na primeira parte, a tradição dos estudos da ironia, incluindo as tendências contemporâneas, e acrescentando a contribuição enunciativo-discursiva pretendida pelo trabalho, assim como a reflexão sobre a verbo-visualidade; na segunda parte, faço a análise do romance brasileiro *Madame Pommery*, escrito por Hilário Tácito, pseudônimo do engenheiro araraquarense José Maria de Toledo Malta. A escolha do romance se deve não a sua notoriedade, já que era (e é) pouco conhecido, mas ao fato de sua estrutura irônica, interdiscursiva e intertextual, possibilitar o reconhecimento da ironia como forma de construção textual e o romance como um antecipador de técnicas linguísticas e discursivas exploradas a partir do Modernismo. *Ironia em perspectiva polifônica* é, portanto, um trabalho que pretendeu contribuir para uma nova perspectiva da ironia e, também, configurar-se como o resultado de um processo de múltiplas faces, cuja identidade consiste justamente em sua “heterogeneidade constitutiva”, semelhante à concepção de linguagem que o inspirou.

b) Coordenação, juntamente com Michel Arrivé/ Paris X, do projeto internacional “Construção do sentido e aquisição das línguas”, Acordo CAPES/COFECUB - Université de Paris X Nanterre/ Institut des Sciences du Langage/ Departamento de Didática das Línguas/FLE (Francês Língua Estrangeira) - USP-SP/Departamento

de Linguística e Departamento de Letras Modernas/Francês, prolongando-se por cinco anos, resultando em Missões de Trabalho (duas por ano) e Missões de Estudo (seis, incluindo bolsa sanduíche e pós-doutorado) o que me possibilitou a volta acadêmica a Paris, em “Missão de Trabalho”, em 1994 e 1997;

b.1) Realização de dois encontros internacionais - *Colóquio Internacional: Cem Anos de Bakhtin*, 16 a 18/11/1995 e *Colóquio Internacional: pesquisa, ensino de línguas estrangeiras e mercado: encontros e espaços*, 03 a 06/11/98

b.2) Publicação de dois números especiais dos periódicos científicos *Língua e Literatura*, nº 21 (FFLCH/USP, 1995) e LINX (Paris, 1998), ambos com artigos resultantes das pesquisas efetuadas no âmbito do Acordo.

b.3) Organização do livro *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido* (Editora da Unicamp, 1997, com 2.ed. revista em 2005 e muitas reimpressões, sendo a mais recente de 2020).

b.4) Vários cursos de pós-graduação foram dados e organizados, contando com os participantes brasileiros e franceses do Acordo.

c) Ingresso no CNPq como pesquisadora/Bolsista. Hoje sou pesquisadora 1A.

Mesmo com a aposentadoria no final de 1997, continuei coordenando o Acordo CAPES/COFECUB, ministrando cursos, orientando alunos e participando de várias atividades do Departamento e da Universidade.

Próxima parada: PUC-SP

Filha da USP desde o final da década de 60, quando entrei para o curso de Letras, vivi o drama de abandonar o “lar”, no momento em que as questões controversas da Previdência ameaçavam os direitos dos aposentáveis. Não foi uma decisão fácil. O processo foi traumático tanto para mim quanto para o

Departamento de Linguística. Na verdade, o vínculo, profissional, pessoal e acadêmico era muito forte. Depois de choro e ranger de dentes, da revolta inicial dos colegas, não apenas do Departamento, mas da Faculdade como um todo, o fato se consumou. Antes mesmo que saísse publicada minha aposentadoria, recebo um telefonema da professora Leila Bárbara, dizendo que meu nome tinha sido indicado para compor o corpo de professores do PEPG em LAEL da PUC-SP.

A surpresa foi imensa e maior ainda a satisfação. É verdade que meu contato com a PUC-SP, especialmente com o LAEL, já datava de muitos anos, incluindo uma aproximação com a professora Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva (quem fez minha indicação) durante minha permanência em Paris, uma vez que frequentávamos o mesmo curso de Jacqueline Authier-Revuz, em Paris III. Assim, depois de ter dado um curso com a professora Cecília de Souza e Silva - “Questões de Teoria e Análise do discurso: cenografia discursiva e produção de sentido”, no segundo semestre de 1997, curso que já tinha sido ministrado por nós duas no primeiro semestre do mesmo ano na USP, fui contratada pela PUC-SP, como professora do PEPG em LAEL/Departamento de Linguística, em março de 1998.

Desde aquele momento, minha integração com as pessoas e com a vida acadêmica desenvolvida pelo LAEL tem sido prazerosa e produtiva. Em primeiro lugar, é preciso dizer que não há diferença entre as formas de trabalho desenvolvidas na USP e as que são desenvolvidas especialmente no LAEL, a não ser pelas idiossincrasias específicas de cada espaço. Assim sendo, e considerando que meus estudos enunciativos-discursivos, impulsionados pela concepção e ensino da linguagem de Bakhtin e o Círculo interessavam à filosofia do LAEL, tenho preparado e ministrado, durante as mais de duas décadas que me encontro aqui, disciplinas, seminários de pesquisa, minicurso, além de intensa orientação de Mestrado e Doutorado, assim como supervisão de Pós-Doutorados.

Destaco que, já em 1998, ministrei o curso “Linguagem, instituição e história: as contribuições de Bakhtin para uma teoria dialógica do discurso”, tendo a obra bakhtiniana e sua contribuição para uma reflexão a respeito das relações existentes entre linguagem, instituição e história, destacando para estudo comentadores de diferentes nacionalidades e diferentes posturas, como é o caso dos russos, dos franceses, dos espanhóis e argentinos e dos americanos. E que no primeiro semestre 1999, ofereci o curso “Tópicos em análise do discurso: *as contribuições de Bakhtin para uma teoria dialógica do discurso*”, eu diria que um marco para o que eu começava a esboçar como Análise Dialógica do Discurso. Depois de ensaiada teoricamente em outras disciplinas e em apresentação de congressos e em alguns artigos, a ADD aparece explicitada no capítulo “Análise e teoria do discurso”, na obra *Bakhtin: outros conceitos-chave* (BRAIT, 2006, p. 9-31).

Os Seminários de Orientação e de Pesquisa também me deram a oportunidade de uma disciplinada discussão conjunta com os orientandos. Essa discussão sistemática da obra de Bakhtin e o Círculo originou duas importantes obras: *Bakhtin: conceitos-chave* (BRAIT, 2005) e *Bakhtin: outros conceitos-chave* (BRAIT, 2006), com a participação de vários pós-graduandos e também de estudiosos da obra do Círculo. Na verdade, essas discussões, e a troca de pesquisas com bakhtinianos, tiveram continuidade em duas outras obras: *Bakhtin, dialogismo e polifonia* (BRAIT, 2009) e *Bakhtin e o Círculo* (BRAIT, 2009).

A intensa convivência acadêmica com a Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, em cursos dados em conjunto, em eventos científicos, em orientações em parceria e no trabalho acadêmico de pesquisa e de orientação no LAEL/PUC-SP, motivou meu contato com o Projeto “Atividades de linguagem em situação de trabalho”, também um Acordo CAPES/COFECUB 225/97, dentro da linha de pesquisa Linguagem e Trabalho, na qual me insiro até hoje. Nele

havia o intercâmbio muito produtivo entre pesquisadores brasileiros e franceses ligados a linguagem e trabalho. O fato de meu interesse pelos estudos da linguagem e pela especialização nos trabalhos do Círculo contribuiu de forma decisiva para a possibilidade de minha inserção no grupo. Considerando o fato de que vários pesquisadores grupo francês valiam-se das posturas bakhtinianas para trabalhar as particularidades da linguagem em situação de trabalho, passei a participar das pesquisas propostas pelo Projeto. Além desse projeto, na condição de pesquisadora do CNPq, desenvolvi, como coordenadora, o Projeto Integrado *As práticas de linguagem e a construção do sujeito e da identidade em situação de trabalho* (CNPq 1999-2004) tendo, ainda, desenvolvido o projeto individual *Estudos enunciativos no Brasil: história, perspectiva e relações de linguagem e trabalho*.

Nesse sentido, depois de 2004, tive aprovados pelo CNPq e desenvolvi os projetos: “Contribuições teórico-metodológicas da perspectiva dialógica de discurso para a análise das relações estilo, trabalho e construção de identidades” (2005-2008); “Verbo-visual e produção de sentidos: perspectiva dialógica” (2009-2014); “Fundamentos e desdobramentos da perspectiva dialógica para a análise de discursos verbais e verbovisuais (2015-2019); Discursos de resistência: tradição e ruptura (2019 – Atual). Nesses últimos, já inseri uma vertente voltada para o discurso literários: “Gêneros: tradição e ruptura na ficção brasileira contemporânea” (2013 – 2019) e “Discursos literários brasileiros de resistência” (2020 – Atual). A razão dessa inclusão é que, em 2013, ingressei no PEPG de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, conciliando, institucionalmente, meus estudos da linguagem cotidiana e estudos da linguagem artística.

Ao longo do percurso, passei a ser assessora *ad hoc* da CAPES, do CNPq e da FAPESP; Membro da Avaliação Trienal/Quadrienal dos Programas de Pós Graduação, por várias vezes; líder do GP/CNPq/PUC-SP *Linguagem, Identidade e Memória*; membro do GT/

ANPOLL Estudos Bakhtinianos; Coordenadora do PEPG em LAEL-PUC-SP (2001-2009); Presidente da ANPOLL (2004-2006); Membro do Comitê Assessor do CNPq/Área de Letras e Linguística (2010-2013); Membro do Comitê Consultivo SciELO, representante da Área de Letras, Linguística e Artes (2013-2016), Moderadora / SciELO de preprints; professora visitante na Université de Provence - IUFM-ADEF, UP-IUFM-INRP/França (2005) e, também, na Universidade Federal da Bahia/UFBA/Brasil (2000/2001).

A perspectiva dialógica, a Análise dialógica do Discurso, finalizando a conversa.

Penso finalizar este panorama sobre minha relação profissional e existencial com a linguagem, com a linguística, com a análise do texto e dos discursos, acreditando em uma contribuição para a linguística *no feminino*, com as características do que se denomina hoje Análise Dialógica do Discurso (ADD), consequência desse percurso acadêmico, de minhas escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas em relação a discurso e seus estudos, dos contatos com os estudiosos de Bakhtin e o Círculo, no Brasil e no exterior.

Em primeiro lugar, as linguagens, como afirmam diferentes filosofias, aí incluída a filosofia da linguagem e da cultura proposta por Bakhtin e o Círculo, é essencial para que o ser humano entre em contato com a cultura, a sociedade, pelo fato de que essas dimensões não podem ser observadas de forma direta. A percepção, observação e interpretação passam, necessariamente, pelas linguagens, pelos discursos que as materializam. É preciso, portanto, situar o que estamos entendendo por *discurso* e isso só pode ser feito a partir de um lugar epistemológico, teórico e metodológico, no qual nos situamos e constituímos nossa identidade científica, a qual implica,

pela complexa natureza do objeto estudado, o envolvimento alteritário (constitutivo) com outros saberes e lugares de existência, atuação e resistência.

Se levarmos em conta o amplo campo ocupado institucionalmente, no Brasil e no exterior, pelas ADs, cujas pesquisas se caracterizam por ter o *discurso* como elemento centralizador, nos defrontaremos com as variadas e produtivas dicções francesas, anglo-saxãs e russo/brasileiras, sem que haja entre elas unanimidade em torno do conceito de *discurso*. Ele é concebido não como um mesmo e idêntico objeto, mas com as singularidades determinadas pela epistemologia, pelo lugar axiológico que rege cada uma das análises do discurso. Cabe a cada lugar epistemológico, a cada lugar teórico-metodológico, definir e delimitar os óculos, as lupas por meio das quais enxergará a sociedade, a cultura, a história, em sua complexidade, em seus multifacetados ângulos, sublinhando que essas dimensões são entrevistadas, sejam quais forem as dicções, com articulações necessárias com diferentes filosofias e com as ciências humanas em geral, por meio da linguagem e dos sujeitos e visões de mundo aí constituídos.

Detenho-me aqui no campo dos estudos do discurso a que estou filiada há algumas décadas, com o qual venho trabalhando, por meio da qual produzi a maior parte de minhas reflexões, publicações, disciplinas, orientações de Mestrado e Doutorado, assim como supervisões de pós-doutorado, que somam, em conjunto, mais de uma centena. Trata-se da perspectiva dialógica, que tem uma postura bastante explícita diante do conceito de discurso, sempre mobilizado em relação direta com sociedade e cultura. Refiro-me aos estudos denominados *bakhtinianos*, mas que na verdade dizem respeito à concepção filosófico/literária/linguística de ao menos três grandes pensadores da linguagem, e especificamente do discurso, dentre os vários que compõem o hoje denominado Círculo: Mikhail Bakhtin (1875-1895), Valentin N. Voloshinov (1895-

1936); Pavel N. Medvedev (1891-1938). Os escritos desses três russos oferecem e motivam abundantes e significativas discussões - de caráter filosófico, estético, teórico-literário, linguístico, enunciativo, discursivo, dentre outros - em torno *da linguagem em relação direta com a vida, com a sociedade, com a cultura*, como já destaquei em vários trabalhos. Os textos dos três iluminam essa perspectiva.

Relembro aqui apenas alguns aspectos do conjunto da produção desses estudiosos do discurso, a fim de reiterar, pela *Análise Dialógica do Discurso* (ADD), advinda desses pensadores, que existe uma relação constitutiva entre discurso, sociedade e cultura, acrescentando a ideia essencial da articulação, sem escapatória, de linguagem-sujeitos-posições axiológicas; discurso-sujeitos discursivos-valorção.

Logo no primeiro capítulo de *Marxismo e filosofia da linguagem*, V. Volóchinov afirma a relação entre linguagem e valorção social, cultural:

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. [...] O campo ideológico coincide com o campo dos signos [...] *Onde há signo há também ideologia* [...] *o caráter signico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos* (2017, p. 91, 93, 94; itálicos do autor).

Passo, em seguida, para o conceito de *discurso* que, também mobilizado pelos outros pensadores do Círculo, foi proposto por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski* (2013 [1ª ed. 1929; 2ª reelaborada 1963]), obra que, longe de ser somente um brilhante trabalho de teoria literária, é uma reflexão filosófica sobre o humano, sobre sua complexidade, possibilitando uma visão sobre a cultura, a sociedade e o conhecimento, necessariamente materializados na

linguagem. Dialogando com ideia *signo-ideológico* proposto por Volóchinov, Bakhtin toma *discurso* como objeto da Metalinguística, uma ciência que ele estava propondo e que, sem dúvida, podemos hoje considerar, como fiz em trabalhos anteriores (BRAIT, 1998, 2000, 2004, 2006) como teoria/análise dialógica do discurso:

[...] temos em vista o *discurso*, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se [...] (BAKHTIN, 2013, p. 207; itálico no original).

Mais adiante, ele deixa claro o que está definindo como *discurso* enquanto objeto da Metalinguística, associando-o ao conceito fundante dessa perspectiva que é *relações dialógicas*:

As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da Metalinguística. [...] as relações dialógicas são extralinguísticas [...] Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.) está impregnada de relações dialógicas [...] que carecem de momento dialógico. Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos. Para tornarem-se dialógicas [...] devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado, e ganhar *autor*, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa (BAKHTIN, 2013, p. 208, 209, 2010).

Esse complemento dá conta da singularidade do objeto da

Metalinguística, incluindo a explicitação de que essas relações se caracterizam como extralinguísticas, na medida em que se dão na relação vida-linguagem. E aí podemos entender social, cultural, implicando sujeitos discursivos enquanto posições axiológicas, interpretando o mundo refratado pela linguagem, pelos discursos enquanto vozes sociais valorativas e, por isso, dialogicamente tensas e polêmicas.

Para surpreendermos mais um elemento que nos oferece pistas *genéticas* sobre o caráter constitutivo da tríade discurso, sociedade e cultura, passamos ao texto “Discurso no romance” (BAKHTIN, 1915 [1934-35]), ensaio em que o pensador traz, de maneira pioneira, uma profunda reflexão sobre o diálogo social das linguagens, o plurilinguismo dialogizado [heteroglossia, heterodiscurso], a luta entre as forças centrípetas, orientadas para a centralização verboideológica, e as forças centrífugas, constitutivas das múltiplas línguas em uso e da descentralização verboideológica:

A estratificação e o heterodiscurso [plurilinguismo] se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípedas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de *descentralização e separação* (2015, p.41). [...] Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das centrífugas. [...] E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso [plurilinguismo] vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua presença ao sistema normativo-centralizador da língua única (2015, p.42)

Apenas esses dois exemplos já nos dão uma medida de que, com Volóchinov e Bakhtin, assumimos uma concepção de linguagem *semiótico-ideológica, dialógico-social*, na qual estão sublinhados os debates discursivos, motivados pelos embates entre lugares axiológicos, materializados em sujeitos discursivos, que são coagidos, de um lado pelas forças autoritárias, que pressionam

para a unidade das ideias, das linguagens, dos sujeitos; por outro, são impulsionados pelo plurilinguismo, que resiste e promove a descentralização.

Esses destaques são suficientes para reconhecer que lidamos com discursos, com universos discursivos povoados de vozes sociais, com o objetivo de interpretar a sociedade, entendida não como única, mas como múltipla, assim como as culturas que, vivas e ricas, não se reduzem à uma única cultura nacional. Se o sujeito discursivo é único, mas ao mesmo tempo social, essa é uma das razões para que a ADD dialogue tão fortemente com filosofias e com as ciências humanas em geral. É com esse arcabouço e essa posição que desenvolvo, enquanto pesquisadora do CNPq e juntamente com meus orientandos, pós-docs e colaboradores, meu projeto atual “Discursos de resistência: tradição e ruptura” (CNPq (Proc.307028/2018-6)).

Nessa pandemia sanitária e política que o Brasil atravessa, as universidades, assim como nossas associações, têm promovido eventos de forma remota, *lives* etc. motivando a continuidade da reflexão sobre o país e, especialmente, sobre os *discursos* que assolam o Brasil. Destaco aqui, como prova dessa atuação de analistas de várias dicções, não apenas da ADD, o periódico bilíngue (Português-Inglês), Qualis A1, indexado no SciELO, Scopus, Web of Science, adepto da Ciência Aberta, *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* (LAEL/PUCSP), do qual sou a editora responsável. Com quatro números por ano, publica e mostra a pesquisa das diferentes ADs, em diálogo com outras vertentes do conhecimento, no Brasil e no exterior.

A ADD, assim como as demais ADs, constitui uma perspectiva sobre a linguagem e seu estudo que interfere em paradigmas de ensino/aprendizagem, leitura, pesquisa, em diálogo aberto e interdisciplinar entre diferentes Ciências Humanas e suas aplicações. Isso transparece no esforço contínuo de interferência, por exemplo,

no estabelecimento de currículos oficiais para os diferentes níveis do ensino. É verdade que os embates com as forças sociopolíticas dominantes são uma constante e quase nunca os resultados são os desejados.

No caso da Análise Dialógica do Discurso, há muitos professores da rede de ensino que são orientados ou supervisionados por mim e por muitos outros “bakhtinianos” em todas as regiões brasileiras e em múltiplas instituições. Eles pesquisam e trabalham temas ligados à sala de aula, a interação professor-aluno, a interação escola-comunidade, à análise do trabalho específico do professor, enquanto profissional e educador, dentre outras funções exercidas na esfera escolar e administrativa e, também, à verbo-visualidade dos materiais que circulam na esfera escolar e acadêmica. Os resultados aparecem nas mudanças em relação às escolas, às comunidades em que atuam e, ainda, no universo pedagógico e na elaboração de materiais didáticos. Penso que duas coletâneas das quais participei como organizadora, podem ajudar a ver a efetiva produção da perspectiva dialógica e dos pesquisadores com ela envolvidos: *Dialogismo: teoria e(m) prática* (BRAIT, B; MAGALHÃES, A. S, 2014) e *Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)* (BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C.; FRANCELINO, P. F., 2019).

Um outro exemplo acontece em relação ao tema que tanto nos é caro: a inclusão. Refiro-me aqui à inclusão do povo surdo em diferentes esferas da atividade humana e dos trabalhos (dissertações, teses, artigos, etc.) em que a questão da tradução e interpretação em língua de sinais, assim como o aperfeiçoamento profissional de intérpretes, foi assumida discursivamente. A atuação dos pesquisadores dessa área, em geral professores e/ou intérpretes, é hoje reconhecida, paralelamente aos estudos formais das línguas de sinais. A questão do discurso, assim como concebida por Bakhtin e o Círculo, tem dado muitos frutos implicando atuação desses

doutores e mestres na formação dos intérpretes, na graduação e na pós-graduação, em universidades e institutos de ensino e em esferas artísticas e jurídicas. Essa é uma das minhas vertentes atuais, como se pode ver em vários trabalhos defendidos por orientandos, e no livro mais recente organizado por mim e pelo Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves/UFPR, intitulado *Bakhtin e artes do corpo* (HUCITEC, 2021). Isso me leva a enxergar muito trabalho inclusivo pela frente.

Referências

AMPUERO, Roberto. **O último tango de Salvador Allende**. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: Benvirá, 2014.

ÂNGELO, Ivan. **A festa**. São Paulo: Vertente, 1976.

ÂNGELO, Ivan. **A festa**. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. *In: Teoria do romance I: A estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015, p. 19-241.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. revista. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, 207. [1963]

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

BRAIT, B. & GONÇALVES, J. C. (ORGS.). **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021.

BRAIT, B.; MAGALHÃES, A. S. (Orgs.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014.

BRAIT, B.; PISTORI, M.H.C.; FRANCELINO, P. F. (Orgs). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. Campinas: Pontes, 2019.

BRAIT, B. **A personagem**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BRAIT, B. Revisitando mitologias pelas lentes dialógicas. **Revista Desenredo**, v. 10, p. 9-30, 2014. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4094> Acesso em 10 de julho de 2021.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde** [online]. 2004, vol.2, n.1, pp.15-32. ISSN 1981-7746. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003>. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso 01/07/2021

BRAIT, B. A análise dialógica do discurso como pressuposto teórico-metodológico da articulação gênero, trabalho e instituição. 2000. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). Essa informação pode ser localizada no **10 InPLA** (Simpósios).

BRAIT, B. **Análise Dialógica do Discurso**: disciplina ministrada em 1998 e registrada no LATTES.

BRAIT, B. A narrativa como criação e resistência. In: ÂNGELO, Ivan. **A festa**. 8.ed. São Paulo: Geração Editorial, 1995, p. 223-233.

BRAIT, B. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trab. educ. saúde** [online]. 2004, vol.2, n.1, pp.15-32. ISSN 1981-7746. <http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462004000100003a> https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462004000100003&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso 01/07/2021

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2. ed.

LINGUÍSTICA NO FEMININO

Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

De como cheguei à Filologia e à Linguística

Célia Marques Telles

A formação

Nasci em 1943, primogênita de uma família de classe média. Meu pai trabalhava no comércio e voltou a estudar, fazendo um curso de Contabilidade; minha mãe havia cursado apenas as Primeiras Letras, mas possuía uma formação cultural sólida, de profissão era costureira. Meus pais tiveram quatro filhos, eu, minha irmã e meus dois irmãos.

Meu avô paterno entre outras atividades tivera um jornal no interior do Estado, que dirigia e redigia com outros dois amigos. Lembro-me de ter visto uma coleção desse jornal, que meu pai mandara encadernar, na sala de leitura de meu avô. Estive com um exemplar desse jornal, que me foi mostrado pelo meu avô materno, usado como papel para enrolar verduras na feira. Foi o primeiro contato com o destino que se dava aos “papeis velhos” como os jornais. Meu avô paterno escrevia muito bem, numa caligrafia arredondada e muito regular, de que ainda tenho alguns cadernos manuscritos (contos e uma autobiografia). Se meu avô paterno dedicava-se às Letras, o meu avô materno era rábula – isto é um advogado causídico autodidata. Não conheci minha avó paterna, falecida há muito tempo: meus pais e minhas tias foram criadas pela irmã mais velha de meu avô. Tanto minha tia avó como minha avó materna sabiam ler e escrever, o que já era muita coisa em mulheres nascidas no interior do Estado nos fins dos anos oitocentos. Ligado à minha tia avó, que chegou à minha mão através

de minhas tias paternas, se achavam cadernos de mão, escritos por minha bisavó em que ela anotara dados da sua vida e um livro de receitas de cozinha e de medicamentos (meu bisavô, pequeno proprietário de terras, tinha uma botica nas Lavras Diamantinas). Os cadernos manuscritos de meu avô e as anotações de sua mãe foram os primeiros manuscritos que tive ocasião de manusear e examinar. Eram uma curiosidade. Em nossa casa e em casa de meus avós havia livros que despertavam a minha curiosidade: na sala de leitura de meu avô, toda em madeira feita por meu pai e meu tio, brincávamos eu, minha irmã e meu tio mais velho do que eu três anos. Foi lá que descobri um livro que, sem saber ler, “lia” acompanhando os quadros e contava a historinha: era uma cartilha do meu tio, companheiro de infância. Acabei ganhando de minha tia e madrinha um livro igual, que “lia” sempre. Que me lembre foi o primeiro livro que tive. São reminiscências que voltam e me apontam, hoje, indícios do interesse futuro.

Ao completar cinco anos entrei para a escola formal. Uma escola de bairro, perto de casa, com uma sala única para todos os alunos, que eram os filhos dos nossos vizinhos. Foi onde aprendi a ler e a notar que não gostava da Tabuada. Em 1949 mudamos para a casa que meus pais haviam comprado e onde moramos até 1979. Nesse ano de 1949, em meu aniversário de seis anos, ganhei um livro de histórias: era *A Chave do tamanho* de Monteiro Lobato, com ilustrações em preto e branco, embora a capa fosse bastante colorida (lido para nós, à noite antes de dormir, por minha tia); no Natal recebi outro livro, sobre as aventuras de Mickey Mouse, que não demorei a ler. Deste último, lembro-me de, pela primeira vez, buscar incessantemente um trecho, “para descobrir se eu havia lido corretamente”; a bem da verdade havia entendido errado! Em dezembro desse ano, meu pai completou o curso de contabilidade. A partir daí o trabalho em casa, que era o estudo, passou a ser o exercício particular da profissão que exerceu até falecer em 1988.

Fui criada, portanto, por pais que trabalhavam em casa. Devo não esquecer que minha mãe trabalhou até 1956, quando teve um acidente vascular cerebral, que a deixou hemiplégica, mas não incapaz.

A partir de 1950 passei a frequentar uma escola particular, perto de casa, formal, mas na qual nas salas eram distribuídos os alunos iniciantes (da alfabetização ao segundo ano) e os mais avançados (do terceiro ao quinto ano). No Natal de 1950 ganhamos de meus pais, eu e minha irmã, a coleção de livros infantis de Monteiro Lobato, publicada em 1947, pela Editora Brasiliense Ltda., com ilustrações de Le Blanc (em preto e branco). O tempo, os cupins e o papel poroso acabaram com os volumes, de que guardo até hoje apenas o sexto, creio que não sem razão, *Emília no país da gramática*, seguido de *Aritmética da Emília*. Fui uma assídua leitora de Monteiro Lobato. Nessa escola fiz a Primeira Comunhão, juntamente com minha irmã, em 1952. Aos poucos, de acordo com a maturidade infantil, li todos os livros e, nesse momento, por mim mesma, *A Chave do tamanho*. Como grande parte das meninas estudei piano, mas apenas por dois anos. Em 1952 concluí o Curso Primário, aos 9 anos, mas ainda não tinha idade para fazer o exame de conclusão. Nesse ano recebemos de meus pais a coleção *Tesouro da Juventude* que oferecia uma miscelânea de assuntos de informação geral e de fácil leitura. Em 1953, fiz o célebre exame do quinto ano, exigido para as escolas particulares que eram fiscalizadas por uma Inspetora de Ensino e, logo depois, o Exame de Admissão ao Ginásio. Ainda, em 1953, ao tempo em que me preparava para o Exame de Admissão, a professora dona da escola ofereceu-se para me ensinar o francês, língua que deveria começar a estudar apenas no ginásio. Foi assim que aos dez anos o francês entrou para sempre na minha vida civil e social.

Fui aprovada no Exame de Admissão e ingressei no Ginásio Estadual Severino Vieira, integrante do Colégio da Bahia. Lá cursei

os quatro anos de ginásio. No primeiro ano do ginásio, nas aulas de latim tive necessidade de um reforço que me chegou através de uma prima mais velha que, àquela época, estudava Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia. Essa prima segunda, do lado materno, acompanhou meu estudo de latim em todos os quatro anos de ginásio (meu e de outra colega muito amiga de quem tirava as dúvidas). Foi no curso ginásial que percebi o que seria estudar línguas estrangeiras modernas. Foi no segundo ano que, nas aulas de inglês, com uma professora recém chegada dos Estados Unidos, ouvi falar pela primeira vez e aprendi a usar o *IPA*. Isto mesmo, o alfabeto fonético internacional, que devíamos usar para transcrever os ditados de palavras isoladas. Confesso que aos doze anos gostei de fazer aquele exercício, nem sempre muito bem sucedido. Em 1954, cursando a primeira série do ginásio, minha mãe trouxe-me como presente, de uma viagem que fizera ao Rio de Janeiro, um volume dos *Sermões* de Antonio Vieira: na verdade o v. XV das *Obras completas* do Padre Antonio Vieira (1951), publicada no Porto, por Lello & Irmão. Em 1956, sofri o primeiro grande golpe familiar, quando minha mãe teve o acidente vascular cerebral. Aos treze anos começamos, os quatro irmãos, a viver outra vida, não mais dependendo diretamente da supervisão materna, apenas restaurada no ano seguinte.

Na infância e na adolescência meus pais nos fizeram conhecer a cultura da Cidade de Salvador e nos relatavam as suas experiências de viagens pelo Brasil.

Em 1958 deveria iniciar o ensino médio. Decidi, com a experiência com as duas línguas estrangeiras e as dificuldades com a Matemática, que não iria fazer o Curso Científico. Restava o Curso Clássico ou o de Magistério. Nova decisão: não iria para o Instituto Normal da Bahia, portanto, ali estava descartado o magistério. Tentei fazer o exame de seleção para o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, no qual havia poucas vagas.

Não fui aprovada. Restava uma opção, fazer o Curso Clássico no Colégio da Bahia. Matriculei-me. Durante o Curso Clássico corrido grego (do que me arrependi posteriormente), estudei espanhol, francês, inglês e latim, além do português. Foi a época do meu encontro com a história da língua: no primeiro ano, o livro de língua portuguesa trazia ao final um capítulo sobre o português arcaico. Duas coisas ficaram na minha memória para sempre: a cantiga de amigo de D. Dinis “Ai flores, ai flores do verde pino⁴” e a equação metacrônica *-CT-* do latim evolui para *-it-* em português (i. e., lat. *-CT-* > port. *-it-*).

Ao falar de evolução, volto a lembrar de *Emília no país da gramática*, no capítulo *Emília ataca o reduto etimológico*, quando Lobato descreve uma cena com a Ortografia Etimológica: “Emília entrou e deu com uma velha de nariz de papagaio e arrabugentíssimo, que tomava rapé em companhia de um bando de velhotes mais rabugentos ainda, chamados de CARRANÇAS” (LOBATO, 1947, p. 142)⁵.

Foi durante o Curso Clássico que decidi seguir a carreira de Diplomacia e comecei a preparar-me para o Exame do Itamarati. Continuei o curso médio, preparando-me para o vestibular na área de Letras, já estudava inglês na Associação Cultural Brasil-Estados-Unidos (ACBEU). Fui aprovada no Exame Vestibular em 1962, para o Curso de Letras Neolatinas, matriculando-me na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Fazia o curso de Letras Neolatinas e aproveitava para estudar as línguas estrangeiras oferecidas pelos institutos anexos à Universidade da Bahia (UBA) ou pelas instituições a ela conveniadas. Entre o primeiro e o terceiro anos de Letras, simultaneamente, frequentei cursos gratuitos de

4 Citada aqui segundo a leitura de H. Lang, de acordo com a edição organizada por Lênia Márcia Mongelli e Yara Frateschi Vieira (LANG, 2010 [1894], p. 264-265).

5 Trata-se da representação que Monteiro Lobato faz da ortografia etimológica, reproduzida caricaturalmente por Le Blanc (LOBATO, p. 143 e 151).

francês (na Casa da França), de inglês (no Instituto de Estudos Norte-Americano – IENA), de espanhol (no Instituto de Cultura Hispânica da Universidade da Bahia – ICHUB), de italiano (na Dante Alighieri) e de alemão (no Instituto Goethe). Como aluna do Curso de Letras Neolatinas, em 1962, assisti à I Semana de Filologia Românica, organizada por Nilton Vasco da Gama, em regime de conferências, mas não cheguei a assistir a dele. Nesse ano, quando em decorrência de uma greve estudantil de grande proporção, todos os alunos tiveram de submeter-se a provas escritas e orais, em todas as matérias em que estavam matriculados, fui examinada em Língua Portuguesa pelo Prof. Nilton Vasco da Gama que me perguntou “o que teria escrito” F. de Saussure ao final do *Cours de linguistique générale*. Anos depois aprendi que este era um tipo de questão com que ele surpreendia um estudante, testando-o! Foram muitos desses testes! No ano seguinte, 1963, frequentei as seções dos Seminários de Filologia Românica, também promovidos por Nilton Vasco da Gama, tendo a minha atenção despertada para o estudo diacrônico durante uma exposição feita pelo Prof. Dr. T. Henrique Maurer Júnior.

Em 1963, em uma viagem ao Rio de Janeiro com meus pais e minha irmã, tive a oportunidade de comprar, na Livraria Acadêmica, aonde fui levada pela noiva de um amigo, alguns livros de latim (a *Fonética histórica do latim* e a *Gramática superior da língua latina* de Ernesto Faria; as *Fontes do latim vulgar* e a *História do latim vulgar* de Serafim da Silva Neto; a *Gramática do latim vulgar* e os *Problemas do latim vulgar* de T. H. Maurer Jr.), de língua portuguesa (o *Manual de Filologia portuguesa* de Serafim da Silva Neto; *A Formação histórica da língua portuguesa* de Francisco da Silveira Bueno e a *Iniciação à filologia portuguesa* de Gladstone Chaves de Melo) além dos *Princípios de Linguística Geral* de Mattoso Câmara e da *Apresentação da lírica trovadoresca* de Segismundo Spina. Começava a reunir o que veio a ser a minha biblioteca.

No ano de 1964, inscrevi-me para o Exame do Itamarati, a ser realizado em julho de 1964. Já estava decidida a não fazer a licenciatura, escolhendo o bacharelado, em que me matriculei naquele ano. Começou, então, a grande reviravolta na minha vida. Como aluna do bacharelado devia cursar Língua Portuguesa, Filologia Românica e uma das línguas neolatinas estudadas, tendo escolhido o francês; solicitei, entretanto, matrícula em mais uma disciplina, que foi o latim, o que foi deferido pelo Departamento de Letras. A novidade era estudar Filologia Românica, até aquele ano oferecida apenas para os cursos de Letras Neolatinas e de Letras Clássicas: não chegávamos a quinze alunos. Pela primeira vez também naquele ano, com a implantação do novo currículo para os Cursos de Letras, a Filologia Românica era obrigatória para todos os alunos, de Letras Vernáculas, de Letras Clássicas, de Língua Estrangeira e de Letras Vernáculas e uma Língua Estrangeira ou Clássica, na recém reestruturada Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como se vê, eu integrei a última turma de Letras Neolatinas da, até então, Faculdade de Filosofia.

Nesse ano de 1964, iniciei a minha experiência docente. Como ex-aluna do Instituto de Cultura Hispânica e como aluna do Curso de Letras Neolatinas, fui convidada para ministrar aulas de Geografia e História da Espanha como atividade complementar. Trabalhei apenas durante esse ano.

As aulas de Filologia Românica começaram a me impressionar, mais ainda a maneira como Nilton Vasco da Gama conduzia o estudo dos seus alunos. Como já disse em outro momento (TELLES, 2020), àquela época havia dois livros básicos para os estudantes, evidentemente em língua estrangeira, os *Éléments de linguistique romane*, de É. Bourciez (1956) e o *Origini delle lingue neolatine*, de C. Tagliavini (1952), além da *Introduction aux études de philologie romane*, de E. Auerbach (1949) e de B. E. Vidos, o *Manuale di linguistica romanza* (VIDOS, 1959), logo substituído pela tradução

espanhola, *Manual de lingüística románica* (VIDOS, 1963).

Repito aqui o que já escrevi alhures (TELLES, 2020), pois esse foi o meu primeiro contato com a linguística românica, no primeiro semestre de uma disciplina anual, quando:

[...] era desenvolvido o quadro histórico de formação do pensamento linguístico no âmbito da Linguística e da Filologia Românicas. Também era o suporte para o estudo da formação das línguas românicas, considerando o latim como uma unidade linguística no tempo e no espaço, como uma variedade na unidade e uma unidade na diferenciação, ou como disse B. E. Vidos, retomando E. Richter: a origem das línguas românicas é o latim falado em todas as regiões do Império romano em todos os períodos da latinidade (TELLES, 2020, p. 97).

Ainda neste semestre, tomei a grande decisão: isto é o que desejo aprender a fazer. Desisti de prestar o Exame do Itamarati, fato comunicado ao Departamento Cultural da Universidade, onde foram feitas as inscrições. E, como afirmei no meu *Memorial* para o concurso de professor Titular de Filologia Românica, redigido na terceira pessoa:

A mudança de visão de mundo e de carreira é decorrente do seu encontro com o conhecimento e entusiasmo do seu professor de Filologia Românica, o mestre Nilton Vasco da Gama, com quem trabalha desde o ano de 1964, ao cursar o terceiro ano do Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas. Foi com ele que aprendeu a meticulosidade do trabalho, a seriedade profissional e adquiriu o amor à Filologia Românica. A sua trajetória, desde então, não pode estar desvencilhada daquela que vem sendo traçada por este baluarte da Filologia Românica no Brasil, que é Nilton Vasco da Gama. Ele a preparou e a colocou no caminho para chegar a pretender candidatar-se ao cargo de Professor Titular de Filologia Românica (TELLES, 1999, f. 2).

Muito recentemente resumi a importância de Nilton Vasco da Gama na minha formação, ao afirmar: “Para chegar até aqui devo muito, muito mesmo, na minha formação ao mestre muito querido e respeitado Nilton Vasco da Gama: ele moldou a professora e a pesquisadora” (TELLES, 2021).

Como escrevi no meu Memorial (TELLES, 1999), uma das minhas primeiras tarefas junto à cadeira de Filologia Românica – lembre-se que estávamos em 1964, seis anos antes da reforma da universidade brasileira – foram recensões informativas. Fui encarregada de resumir e discutir o conteúdo, como trabalho de classe junto com os meus colegas do terceiro ano de Neolatinas e de Clássicas, de um dos capítulos do livro de Francisco da Silveira Bueno, *A Formação da língua portuguesa* (BUENO, 1955). Esse exercício de aula serviu para que fosse incumbida de preparar duas outras recensões informativas, que deveriam integrar uma das seções da revista que então era preparada por Nilton Vasco da Gama, a *Studia Philologica*. Foi nesse momento que entrei em contato, na prática, com dois aspectos dos estudos de Filologia Românica: a paleografia, ao examinar a edição preparada por Antônio Gomes Filho de *Um Tratado da cozinha portuguesa do século XVI* (UM TRATADO..., 1963); e a cultura trovadoresca galego-portuguesa, ao examinar a antologia preparada por Vitorino Nemésio, *A Poesia dos trovadores* (NEMÉSIO, 196-). Foi esse o meu primeiro contato com textos do século XVI, estudo que, uma vez incentivado, jamais foi abandonado.

Depois destes parênteses, retomo a narrativa. No segundo semestre de 1964, tive contato com a paleografia, com a crítica textual e com os textos em occitano antigo, i.e. em provençal antigo (a leitura e a transcrição da *Vida d'en Riambaut de Vaqueyras* e da *Vida de Guillem de la Tour*) e em francês antigo (um excerto do episódio *Erec à la chasse* de Chrestien de Troyes). As aulas completavam o conhecimento da escrita em letra gótica, com a descrição do

manuscrito e com a análise dos fatos linguísticos registrados nos textos. Nesta análise eram aplicados os conhecimentos adquiridos nos “estudos relativos à constituição histórica das duas línguas, destacando-se os fenômenos de maior interesse. Ao lado desse trabalho, para os estudantes que o desejassem, foram distribuídos textos portugueses para serem editados” (TELLES, 2020, p. 98-99). Nesse momento, tive o primeiro contato com o códice *FP 56 da BNP*, que seria objeto da minha tese de Doutorado na Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (TELLES, 1988).

A partir de 1964, passei, então, ainda como estudante, a trabalhar junto à equipe de Filologia Românica que, àquela época contava com a professora Teresa Leal Gonçalves Pereira e, parcialmente, com a professora Ana Maria Geiger Dias de Moraes. No período de setembro a dezembro trabalhei como colaboradora da Professora Teresa Leal Gonçalves Pereira no curso de Língua Portuguesa para estudantes do Nordeste, que participavam de um curso preparatório para o Vestibular para Biologia, na Faculdade de Filosofia.

Em 1965, na quarta série do Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas, fiz opção para Língua e Literatura Francesas (obrigatória no currículo), solicitando ainda a opção em Filologia Românica e Língua e Literatura Latinas. Foi em julho de 1965 que tive os primeiros contatos fora da Bahia, quando fomos, Teresa Leal Gonçalves Pereira e eu ao Rio de Janeiro e a São Paulo, sendo encaminhadas por Nilton Vasco da Gama a Celso F. da Cunha, a Isaac Nicolau Salum e a Segismundo Spina. Foi também a primeira visita à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, à Fundação Casa de Rui Barbosa e à Universidade de São Paulo.

Nesse ano, já integrando a equipe de Filologia Românica, recebi de Nilton Vasco da Gama uma cópia microfilmada do manuscrito *Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de France*,

para fazer a transcrição. Daí resultou o meu trabalho final de Bacharelado, na matéria Filologia Românica, *O Livro de marinharia de Manuel Álvares: manuscrito português do século XVI* (TELLES, 1965) embrião da minha dissertação de Mestrado em Letras (UFBA) e da minha tese de doutorado em Ciências Humanas, na área de Língua e Filologia Portuguesa, na USP.

Concluí o curso de Bacharelado em Letras Neolatinas em 1965, tendo colado grau em 1966.

Desdobramentos

De 1966 a 1970 trabalhei como Auxiliar Voluntária na equipe de Filologia Românica, com atividade de ensino supervisionada tanto em Linguística Românica como em Filologia Textual. Em todos os casos todo o meu trabalho era dirigido por Nilton Vasco da Gama em duas metas: a orientação da fundamentação teórica e a do trabalho prático. Começava, também, a auxiliá-lo nas aulas práticas de Paleografia, no curso de Biblioteconomia. Na pesquisa continuava fazendo a leitura paleográfica do manuscrito *Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de France*, a leitura e a análise paleográfica do manuscrito *I-E-33 da Biblioteca Nazionale di Napoli (O tratado da cozinha portuguesa)*, assim como o estudo da língua portuguesa no século XVI e o da literatura de viagens. Participava ainda da pesquisa coletiva, *O Estudo do vocabulário de Dom Duarte*, de que se preparava a classificação segundo o sistema racional de conceitos de R. Hallig e Walther von Wartburg (1963).

Minha primeira experiência no ensino superior aconteceu em 1968, quando fui indicada por Nilton Vasco da Gama à Professora Maria Tereza Camargo Biderman para ensinar Filologia Românica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). Permaneci em Marília de setembro a novembro de 1968,

substituindo a Professora Biderman durante o seu afastamento. Sob a orientação de Nilton Vasco da Gama, dando continuidade ao trabalho já desenvolvido por Maria Tereza Biderman, encarreguei-me, no período, de três módulos: *Literatura medieval românica* (set.), *Domínio linguístico galo-românico* (out.) e *Descrição do sistema linguístico da Galo-România* (nov.). Foi quando conheci Ataliba Teixeira de Castilho, que, então, era docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Nessa época intensificou-se o contato com os professores ligados à Universidade de São Paulo, passando a fazer consultas na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (ainda na Maria Antônia!) e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade em São Paulo. Tive ocasião de assistir a cursos proferidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília por Isaac Nicolau Salum e Segismundo Spina. Em finais de novembro, concluído o semestre do curso, retornei a Salvador e inscrevi – com o Grupo de Filologia Românica⁶ – os primeiros trabalhos em um congresso internacional: o *II Congresso da Associação de Filologia e Linguística da América Latina* (ALFAL), a ser realizado, em São Paulo, em janeiro de 1969. Nesse momento, fui contemplada com uma bolsa de pesquisa solicitada por Nilton Vasco da Gama à Universidade Federal da Bahia.

Tive duas comunicações aceitas para apresentação nesse *II Congresso da ALFAL*. Uma delas é o resultado do trabalho de pesquisa coletiva do Grupo de Filologia Românica, que estudava o *Vocabulário de Dom Duarte*, a saber, *Alguns aspectos do vocabulário relativo à vida anímica (sentimentos e sensações) no “Leal Conselheiro” de Dom Duarte* em que se aplica o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* (Sistema racional de conceitos como base para a lexicografia) de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg (1963) ao

⁶ Trabalhavam no Grupo dirigido pelo Professor Nilton Vasco da Gama: Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Marques Telles, Vera Lúcia Britto Gomes e Sandra Musser Leite.

vocabulário relativo a “sentimentos e sensações” em Dom Duarte (GAMA; PEREIRA; TELLES; GOMES, 1969). Da prática de aplicação do sistema racional de conceitos viria a fundamentação do assunto desenvolvido na dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. A segunda comunicação aceita era resultante da pesquisa individual sobre os textos da literatura de viagens, *O Estilo dos “roteiros de navegação”, dos “diários de navegação” e das “cartas-relação” na literatura de viagens; uma contribuição ao estudo do português do século XVI* (TELLES, 1969), apresentando uma primeira análise das principais características que marcam estilisticamente três dos tipos de textos da literatura de viagens. É a partir dessas primeiras considerações que foram desenvolvidos dois outros trabalhos e, enfim, a dissertação de Mestrado em Letras.

Nessa época, janeiro-fevereiro de 1969 – com os recursos advindos da bolsa – além de assistir ao *III Simpósio do PILEL*, participei do *III Instituto Interamericano de Linguística* e do *II Instituto Brasileiro de Linguística*, na Universidade de São Paulo, matriculando-me em três cursos e frequentando dois outros. Cursei regularmente os cursos de *Metodologia Dialetológica*, com Manuel Alvar, da Universidad de Granada (Espanha), de *Fonética e Fonologia* e de *Fonética Articulatória*, ambos com Bertil Malmberg, da Universidade de Estocolmo (Suécia). Frequentei, ainda, os cursos de *Dialetologia Iberoamericana*, com Manuel Alvar, e de *Linguística Geral*, com Jorge Suárez, da Universidad de Córdoba (Argentina). Desses cursos, o de *Metodologia Dialetológica*, foi aproveitado para o Curso de Mestrado em Ciências Sociais. Nesse janeiro de 1969 participei da reunião de linguistas na qual foi criada a *Associação Brasileira de Linguística* (ABRALIN), sendo uma das signatárias da ata.

Em fevereiro de 1969 fiz uma inscrição para concurso de Auxiliar de Ensino da matéria Filologia Românica no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, no

entanto, o concurso não chegou a se concretizar. Em 1969, como Auxiliar Voluntária, recebi a incumbência de ministrar algumas das aulas de Filologia Românica e de Paleografia. No início de 1970 fiz no *Curso de Verão da ABRALIN* o curso de *Fonética* – que teria sido ministrado por Joaquim Mattoso Câmara Jr. e que, infelizmente, por ter adoecido, não o fez, sendo substituído por Yonne Leite – e o de *Dialectologia* com Nelson Rossi.

Em março do mesmo ano iniciei o *Curso de Mestrado em Ciências Sociais*, matriculando-me no *Curso sobre o Recôncavo Baiano*, uma parceria da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo. Nessa época cursei Antropologia e Linguística, e mais Sociologia, História, Geografia e Arquitetura, com enfoque sobre a formação e o desenvolvimento da cultura no Recôncavo Baiano. Todos os trabalhos realizados para obtenção dos créditos centraram-se na metodologia da pesquisa na área cultural, na literatura do período colonial, em especial do período quinhentista, e na descrição e análise linguística, tendo escolhido o campo do vocabulário da comunidade religiosa de *candomblé*, sendo orientada por Vivaldo da Costa Lima, com a co-orientação de Nilton Vasco da Gama. Paralelamente fiz um curso de *Folclore*, com José Calasans, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Em 1971 completei a creditação para o Curso de Mestrado em Ciências Sociais, convalidando os créditos obtidos na Universidade de São Paulo, no curso de *Metodologia Dialeológica*, e fazendo o curso de *Filosofia* e os seminários de *Problemas de Estudos Brasileiros*. Em 1971 apresentei a minha dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, intitulada *Tentativa de Classificação semântica do vocabulário de uma comunidade religiosa de candomblé segundo o sistema racional de conceitos de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg* (TELLES, 1971).

Em 1970, inscrevi-me no concurso de Auxiliar de Ensino para Filologia Românica no Instituto de Letras da UFBA, fui aprovada e

tomei posse em 15 de dezembro de 1970. Começando a trabalhar de imediato. Ainda em dezembro de 1970 recebi de presente do Prof. Nilton Vasco da Gama um exemplar da *História da língua portuguesa* de Serafim da Silva Neto: era da primeira edição, em fascículos, que mandei encadernar e guardo com muito carinho. A partir de março de 1971 ministrei aulas de Filologia Românica e passei a auxiliar o Prof. Nilton Vasco da Gama nas disciplinas de Paleografia e Ecdótica, para o curso de Biblioteconomia e para o Bacharelado em História. Em 1971, fui indicada pelo Prof. Vasco da Gama para dar as aulas da disciplina Filologia Românica e de Linguística no Instituto de Letras da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e de Filologia Românica na Faculdade de Educação de Feira de Santana. Foi no Curso de Letras da Faculdade de Educação que conheci Ilza Ribeiro, quando ela concluía a licenciatura plena em Letras. Na UFBA continuava a trabalhar na pesquisa e integrei – com Teresa Leal Gonçalves Pereira e Vera Lúcia Britto Gomes – a equipe de colaboradores na preparação da *Pequena bibliografia de Filologia Românica* organizada pelo Prof. Nilton Vasco da Gama (1972).

Com o Mestrado em Ciências Sociais, em 1973, passei para a função de Professor Assistente. Até 1974 trabalhava nas três universidades: durante os dias na UFBA, no curso noturno da UCSAL e aos sábados na UEFS. No segundo semestre de 1974 mudei de regime de trabalho, passando ao regime de Dedicção Exclusiva, e desde então deixei as atividades na UCSAL e na Faculdade de Educação em Feira de Santana. Cheguei a integrar o grupo de docentes da área de Letras da Faculdade de Educação que viria a compor o Centro de Letras e Artes na criação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Minha atividade de ensino na UFBA compreendia as disciplinas de *Filologia Românica* para os cursos de Letras, e as de *Paleografia e Ecdótica* para os cursos de Biblioteconomia, para o Bacharelado em História e, mais tarde, para o de Museologia. A

edição de textos e o estudo da língua portuguesa no século XVI eram o objeto dos projetos de pesquisa obrigatórios para o docente em regime de DE. Em 1975, com a permanência do Instituto de Letras no velho prédio da Av. Joana Angélica, chegou à mão de Nilton Vasco da Gama um conjunto de documentos manuscritos em cerca de nove maços de papel amarrados: era o que pelo conteúdo foi denominado *Coleção Santo Amaro*⁷, que foi guardada na Sala de Filologia Românica. Na mesma época foi-lhe entregue mais um maço de papel relativo à *Instrução Publica da Bahia*. Em 1976 Albertina Ribeiro da Gama, graduada em Biblioteconomia, fez o concurso para Paleografia e Ecdótica, e apresentou para o Regime DE um projeto de pesquisa, tendo como *corpus* a *Coleção Santo Amaro*. Em 1975, com Teresa Leal Gonçalves Pereira, colaborei na revisão final da tradução (do original francês) feita por Nilton Vasco da Gama, para a Livraria Pioneira, do livro *Princípios de gramática gerativa*, de Joseph Nivette (1975 [1974]).

Em 1976, foi criado o Mestrado em Letras na UFBA, nele matriculando-me como aluna especial na primeira turma, quando cursei Linguística Gerativa, Linguística Românica e Crítica Textual. Neste ano, comecei a minha pesquisa em edição de textos literários, ao estudar a obra de Arthur de Salles, tema que foi objeto de uma disciplina oferecida no Mestrado em Letras pelo Prof. Nilton Vasco da Gama. Em 1978 fiz a seleção para o Mestrado em Letras, tendo Nilton Vasco da Gama como Professor Orientador. Aproveitei as disciplinas já cursadas, fazendo a Metodologia da Pesquisa e completando os créditos nas disciplinas optativas de Filologia Românica. Nesse ano fui aluna de George Straka, professor convidado pelo Mestrado em Letras, para ministrar uma das disciplinas de Filologia Românica. Concluí o curso de Mestrado em 1982, com a dissertação *As categorias de modo, tempo e aspecto em*

7 Hoje a coleção integra o acervo do Centro de Estudos Baianos da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa.

textos românicos do século XVI (TELLES, 1982) a partir da pesquisa que já vinha desenvolvendo com os textos de viagem.

Em 1979, com o afastamento de Nilton Vasco da Gama, para fazer estágio pós-doutoral, e de Albertina Ribeiro da Gama, para fazer Doutorado, na Université de Strasbourg (França), tive ampliado o número de disciplinas de Filologia Românica sob minha responsabilidade, e ministrei as de Paleografia e Ecdótica nos cursos de Biblioteconomia e de Bacharelado em História, assim como dei início à minha atividade acadêmico-administrativa na UFBA, quando assumi as representações de Filologia Românica no Colegiado dos Cursos de Letras e de Paleografia e Ecdótica no Colegiado de Biblioteconomia, funções que tive até 1983 e, algumas vezes, nos anos seguintes. Na pesquisa, além de me ocupar com a literatura de viagem e colaborar na edição da obra de Arthur de Salles, comecei a trabalhar com os documentos da *Coleção Santo Amaro*. Foi quando iniciei a minha atividade de orientação de alunos da Graduação em Letras ou em Biblioteconomia, solicitando bolsas de Monitoria para trabalhar com o acervo de documentos baianos. Organizamos, em períodos sucessivos, todo o inventário da *Coleção Santo Amaro* e da *Instrução Pública da Bahia*, foi nesse período que Teresa Leal Gonçalves Pereira apresentou um projeto ao CNPq, para a organização e a guarda dos documentos da *Coleção Santo Amaro*.

Em 1982, foi publicada a edição crítica do poema *Sangue-mau* de Arthur de Salles (1982 [1949]), resultado de um trabalho de equipe coordenado por Nilton Vasco da Gama desde 1976. Em 1983 auxiliei Albertina Ribeiro da Gama em um Curso de Especialização em Arquivologia, na Escola de Biblioteconomia. Foi minha primeira atuação na Pós-Graduação.

Os anos setenta e oitenta do século XX foram cruciais para a consolidação da filóloga e da linguista, quadro que se completou com o Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, para o qual fiz

inscrição em 1982, quando o Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum aceitou-me como orientanda, com a proposta do projeto sobre a edição dos roteiros do *Manuscrito FP 56* da Biblioteca Nacional da França. Iniciei o curso de Doutorado em Ciências Humanas (área de *Filologia e Língua Portuguesa*) em março de 1983, ainda sem afastamento das atividades na UFBA e sem bolsa, que só me foi concedida a partir do segundo semestre de 1983. No primeiro semestre de 1982 fiz dois cursos na USP: o de *Língua Portuguesa: Linguagem e Estilo no século XVII*, com o Prof. Dr. Segismundo Spina e o de *Abordagem Sintático-Semântica do Texto*, com o meu orientador, Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum. Em 1984, com a aposentadoria do Prof. Salum, este passou a minha orientação para a Prof^a. Dr^a. Edith Pimentel Pinto, que me orientou até a defesa da tese em 1989. Do desenvolvimento do projeto proposto ao ingressar no doutorado, elaborei a tese *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia no século XVI: edição do manuscrito FP 56 da BNP* (TELLES, 1988), defendida em 9 de março de 1989. Em 1989 ingressei como Professor Permanente no Mestrado em Letras, atuando em Linguística Românica e em Crítica Textual.

A partir dos anos 90 coordenei o Mestrado em Letras (1992-1994). Integrei, em 1995, a Comissão que preparou a proposta de criação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), com a criação do Doutorado em Letras, programa que coordenei em períodos alternados até 2010. Como Coordenadora do PPGLL integrei a Comissão que propôs à área de Letras e Linguística da CAPES, a divisão do Programa, resultando nos atuais (e já revistos e melhorados) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC, e Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – PPGLitCult (TELLES, 2013).

Como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, em 2009, encaminhei à CAPES, com a Prof^a. Aparecida Feola Sella, da UNIOESTE (Cascavel), um Projeto de

Programa Interinstitucional, o Doutorado Interinstitucional UFBA/UNIOESTE, iniciado em 2010, encerrado em 2014 (TELLES; SELLA, 2016, p. 23-31).

Frutos

Os anos oitenta do século XX terminaram e a partir da última década do século eu era Professor Adjunto de Filologia Românica, desenvolvendo minha atividade docente na graduação e na pós-graduação em Letras na UFBA. Foi o momento de levar adiante o projeto da edição da obra do poeta baiano Arthur de Salles. Em 1999 fiz o concurso para Professor Titular, sendo nomeada em janeiro de 2000. Como Professor Titular aposentei-me em 2012 e permaneço atuando, de acordo com o PROPAP, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA (TELLES, 2013).

Que frutos colhi?

Sem o apoio de Albertina Ribeiro da Gama, de Teresa Leal Gonçalves Pereira, de Rosa Borges dos Santos, de Risonete Batista de Souza, de Elizabeth Baldwin, de Alícia Duhá Lose, de Norma Suely da Silva Pereira, de Arivaldo Sacramento de Souza e de Rosinês de Jesus Duarte, o meu caminho não teria tido o sucesso que buscava em 1999.

Integrávamos o Grupo de Pesquisa Filologia Românica, agora acrescentado de Eliana Brandão Gonçalves, Isabela Santos de Almeida, Fabiana Prudente Correia e Débora Souza⁸. Em 2013, juntamente com Rosa Borges dos Santos, assumi a liderança no

⁸ O GP *Nova Studia Philologica* tem agora os seguintes pesquisadores: Célia Marques Telles, Rosa Borges dos Santos, Risonete Batista de Sousa, Norma Suely da Silva Pereira, Arivaldo Sacramento de Souza, Rosinês de Jesus Duarte, Eliana Brandão Gonçalves, Isabela Santos de Almeida, Fabiana Prudente Correia e Débora de Souza, contando com a colaboração de Alicia Duhá Lose.

⁹ Hoje PQ 1D.

Grupo de Pesquisa do Diretório de Pesquisa do CNPq, agora denominado exatamente NOVA STVDIA PHILOLOGICA, em homenagem ao mestre Nilton Vasco da Gama.

A manutenção da atividade docente havia permitido que eu recebesse uma bolsa de permanência até 1999, quando, pela atividade de pesquisa, concorrendo ao edital do CNPq, fui contemplada com uma Bolsa de Pesquisa.

De 1999 a 2007, coordenei três projetos integrados, com financiamento do CNPq: *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens e Identidades*, *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens e Identidades* (2ª. etapa), *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens EtniCidades*. Esses projetos contaram com a participação das professoras Eneida Leal Cunha, Ivia Iracema Duarte Alves, Ana Rosa Neves Ramos e Florentina da Silva Souza (TELLES, 2013, f. 23-25).

De 1999 a 2013 coordenei 8 projetos de pesquisa, desenvolvidos em equipe com outros docentes, com alunos de pós-graduação e com alunos de iniciação científica. Minha participação em 7 deles decorre da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). 5 desses projetos estão ligados ao Programa *Edição crítica da obra de Arthur de Salles*, enquanto os outros 2, e mais recentes, acham-se ligados ao Programa de *Edição e Estudo dos LIVROS DE TOMBO do Mosteiro de São Bento da Bahia*, cuja coordenação geral era de Alícia Duhá Lose, como Coordenadora Geral de Pesquisa da Faculdade São Bento (TELLES, 2013, f. 25-29).

Atualmente mantenho dois projetos, vinculados à linha de pesquisa *Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura* do PPGLinC.

- 1) *Estudo Diacrônico de Fenômenos Linguísticos na România – II*. Retomada do projeto sobre análises dos diferentes níveis de língua, no âmbito das línguas românicas. A partir de três artigos de Giuseppe Tavani (2007;1988a; 1988b) são feitas

algumas reflexões sobre o conceito de texto e a propósito de edições fidedignas, pois sabe-se que para ler corretamente um texto é necessário restabelecê-lo em sua forma arquetípica e em seu contexto histórico. Nessa perspectiva estão sendo desenvolvidos trabalhos ligados à análise de fatos linguísticos, em especial ligados ao léxico ou relacionados à análise grafemático-fonética, em textos do francês médio e do francês moderno, do espanhol quinhentista e em português quinhentista, seiscentista, setecentista, oitocentista e novecentista. Em todos os casos a escolha do texto perpassou pela escolha da edição fidedigna.

- 2) *Documentos Retrasladados dos Livros do Tombo e o Índice Chronologico Analytico dos cinco Livros do Tombo* (com bolsa do CNPq⁹). Em 2017, o trabalho com os documentos retrasladados encontrou, para o processo da *recensio*, forte apoio na edição semidiplomática do livro manuscrito com o título *Índice chronologico analytico dos cinco Livros do Tombo (ICALT)*, compilação datada de 1928. Todos os 1061 registros de documentos já foram editados. Vale observar que o *ICALT* traz registros de todos os documentos dos *Livros do Tombo*. Quanto aos documentos retrasladados, o foco será nas anotações marginais, da mão de Joaquim Tavares de Macedo, no *Livro I do Tombo* e no *Livro II do Tombo*, de forma a poder, com esta *recensio*, proceder à *collatio* utilizando-se os registros do *ICALT*, que serão acrescentados às 52 remissões do *Livro Velho do Tombo* e às 19 remissões do *Livro III do Tombo*. Em resumo, a proposta atual, dando continuidade às relações entre os documentos retrasladados e utilizando o *ICALT*, foi desenvolvida em três vertentes da pesquisa: 1) conclusão da edição semidiplomática do *ICALT*

9 Pesquisador 1D desde 2019.

e início da descrição codicológica do manuscrito; 2) a *collatio* em cada grupo de documentos retrasladados; 3) continuação da análise dos diferentes níveis linguísticos permitidos pelos textos (grafemático-fonético, morfossintático, lexical e discursivo).

Integro a Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) desde o seu segundo Congresso, em 1969. Nos anos noventa já era sócia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML) – de que me afastei quando passou a ser exclusivamente de pesquisadores em Crítica Genética. Durante um pequeno período havia-me afiliado à Linguistic Society of America. No início do século XXI filiei-me à Société de Linguistique et de Philologie Romanes (SLPR). Em todo esse período tenho participado de conselhos nas associações (exceto na APML), apresentado trabalhos nos congressos científicos e colaborado na organização de reuniões científicas (ABREM, GELNE).

Desde os anos noventa, com a atuação e pesquisa na pós-graduação em Letras e Linguística, comecei a participar de Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), de início o GT de Crítica Genética (quando ainda trabalhava com a edição crítica da obra de Arthur de Salles) e, mais tarde, o GT de Estudos Medievais (GTEM), de onde cheguei a ser vice-coordenadora e coordenadora, hoje GT de Estudos Clássicos e Medievais (GTECEM).

Das primeiras orientações de Monitoria, logo seguidas daquelas de Iniciação Científica, vieram as orientações em Crítica Textual e Filologia Textual e em Linguística Românica, de início no Mestrado em Letras, a que mais tarde se somaram as de Mestrado

e de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura, e, recentemente aquelas de Mestrado e de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Até 2021 tive quatro doutores em supervisão de PRODOC, três deles docentes com atuação em cursos de pós-graduação em Letras.

Da pesquisa centrada na Literatura de Viagens, meu foco de investigação deslocou-se para os manuscritos do Brasil Colônia e para a obra poética de Arthur de Salles. Hoje continuo estudando os manuscritos do século XVII a XIX e, com a espera de 2022, planejo a retomada da edição da obra de Arthur de Salles e o estudo do léxico regional em sua obra.

Na direção atual dos estudos da Linguística Histórica, na perspectiva da Sociolinguística Histórica, não posso dissociar o estudo do texto daquele da análise linguística. Desse modo o estudo grafemático-fonético da *scripta* dos textos tem levado necessariamente à análise dos indícios de mudança fonético-fonológica.

Toda a minha atividade desenvolve-se na subárea da Linguística Histórica, centrada no estudo da língua (antes também do processo de criação do texto autoral) e na edição de textos do passado, na interface entre a Linguística Românica e a Filologia Textual (TELLES, 2013).

Repito, mais uma vez: o estudo da língua só é possível se o pesquisador dispõe de um texto fidedigno, a partir do qual poderá estudar um ou mais níveis da língua (grafemático, fonético, morfossintático, lexico-semântico, chegando ao texto e ao discurso), podendo focar o objeto da linguística numa perspectiva pluridimensional (ou não), como demonstrou K. Baldinger no seu artigo *L'object de la linguistique* (BALDINGER, 1977).

Por fim, da minha atividade em docência e em pesquisa recebi inúmeras homenagens. Em decorrência da minha docência no Curso de Letras da Faculdade de Educação em Feira de Santana,

recebi o título de *Professor Amigo da UEFES*. Ao aposentar-me, em 2012, recebi da UFBA a *Honra ao mérito* pela minha atuação como docente desta Universidade. Em 2013, fui indicada pelos meus pares para a *Medalha Serafim da Silva Neto* (CIFEFIL). Em 2016, a Comissão Organizadora do VIII Seminário de Estudos Filológicos o organizou em homenagem a mim e publicou a coletânea *Estudos filológicos: linguística românica e crítica textual* (TELLES, 2016). Da Associação de Linguística e Filologia da América Latina recebi o título de *Sócio de Honra* da ALFAL durante o XVIII Congresso, em 2017. Em 2021 a Universidade Federal da Bahia outorgou-me o título de *Professor Emérito*.

A criança que leu Monteiro Lobato e viu as representações (linear e visual) da ortografia etimológica ficou encantada no futuro quando aprendeu o que seria a etimologia, não apenas a “etimologia-origem” mas a “etimologia-história da palavra” (BALDINGER, 1959, p. 239; 241; 247-248). Do mesmo modo, nos últimos dois anos, ao examinar a grafia <Itapoão> do *scriptor* do *Índice cronológico analítico dos cinco Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento*, lembrou-se do horror que o Visconde de Sabugosa tinha do ditongo tônico [ãw].

Repito, ao concluir, o que já afirmei antes. A minha formação na área de Letras é consequência direta do conhecimento do mestre Nilton Vasco da Gama, que, nas mínimas coisas, me ensinou a estudar e a aprender. A ele – o homem de ciência de D’Arbois de Jubainville – devo o que sou. É sempre lembrando dele que busco fazer o melhor que posso e repito a quadrinha de domínio público:

Pilriteiro dás pilrito
 Porque não dás coisa boa?
 Cada um dá o que tem,
 Conforme a sua pessoa (TELLES, 2013, f. 4).

Referências

AUERBACH, Erich. 1949. **Introduction aux études de philologie romanes**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.

BALDINGER, Kurt. 1977. L'object de la linguistique. **Travaux de Linguistique et de Littérature**, Strasbourg, Strasbourg, v.15, n.1, p.379-83.

BALDINGER, Kurt. 1959. L'étymologie hier et aujourd'hui. **Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises**, Paris, n. 11, p. 233-264, mai.

BOURCIEZ, Édouard. 1956. **Éléments de linguistique romane**. 4. éd. rev. par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Paris, Klincksieck.

BUENO, Francisco da Silveira. 1955. **A formação histórica da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

GAMA, Nilton Vasco da. 1972. **Pequena bibliografia de filologia românica**. Salvador: Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras; Dep. de Letras Românicas. Com a colab. de Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Marques Telles e Vera Lúcia Britto Gomes. Núcleo de Recursos Didáticos, 46.

GAMA, Nilton Vasco da; PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves; Célia Marques TELLES; GOMES, Vera Lúcia Britto. 1969. Alguns aspectos do vocabulário relativo à vida anímica (sentimentos e sensações) no "Leal Conselheiro" de Dom Duarte. **Congresso da Associação de Filologia e Lingüística da América Latina**, 2. São Paulo: USP, 3-8.jan. 1969. Não publicado.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walther von. 1963. **Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie**: Versuch eines Ordnungsschemas. 2. neubearbeitete und erweiterte Auflage. Berlin: Akademie-Verlag.

LANG, Henry R[oseman]. 2010[1894]. **Cancioneiro d'El Rei Dom Denis e estudos dispersos**. Niterói-RJ: EDUFF. Ed. org. por Lênia Márcia Mongeli e Yara Frateschi

Vieira. Estante Medieval, 6.

LOBATO, [José Bento] Monteiro. 1947. **Emilia no país da Gramática**. São Paulo: Brasiliense. v.6, p. 3-156.

NEMÉSIO, Vitorino (sel.). 196-. **A Poesia dos trovadores**. s.l.p.: Bertrand.

NIVETTE, Joseph. 1975 [1974]. **Princípios de gramática gerativa**. Tradução Nilton Vasco da Gama. São Paulo: Pioneira. Trad., adap. ao português, glossário e bibliografia adicional.

UM TRATADO DA COZINHA PORTUGUÊSA DO SÉCULO XVI. 1963. Rio de Janeiro: INL/MEC. Ed. preparada por Antônio Gomes Filho.

TAGLIAVINI, Carlo. 1952. **Le origini delle lingue neolatine**. 2. ed. riel. Bologna: Riccardo Pàtron.

TAVANI, Giuseppe. O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”. **Veredas**, Porto Alegre, v. 8, p. 46-74, 2007.

TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica. In: SEGALLA, Amos, coord. **Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e. siècle**: theorie et pratique de l'édition critique. Roma: Bulzoni, 1988a. p. 35-51.

TAVANI, Giuseppe. Le texte: son importance, son intangibilité. In: SEGALLA, Amos, coord. **Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e. siècle**: theorie et pratique de l'édition critique. Roma: Bulzoni, 1988b. p. 23-34.

TELLES, Célia Marques. 2021. **Um projeto para o futuro**. Salvador: UFBA. Discurso proferido na outorga do título de Professor Emérito, em junho de 2021. Power point.

TELLES, Célia Marques. 2020. Linguística românica: um olhar sobre quem somos e o que fazemos. In: SOUZA, Risonete Batista de; BORGES, Rosa; ALMEIDA, Isabela Santos de; SOUZA, Débora de. org. **Filologia em diálogo**: descentramentos culturais e epistemológicos. Salvador: Memória & Arte. p. 93-126.

TELLES, Célia Marques. 2016. **Estudos filológicos**: linguística românica e crítica textual. Salvador: EDUFBA. Organização de A. Ariadne Domingues de Almeida, Arivaldo Sacramento de Souza, Isabela Santos de Almeida, Rosa Borges dos Santos, Rosinês de Jesus Duarte.

TELLES, Célia Marques. 2013. **Memorial**. Salvador: UFBA; ILUFBA; DFEL; SFR. Memorial apresentado ao Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras, para atender às exigências do PROPAP, para permanência como docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura.

TELLES, Célia Marques. 1999. **Memorial**. Salvador: UFBA; ILUFBA; DFEL; SFR. Memorial apresentado para Concurso de Professor Titular para a matéria Filologia Românica.

TELLES, Célia Marques. 1988. **Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia no século XVI**: edição do manuscrito FP 56 da BNP. Tese (Doutorado em Letras – área Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TELLES, Célia Marques. 1982. **As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques. 1971. **Tentativa de classificação semântica do vocabulário de uma comunidade religiosa de candomblé segundo o sistema conceitual de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques. 1969. O Estilo dos “roteiros de navegação”, dos “diários de navegação” e das “cartas-relação” na literatura de viagens; uma contribuição ao estudo do português do século XVI. **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE FILOGIA E LINGÜÍSTICA DA AMÉRICA LATINA**, 2. São Paulo: USP, 03-08 jan. 1969. Não publicado.

TELLES, Célia Marques (edit.). 1965. **O Livro de marinharia de Manuel Álvares**:

(manuscrito português do século XVI). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques; SELLA, Aparecida Feola, org. 2016. Introdução: uma parceria, caminhos e resultados. *In*: PORFIRIO, Lucielen; SIQUEIRA, Sávio, org. **Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem**: diálogos entre pesquisas de um doutorado interinstitucional. Cascavel-PR: EDUNIOESTE. p. 23-31.

VIDOS, B. E. **Manual de lingüística românica**. 1963 [1959]. Trad. de la ed. ital. por Francisco de B. Moll. Madrid: Aguilar.

VIDOS, B. E. 1959. **Manuale di linguistica romanza**. Tradução do holandês de G. Francescato. 1. ed. ital. completamente aggior. dall' autore. Firenze: Leo S. Olschki.

VIEIRA, Antonio, Padre. 1951. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão. Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Obras Completas do Padre Antonio Vieira, v. 15.

As mãos femininas na Dialetoologia brasileira

Jacyra Andrade Mota

Situando a Dialetoologia no Brasil e no mundo

A Dialetoologia, como as diversas áreas da Ciência, surgiu por iniciativa masculina. Como observam Chambers e Trudgill (1994 [1980]), a primeira pesquisa dialetológica foi realizada por correspondência por George Wenker, na Alemanha, e o primeiro atlas linguístico — produto importante nessa área —, por Jules Gilliéron, na França, em começo do século XIX, trabalhos a que se seguiram muitos outros, sempre realizados por pesquisadores masculinos.

Não seria diferente entre nós. A autoria do primeiro trabalho de natureza dialetal, que confronta o português do Brasil e o de Portugal, principalmente no nível léxico-semântico, é creditada a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que o elaborou entre 1824-1825, para figurar no *Atlas linguistique du Globe*, organizado por Adrien Balbi.

No rol dos pesquisadores brasileiros que integraram as primeiras fases da Dialetoologia no Brasil constam apenas nomes masculinos como Antenor Nascentes, Mário Marroquim, Amadeu Amaral, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Heinrich Bunse, Sílvio Elia, Pedro Caruso, Nelson Rossi e outros.

A presença do considerado “sexo frágil” nas Faculdades de Filosofia, onde se abrigavam os cursos de Letras, era, inclusive, lembrada como um empecilho ao desenvolvimento das pesquisas dialetológicas no Brasil, tendo em vista a necessidade de

deslocamentos para a coleta de dados.

É o que está, por exemplo, nas palavras de Antenor Nascentes (1958), em *Bases para a elaboração do Atlas lingüístico do Brasil*, ao reportar-se aos esforços da Comissão encarregada de planejar a realização de um Atlas Linguístico do Brasil (relativo à língua portuguesa), em atendimento à Portaria nº 536, de 26 de maio de 1952:

O Brasil precisa ter o seu atlas que não será mais do que o complemento do de Portugal, em vias de acabamento.

Desempenhando o seu encargo, a Comissão fêz uma tentativa em 1954, contratando o professor Sever Pop para dar um curso sobre o assunto, mas o curso do professor Pop não produziu os resultados esperados.

Houve grande desinteresse por parte do elemento masculino. Só dois estudantes de Faculdade de Filosofia compareceram, sendo o resto do auditório constituído por senhoras e senhoritas. Ora, para as tarefas de colheita de material, as mulheres são menos adequadas do que os homens, porque num país como o nosso teriam dificuldades de locomoção e de alojamento que elas muitas vezes não poderiam vencer. (NASCENTES, 1958, p. 7)

A pesquisa dialetal no Brasil e o protagonismo feminino

Apresentamos, neste texto, apenas um dos aspectos da pesquisa dialetal, aquele dirigido à realização de atlas linguístico, não só pelo interesse que desperta esse tipo de pesquisa, mas também pelo fato de, em geral, reunir maior número de pesquisadores, ao contrário, por exemplo, das monografias, que são realizadas individualmente.

Na primeira parte, focalizamos esse tipo de pesquisa, no século XX, a partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (ROSSI, 1963) e, na segunda, a Dialetoлогия no Brasil, no século XXI, em que destacamos a maior presença das mulheres, na maioria dos

trabalhos.

A Dialectologia no séc. XX: Do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) ao Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

A publicação do APFB, em 1963, vai incentivar a realização de outros atlas estaduais e de um atlas regional, assim como de monografias (inclusive para projetos de pós-graduação), contribuindo, desse modo, para o desenvolvimento da área e a formação de uma “mentalidade dialetológica”, de que fala Silva Neto (1957), em seu *Guia para estudos dialectológicos*.

Considera-se que essa fase se encerra, em 1996, com a proposta de elaboração do Atlas linguístico do Brasil, dirigido ao português.

O Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

A declaração de Nelson Rossi, no volume de *Introdução ao Atlas Prévio dos Falares Baianos*, que vem a ser publicado em 1963, marca o início, no Brasil, das pesquisas de natureza dialetológica, com vistas à elaboração de atlas linguístico.

Diz ele: “A história do APFB a rigor remonta a 1955 — ano de nossa chegada à Bahia, já com a pretensão e esperança de fazer Dialectologia” (ROSSI, 1965, p. 13).

Dando prosseguimento ao projeto, Rossi começou a realizar, a partir de 1958, inquéritos-sondagem em áreas baianas, juntamente com grupos de estudantes do último ano dos cursos de Letras, constituídos, quase totalmente, por mulheres, como, em geral, ocorria nesses cursos.

Os resultados da sondagem realizada em Bom Despacho, em 1958, serviram de base para a comunicação *Aspectos do léxico*

regional, apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, que se realizou em Salvador, em 1959.

Em 1959, em atividade de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso, o grupo de formandos — 26 moças e dois rapazes — deslocou-se para Feira de Santana, em ônibus alugado, distribuindo-se por três localidades próximas — São José das Itaporocas, Tanquinho e São Vicente. Cada grupo permaneceu cinco dias na localidade, hospedado em casas de famílias, trabalhando aos pares, sob a orientação de Nelson Rossi, que acompanhava o andamento da pesquisa, deslocando-se entre as três localidades.

Os resultados desses inquéritos serviriam de base para um Extrato de Questionário, utilizado para a pesquisa nas 50 localidades, distribuídas geograficamente pelo Estado da Bahia, que viriam a constituir a rede de pontos do APFB.

Na fase de realização dos inquéritos definitivos, Rossi contou com um grupo de oito jovens recém-formadas¹⁰ do qual se destacam Carlota Ferreira e Dinah Isensee¹¹, que continuaram a desenvolver a pesquisa, em suas fases posteriores, e passaram a figurar como colaboradoras principais do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, como consta das páginas iniciais da obra¹².

Verifica-se, assim, que a realização de atlas linguísticos se iniciou, na Bahia, também sob a liderança masculina, mas, desde o início, as “senhoritas” mostraram-se tão “adequadas” quanto os homens para a pesquisa *in loco*, diferente do que pensava Nascentes.

Essas jovens licenciadas, apesar das grandes dificuldades de

10 Além de Carlota Ferreira e Dinah Isensee, foram inquiridoras: Ana Maria Garcia, Cyva Leite, Edelweiss Nunes, Josefina Barletta, Judith Freitas e Tânia Pedrosa.

11 Carlota da Silveira Ferreira viria a integrar o grupo de professoras de Língua Portuguesa da UFBA, tendo requerido aposentadoria no período Collor (1990-1992), temendo, como um grande grupo de professores universitários, as ameaças feitas pelo Presidente aos funcionários públicos; Dinah Isensee (hoje Dinah Isensee Callou) ingressou na UFRJ, onde, como professora emérita, continua atuando na pós-graduação.

12 Cf. ROSSI, N. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963, p. 4.

locomoção pelo Estado, dispuseram-se a chegar às localidades selecionadas, em grupo de duas, realizando a pesquisa para a constituição do *corpus* do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*.

O primeiro inquérito realizou-se em 31 de outubro de 1960, em Abrantes (ponto nº. 5 do APFB), com a presença de todos os inquiridores, que trabalharam aos pares.

Sobre a ida a Abrantes temos o testemunho de Carlota Ferreira¹³, que relata algumas das dificuldades que tiveram de ser superadas, desde o início. Para essa primeira localidade a ser pesquisada deslocaram-se as jovens professoras e Nelson Rossi, utilizando uma Kombi¹⁴ como meio de transporte. Ao chegarem à ponte sobre o rio Joanes, tiveram a primeira surpresa: a ponte tinha caído! Para superar o obstáculo, atravessaram o rio por um caminho aberto para passagem de pedestres e, do outro lado, seguiram a viagem até Abrantes em um carro-de-boi. Após a realização dos inquéritos, voltaram no mesmo carro de boi para reencontrar a Kombi que ficara esperando por eles.

Em alguns relatos de outras viagens, Carlota Ferreira¹⁵ reporta-se às dificuldades:

- a) Chegamos à pensão em Morpará. A porta do nosso “quarto” estava polvilhada de baratas [...] a hospedeira foi matá-las apertando-as com os dedos. Tínhamos que dormir e comer nessa casa. (Relatório 1 – Brotas de Macaúbas);
- b) Não foi fácil, para nós, chegar até Helvécia [...]. Fomos de Salvador a Nanuque – Estado de Minas Gerais – por via aérea e até alcançar nossa meta final – passando por Ibiranhém

13 O testemunho oral de Carlota foi obtido, em conversa, em agosto de 2021.

14 Veículo muito utilizado no Brasil, de 1957 a 2013, quando deixou de ser fabricado.

15 Essas viagens foram feitas por Carlota Ferreira e Tânia Pedrosa.

– viajamos mais sete horas numa estrada quase carroçável. O jipe que alugamos não era certamente o transporte mais usual da gente da localidade, que viajava geralmente de trem. (FERREIRA, 1994, p. 22)

A vila de Helvécia, no município de Mucuri, não era ponto do APFB, mas “foi descoberta” pelas duas inquiridoras, após os inquéritos em Ibiranhém, em fevereiro de 1961, que para lá se dirigiram movidas pelo interesse “de apurar se eram verídicas as informações verbais de que existiam ainda, naquela área, vestígios de um falar crioulo na boca de uma população quase toda de negros” (FERREIRA, 1986, p. 22)¹⁶.

Em algumas localidades, a ajuda de prefeitos ou de órgãos oficiais facilitou o acesso a pontos de inquérito, tornando o trabalho de pesquisa mais rápido e menos penoso, como ocorreu, por exemplo, em Juazeiro, como relembra Carlota. Nessa localidade, ela e Tânia tiveram não só o apoio do Prefeito, que liberou uma caminhonete para levá-las a Carnaíba do Sertão, como também o da Companhia Vale do São Francisco, que tinha sede na localidade e disponibilizou um pequeno avião CESNA para a realização das pesquisas em Pilão Arcado e Sento Sé.

O APFB, primeiro atlas linguístico realizado no Brasil, foi publicado em 1963.

Outros atlas estaduais e regionais

Com relação aos atlas brasileiros, elaborados e publicados entre 1963 e 1996 (ano em que se deu início ao Projeto ALiB), o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG) foi o único

16 Em 1988 e 1994, Helvécia foi revisitada por Dante Lucchesi e Alan Baxter, que confirmaram os dados anteriormente levantados e ampliaram a pesquisa com novos dados. Cf. <http://www.vertentes.ufba.br/a-comunidade-de-fala-de-helvecia-ba>. Acesso em: 15 ago. 2021.

elaborado somente por pesquisadores masculinos, os professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, José Ribeiro, Mário Roberto Zágari, Antônio Gaio e José Passini, e publicado em 1977.

Os demais atlas estaduais publicados nessa época testemunham o interesse das pesquisadoras pela pesquisa dialetal. São eles:

- a) o *Atlas linguístico da Paraíba* (ALPb), publicado em 1984, de autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes;
- b) o *Atlas linguístico do Paraná* (ALPr), realizado pela então doutoranda Vanderci de Andrade Aguilera e publicado em 1994;
- c) o *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), projeto idealizado por Carlota da Silveira Ferreira, em 1963, que contou com a participação de todo o grupo de Língua Portuguesa da UFBA, então constituído por Suzana Alice Cardoso, Vera Rollemberg, Judith Freitas¹⁷ e por mim, embora, naquela época, ainda não integrasse, de fato, o grupo¹⁸. Esse grupo se ampliou, em 1965, com o retorno à UFBA de Nelson Rossi e Nadja Andrade, que deixaram a Universidade de Brasília, após a destruição do projeto daquela universidade pelo regime implantado no País, em 1963. O ALS teve seus originais prontos em 1973, mas só veio a ser publicado em 1987, graças aos esforços de Carlota Ferreira.

Nessa época, iniciaram-se outros atlas, como o *Atlas linguístico e etnográfico da região sul do Brasil* (ALERS) — primeiro atlas regional que se estende pelos três estados da região sul — e o *Atlas linguístico do Ceará* (ALCE), que seriam publicados mais tarde.

17 Judith Freitas foi professora de Didática da Língua Portuguesa, disciplina que passou a ser ministrada, a partir de 1968, na Faculdade de Educação.

18 Só viria a ser contratada em 1965.

O Atlas Linguístico do Brasil

Encerrando o século XX, o protagonismo das mulheres na Dialetoologia brasileira destaca-se, em 1996, com a proposta de Suzana Alice Marcelino Cardoso, coautora do *Atlas Linguístico de Sergipe* e autora do *Atlas Linguístico de Sergipe II* (CARDOSO, 2005), do ousado projeto de realizar-se o Atlas Linguístico do Brasil, relativo à língua portuguesa, implementando, assim, um sonho que ela há muito acalentava e que foi também sonho de muitos dos que a precederam.

No *Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, Suzana Alice Cardoso reuniu um grupo de dialetólogos, especialmente os autores de atlas publicados e de atlas ainda em andamento, apresentando-lhes o projeto de realização de um Atlas linguístico que refletisse a variação existente no português do Brasil.

Aprovado o projeto, saiu desse Seminário a decisão de realizar-se o Atlas Linguístico do Brasil, estruturando-se um Comitê Nacional para coordená-lo, formado de todos os autores de atlas até então publicados e de um representante dos atlas em andamento. O Comitê, sob sua presidência, seria constituído por mim, como Diretora Executiva; Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFOP) e Walter Koch (UFRGS), como Diretores Científicos, este último representando os atlas em andamento¹⁹.

Para dar curso às ações necessárias à elaboração do Projeto, o Comitê Nacional passou, desde então, a reunir-se periodicamente, realizando, já em 1997, as duas primeiras reuniões nacionais.

¹⁹ Walter Koch dirigia o *Atlas linguístico e etnográfico da região sul do Brasil*, que seria publicado em 2002, época em que passou a integrar o Comitê Nacional como autor de atlas publicado. Nessa época, Aparecida Negri Isquerdo ingressou como representante dos atlas em andamento.

A Dialetoлогия no séc. XXI

As pesquisas de campo para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB se iniciaram em 2001, com os inquéritos em Quirinópolis, Goiás, realizados por Vanderci Aguilera.

E, para a realização dos inquéritos em todo o país, distribuíram-se as 250 localidades que constituem a rede de pontos do Atlas por várias equipes, que ficaram sob a coordenação dos Diretores Científicos que constituíam o Comitê Nacional.

A equipe baiana, sob minha coordenação, ficou responsável pelos inquéritos em cinco estados: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí. Posteriormente, com o falecimento de Mário Roberto Zágari, em 2010, nossa equipe também assumiu algumas cidades de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Ao lado da pesquisa de campo, que se estendeu até 2013, realizaram-se o arquivamento e as cópias da documentação linguística, as transcrições dos registros e foram iniciadas as análises de dados.

Em 2012, tendo-se decidido que iniciaríamos a publicação pelos dados das 25 capitais brasileiras que constituem a rede de pontos do ALiB²⁰, prepararam-se os dois primeiros volumes — vol I, Introdução, e vol II, Cartas Linguísticas — que seriam publicados em 2014, pela EDUEL, com lançamento na Universidade Estadual de Londrina, durante o IV Congresso Internacional de Dialetoлогия e Sociolinguística (IV CIDS), congresso que nos homenageou — a Suzana e a mim — e no qual contei com a presença de muitos colegas e amigos, assim como de representantes da minha família, o que considero uma das recompensas que a Dialetoлогия me proporcionou.

20 Duas capitais (Brasília e Palmas) não foram incluídas por razões metodológicas, referentes às datas de criação.

O terceiro volume, que deveria seguir a publicação do volume 2, foi imediatamente programado, ficando cada pesquisador responsável pelos comentários e análises referentes às cartas linguísticas de sua autoria, publicadas no volume 2. Encarregamo-nos, Suzana e eu, de organizar esse conjunto de trabalhos, o que começamos a fazer, a partir da recepção dos primeiros textos, em abril de 2015, convidando a colega Vera Rollemberg²¹ para a revisão dos textos.

Mas, como diz um antigo provérbio que minha mãe gostava de repetir, referindo-se à impotência da humanidade diante de fatos que fogem ao seu controle: *O Homem põe e Deus dispõe*.

E nada aconteceu como programamos. Embora tenhamos conseguido reunir a maioria dos textos, contamos com a impossibilidade de alguns colegas no atendimento aos nossos prazos e fomos submetidas ao que Deus havia disposto como tempo de vida para nossas queridas colegas, Suzana e Vera²².

Os trabalhos para a publicação do volume 3 só seriam, sistematicamente, retomados em 2020, já no início do tempo pandêmico²³, outro fato inesperado que vem atingindo toda a humanidade. Contamos, então, com a força das pesquisadoras Josane Moreira de Oliveira e Silvana Soares Ribeiro, a primeira, assumindo a revisão dos textos, deixada inconclusa por Vera, a organização e a preparação da boneca²⁴ para entrega à Editora Universidade Estadual de Londrina (EDUEL); a segunda, auxiliando a finalização dos textos necessários à apresentação do projeto à Editora, o que, finalmente, vem a ocorrer em 27 de agosto passado.

Com o falecimento de Suzana Cardoso, em 2018, foi

21 Após sua aposentadoria, Vera Rollemberg dedicou-se à revisão de textos, atividade que exercia com esmero e muita perfeição.

22 Suzana Cardoso faleceu em maio de 2018 e Vera Rollemberg em abril de 2019.

23 Sobre a pandemia: O primeiro caso confirmado da COVID 19 no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo.

24 Boneca ou boneco, a depender da área linguística do falante.

necessário reformular o Comitê. Nessa ocasião, assumi o cargo de Presidente do Comitê Nacional do ALiB, passando a coordená-lo ao lado de alguns companheiros do Comitê anterior — Maria do Socorro Aragão (UFPB/UEC), Vanderci Aguilera (UEL), Aparecida Isquerdo (UFMS), Abdelhak Razky (UFPA/UnB) e Felício Margotti (UFSC) — e de um grupo de sete dialetólogos mais jovens, também constituído predominantemente por mulheres — Silvana Ribeiro e Marcela Paim (UFBA), Marilúcia Oliveira (UFPA), Conceição Ramos (UFMA), Regiane Pereira Reis (UFMS), Fabiane Altino (UEL) e Valter Romano (UFSC).

Durante o atual tempo de pandemia, ao lado do prosseguimento das análises dos dados com vistas à preparação e publicação dos volumes seguintes — o 4º e o 5º ainda destinados às capitais, o 6º e o 7º com dados das localidades interioranas —, a equipe ALiB/Bahia, como outras equipes, tem-se dedicado à divulgação das pesquisas dialetológicas em congressos ou outros eventos realizados *online*, como, por exemplo, no Congresso UFBA EM MOVIMENTO²⁵, organizado pela Universidade Federal da Bahia, em maio de 2020, na mesa-redonda “PROJETO ALiB – 20 anos pesquisando a fala dos brasileiros”, da qual participei juntamente com as colegas Vanderci Aguilera (UEL), Josane Oliveira (UEFS/UFBA), Silvana Ribeiro e Daniela Claro (ambas da UFBA). Apresentamos também, Silvana e eu, no XXXV Encontro Nacional da ANPOLL²⁶, em 2020, a comunicação “Desafios da cartografia de grandes áreas geográficas: a experiência do Projeto Atlas Linguístico do Brasil”; e, em 2021, no XIX Congresso Internacional da ALFAL, falamos das “Potencialidades da geossociolinguística brasileira: análise de dados do Projeto ALiB”. Participei, da série ABRALIN AO VIVO, apresentando “Grandes

25 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=wnp6HwnTVTs>

26 Disponível em: <<https://anpoll.org.br/enanpoll2020/wpcontent/uploads/2020/12/Sociolingu%C3%ADstica-1.pdf>>

Projetos em Rede: NUrC, Gramática do Português falado e ALiB”, em 2021, juntamente com os colegas Dinah Callou (UFRJ) e Adolfo Elizaincín (Universidad de la República, Uruguay)²⁷.

Uma mesa-redonda que se ocupou também do papel das mulheres nas Ciências ocorreu no bojo da atividade de extensão “Café com Linguística”, organizada por Amanda Reis Silva, docente da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e membro da equipe ALiB/Bahia, desde que ingressou na UFBA, como bolsista de Iniciação Científica.

Participei dessa mesa, em setembro de 2020, juntamente com as professoras Juliana Soledade (UFBA/UnB) e Suzy Lagazzi (UNICAMP), que teve como tema “Mulheres na Linguística: ciência e protagonismo”²⁸, e, na minha apresentação sobre “As mulheres na Dialectologia”, destaquei não só a reduzida presença das mulheres nas pesquisas dialetais realizadas fora do Brasil, até o século passado, mas também um procedimento metodológico que levava à preferência dos indivíduos de sexo masculino como pessoas a serem entrevistadas, considerando as mulheres pouco capazes de responder às questões que lhes eram feitas, como se lê, por exemplo, no *site* do *Atlas Lingüístico da Península Ibérica* (ALPI), a respeito dos inquéritos que se realizaram entre 1931 e 1936:

[...] E, em geral, recorreram a homens, porque era suposto dominarem melhor a terminologia agrícola do que as mulheres. De qualquer modo, deve assinalar-se que o ALPI teve bastante mais informantes femininas do que foi habitual nos atlas posteriores.²⁹

27 Disponível em: <<https://aovivo.abralin.org/lives/grandes-projetos-em-rede-3/>>

28 Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=x15CSEl43Yo&t=2609s>.

29 García Mouton, Pilar (coord.), Inés Fernández-Ordóñez, David Heap, Maria Pilar Perea, João Saramago, Xulio Sousa, 2016, ALPI-CSIC[www.ALPI.CSIC.ES], edição original de Navarro Tomás (dir.), *Atlas lingüístico de la Península Ibérica*, Madrid, CSIC. Disponível em: <http://alpi.csic.es/pt-pt/alpi/los-sujetos-de-encuesta>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Avaliando o percurso da dialetologia no Brasil, do ponto de vista do protagonismo feminino

A proposta de realização do Projeto Atlas Linguístico do Brasil referente à língua portuguesa, em fins do século passado, deu margem ao surgimento de uma nova fase na história da Dialetologia no Brasil, a quarta, como propusemos, Suzana e eu, em *Documentos 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (cf. CARDOSO; MOTA, 2006).

Essa nova fase caracterizou-se pela adoção, pela primeira vez em atlas brasileiro, de uma metodologia pluridimensional, que não se limita aos parâmetros diatópicos, mas inclui as dimensões sociais, como a faixa etária, o sexo e a escolaridade dos informantes, proposta por Thun (1998).

Destaca-se essa fase, também, pelo crescimento do número de pesquisas dialetais e de elaboração de atlas linguísticos estaduais, como, por exemplo, o *Atlas linguístico sonoro do Pará – ALISPA* (RAZKY, 2004) e o *Atlas linguístico do Amapá* (RAZKY; RIBEIRO; SANCHES, 2017); ou atlas de pequeno domínio, apresentados aos programas de pós-graduação como teses e dissertações, baseados na metodologia inovadora do ALiB, como se pode exemplificar com o *Atlas linguístico do município de Ponta Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*, dissertação de Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), defendida em 2006, e a tese de Moisés Batista da Silva, defendida na UFCE, em 2012, intitulada *Atlas linguístico do Centro-Oeste Potiguar*.

Registra-se também a publicação de atlas que se encontravam em andamento, como o *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS* (OLIVEIRA, 2007) e o *Atlas linguístico do Ceará – ALC* (BESSA, 2010)³⁰.

30 Uma relação desses atlas, até 2013, encontra-se em Romano (2013).

Do ponto de vista dos que se dedicam a esse ramo de estudos é reduzida a presença de pesquisadores do sexo masculino, continuando em destaque a quantidade e a liderança das pesquisadoras.

Para exemplificar, citamos o texto intitulado “Panorama dos atlas linguísticos de pequeno domínio no Brasil” (1987-2013), de autoria de Romano (2013). Na relação dos atlas elaborados no século XX, encontram-se 25 autoras e apenas três autores, fato que possivelmente se explica pela predominância, que ainda persiste, de mulheres em cursos de Letras.

Minha formação universitária e a escolha pela dialetologia

Para falar de minha escolha pela Dialetologia, devo voltar à minha formação em Letras Neolatinas, de 1958 a 1961, destacando a presença de Nelson Rossi na cadeira de Língua Portuguesa, professor imbuído da necessidade de aliar, na Universidade, o ensino à pesquisa, procedimento pouco usual naquele tempo. Foi ele o responsável pela constituição da equipe que, há mais de 50 anos, vem trabalhando na área da Dialetologia, na UFBA, sempre agregando novos membros e enfrentando novos desafios.

As informações sobre as pesquisas realizadas pelas estudantes das séries mais adiantadas e, em 1959, as apresentações assistidas, nas sessões do IV Congresso Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, expondo os resultados das pesquisas anteriormente feitas em quatro localidades do Estado da Bahia, foram importantes para despertar o desejo de estudar a variação linguística em nossa área.

O lançamento, em 1963, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, do *Atlas Prévio do Falares Baianos* foi outro fato

incentivador das pesquisas dialetais, não só na UFBA, mas também em outras universidades brasileiras.

Nesse mesmo ano, por convite de Nelson Rossi, passei a integrar o grupo de professoras de Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Bahia³¹ e comecei a participar das pesquisas dialetológicas em Sergipe.

Explica-se, assim, a opção por essa linha de estudos linguísticos, ocupando-me com uma disciplina da qual nunca havia ouvido falar.

Uma experiência nova: a pesquisa de campo (1963-1968)

O meu primeiro contato com a pesquisa de campo ocorreu, em 1963, por ocasião das sondagens preliminares para a elaboração do *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)*. Para a realização das primeiras sondagens para o futuro *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al., 1987) fomos de ônibus para Estância, Sergipe, onde nos hospedamos em casa de familiares de Carlota, o que nos impediu de sofrer o impacto das condições precárias com que, algumas vezes, nos depararíamos na segunda viagem.

As cinco localidades selecionadas, nessa primeira viagem, eram próximas de Aracaju, de que distavam 19 km (Laranjeiras), 26 km (São Cristóvão, na região metropolitana), 39,9 km (Itaporanga d'Ajuda), 66 km (Estância) e 86 km (Santa Luzia do Itanhy, a povoação mais antiga de Sergipe) e para o acesso a cada uma delas utilizamos carro particular.

Fiquei responsável pelo inquérito em Laranjeiras, enquanto as colegas Carlota Ferreira, Judith Freitas, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg distribuíram-se pelas demais localidades.

A análise dos dados obtidos nesses quatro inquéritos

31 Apenas em 1968, pelo Decreto nº 62241, foi estruturada uma unidade exclusivamente dedicada aos Cursos de Letras, o Instituto de Letras.

permitiu-nos aperfeiçoar o questionário linguístico que seria aplicado, ainda em caráter de sondagem, em 1964, em mais 11 localidades para que se constituísse a rede de pontos do Atlas Linguístico de Sergipe. Posteriormente, em 1967/1968, foram realizados os inquéritos definitivos nas quinze localidades anteriormente pesquisadas.

Na pesquisa realizada em 1964, acompanhamos um grupo de estudantes da 4ª série do Curso de Letras, alunos de Carlota, que os tinha preparado para o trabalho de campo, como atividade final do curso. Era um grupo majoritariamente feminino, constituído por cinco alunas e um aluno: Ana Maria Viveiros, Maria Elisa Bacelar, Maria Theresa Figueiredo, Maria Vitória Oliveira, Vânia Silva e Roberto Joaquim Oliveira.

Nesses inquéritos, enfrentei, em companhia da estudante Maria Elisa Bacelar, as dificuldades de transporte e de alojamento, no interior do país. Fomos no ônibus que habitualmente fazia esse trajeto, levando no colo os gravadores de pilha com que registraríamos os inquéritos, uma vez que não havia energia elétrica em todas as localidades nem em todas as casas. Hospedamo-nos, em Ribeirópolis e em Divina Pastora, em residências particulares de famílias que costumavam receber os poucos hóspedes que, ocasionalmente, lá pernoitavam. Apesar das precárias condições dessas residências, especialmente quanto às instalações sanitárias, permanecemos dois dias, em cada uma das cidades, necessários para encontrar os “informantes ideais” e realizar os inquéritos. Felizmente, o acolhimento humano que nos dispensavam reduzia, em parte, o desconforto.

Esse tipo de acolhimento, registrei, por exemplo, em Ribeirópolis, na conversa com as duas pessoas que entrevistei naquela época: um senhor, que morava com a esposa, em uma casa afastada do centro, e uma senhora negra que se distinguia pela cor naquela localidade em que predominava a população branca,

descendente dos holandeses, que haviam invadido o Nordeste, no século XVII.

De Ribeirópolis fomos, de ônibus, para Simão Dias, onde encontramos um hotel, que, apesar de “desprovido de estrelas”, era menos precário do que as casas de famílias em que nos hospedamos nas outras duas cidades. Voltei a Ribeirópolis, em 1967, em companhia de Nelson Rossi e Nadja Andrade, oportunidade em que visitei o informante masculino, que se encontrava na mesma casa, embora já não o tenha submetido a inquérito.

Em Ribeirópolis, nessa segunda viagem, realizei também o que identificamos como “inquéritos paralelos”: três entrevistas mais no estilo laboviano, em que os entrevistados falavam livremente sobre as suas atividades, acrescentando as informações que quisessem.

Do material recolhido em Ribeirópolis retirei os dados para a minha tese de Professor Assistente, que versou sobre a palatalização em Ribeirópolis, analisando um dado linguístico que despertou a atenção dos inquiridores: a forte palatalização das consoantes oclusivas dentais [t, d, n] depois da semivogal [j], em sequências como [ˈveʝtʃud] (vem tudo), [bojdʝkah] (boi do carro) e [teʝnã] (tem não).

Os inquéritos definitivos para o ALS se realizaram entre 1967 e 1968. Nessa época, voltei a Laranjeiras e a Divina Pastora para novos inquéritos e fiz inquéritos também em Itaporanga d’Ajuda, Brejo Grande e Propriá. Além disso, como já relatado, acompanhei outros inquiridores a Ribeirópolis, Simão Dias e Curralinho (povoado de Poço Redondo).

Deparei-me, novamente, com a precariedade das estradas e das acomodações nas localidades, em que, algumas vezes, precisamos espantar as moscas para que nos deixassem almoçar; usar mosquiteiros para nos defender, à noite, das muriçocas; proteger-

nos, com repelentes, dos potós³²; e utilizar os banheiros ao ar livre, nos quintais.

Acrescentou-se, nessa época, um novo problema: o aumento da repressão no país, que provocava o temor de algumas pessoas que, às vezes, nos confundiam com possíveis agentes do regime em vigor.

Ficou como uma das lembranças da fase de realização dos inquéritos em Sergipe a viagem até Currealinho, à margem do rio São Francisco, no jipe disponibilizado pela UFBA para deslocamento de pesquisadores. Fomos, Suzana e eu, na companhia de um bom motorista, atencioso e bastante conversador, para aquela localidade, ao norte de Sergipe.

Ao chegarmos, a beleza do rio à nossa frente nos encantou e nos animou para a realização dos inquéritos. Mas foi nessa localidade que tivemos de beber água de chuva, diretamente servida pela natureza e recebida nos recipientes que colocamos para captá-la, a fim de não aceitar a água barrenta do rio que nos era oferecida na hospedaria improvisada onde ficamos.

Não se dispunha, aí, de energia elétrica nem de instalações sanitárias. Mas foi possível realizar os inquéritos previstos para representarem a localidade no ALS.

Repetindo a experiência algumas décadas depois

Para a realização dos inquéritos do ALiB, enfrentei, a partir de 2003, os caminhos do Nordeste para a realização dos inquéritos.

Nessa época, decorridos de 35 a 48 anos depois das pesquisas para o ALS, ainda foram muitas as dificuldades para atingir as localidades brasileiras, como, por exemplo: estradas em péssimas

32 Cf. HOUAISS, A. *Dicionário Online de Português*. Bras. Inseto noctívago, cuja urina é cáustica. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=POT%C3%93>. Acesso em: 16 ago. 2021.

condições ou estradas perigosas, pela probabilidade de assaltos; ônibus que paravam, para aguardar um pneu de socorro, que ele não levava, ou para “esfriar o motor”; ataques de pernilongos; pousadas um pouco melhores do que aquelas do passado, mas, várias vezes, ainda incapazes de fornecer aos pesquisadores cansados um jantar ou uma noite de descanso reparador.

Alguns relatos dessas viagens por pesquisadores de todas as equipes que trabalharam na fase de constituição do *corpus* do ALiB estão em um volume da série *Documentos* (*Documentos 6 – Atlas linguístico do Brasil: História e memórias*), organizado pela equipe baiana e publicado em 2016 (cf. CARDOSO et al., 2016).

Realizei, para a composição da rede de pontos do ALiB, um total de 55 inquéritos, que se distribuíram pela Bahia — Salvador, Alagoinhas, Barreiras, Seabra, Itaberaba, Santana, Jequié, Vitória da Conquista, Itapetinga —, por Sergipe — Aracaju, Estância e Propriá —, por Alagoas — Maceió, União dos Palmares, Santana do Ipanema e Arapiraca — e por Pernambuco — Recife, Arcoverde e Garanhuns, a maioria, em viagens com Suzana Cardoso e com bolsistas de Iniciação Científica³³.

Como nas pesquisas anteriores, prevaleceu, nas equipes, o maior número de mulheres. E, inesperadamente, encontramos, em algumas áreas, grande desconfiança com relação às entrevistas (e/ou às entrevistadoras), que se manifestou através da interferência dos familiares das pessoas por nós selecionadas, em geral, maridos, que proibiam as companheiras de aceitarem o nosso convite para uma conversa, mas também filhos, em relação às mães, e, pelo menos uma vez, filhos em relação ao pai, que foi nos procurar, envergonhado, por não poder cumprir o que, no dia anterior, havia

33 Os bolsistas aí referidos são: Ana Paula Andrade Ferreira, Cláudia Santos de Jesus, Isamar Neiva de Santana, Lorena Nascimento de Souza, Mércia Silva Abreu, Nara Maria Pereira Carvalho, Viviane de Deus Deiró e, como único representante masculino, Rerisson Cavalcante de Araújo, hoje professor de Linguística, no Instituto de Letras da UFBA.

nos prometido.

Registrei também em Sergipe a exigência feita por um marido de permanecer ao lado da esposa, obrigada a ter uma Bíblia no colo, enquanto eu a interrogava sobre as diversas áreas de nosso questionário.

Avaliando o meu percurso

As dificuldades apontadas por Nascentes, em 1958, reduziram-se com o passar dos anos e a Dialetoologia continua aberta a todos os que se interessem pelo estudo da diversidade linguística, independentemente de sexo ou gênero. Como todos os caminhos, oferece dificuldades, mas também descobertas e alegrias aos que escolhem percorrê-lo.

As pesquisas põem o pesquisador em contato com realidades e pessoas muito diferentes e lhes revelam muito mais do que as numerosas variantes linguísticas existentes na língua. Mostram, durante o trabalho de campo, outras realidades, atitudes que nos surpreendem e enriquecem.

Exemplifica-se, aqui, um fato ocorrido conosco (Suzana, as bolsistas Cláudia Santos de Jesus e Isamar Neiva de Santana e eu), na volta de Arcoverde (PE), após haver realizado ali os inquéritos previstos. Voltávamos para Garanhuns (PE), em uma velha *Caravan*, com a lotação completa, dirigida por um motorista cujos colegas o apelidavam de *Tartaruga*, provavelmente por respeitar, demasiadamente, os limites do veículo, quando fomos surpreendidas por uma inesperada gentileza desse motorista.

O comentário sobre esse percurso de 90 km é feito por Suzana (In: CARDOSO et al., 2016):

A certa altura, e já pelo meio do percurso, o motorista para a sua, nossa, viatura em frente a um boteco. De novo me assusto: *Valha-me, Deus, irá tomar*

uma pinga? Doce ilusão, e nesse caso, Graças a Deus: lá entrou o nosso atencioso motorista e ao retornar, entrou na *Caravan*, ligou o motor e, ato contínuo, virou-se para o banco de detrás, justo aquele em que estávamos, entregou um saco de pão [...] e uma garrafa de um litro e meio de Coca-Cola, com copos plásticos, dizendo solenemente: *Sirvam-se e vão passando para trás!* (CARDOSO et al., 2016, p. 89)

O interesse pela pesquisa dialetológica alimentou-me também, a cada viagem, com o reviver de lembranças do passado, com o encontro de palavras utilizadas ou ouvidas na infância.

Não me reporto ao tempo em que “uns raros amarravam cachorro com linguiça” de que fala Drummond (1983)³⁴, na crônica “Antigamente”, mas de um tempo em que, em Salvador, andava-se de bonde ou de marinete, chupava-se queimado, comprado aos baleiros, as meninas corriam coxia, pulavam macaco ou amarelinha, brincavam de chicotinho queimado ou de cabra-cega, enquanto os meninos brincavam de gude, empinavam arraia ou periquito e podiam dar aú na areia das praias, obedecendo à divisão entre “brincadeira de menina e de menino”. As mulheres usavam verônicas escondidas na alça dos califons ou as colocavam nas camisolas de seus bebês para protegê-los e livrá-los de maus olhados.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALTENHOFEN, Cleo V.; KLASSMANN, Mário S. (Orgs.) **Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

ARAGÃO, Maria do Socorro de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa. **Atlas linguístico**

³⁴ *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983, p. 1320-1321. Disponível em: <http://www.legal.adv.br/20071007/antigamente>. Acesso em: 28 ago. 2021.

da Paraíba. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BESSA, José Rogério Fontenele (Coord.). **Atlas linguístico do Estado do Ceará.** V. I Introdução; v. II – Cartogramas. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Edições UFC, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II.** Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil.** 2 vols. Londrina: EDUEL, 2014.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Orgs.), **Documentos 6:** Projeto Atlas linguístico do Brasil, histórias e memórias. Salvador: Quarteto, 2016.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La dialectología.** Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994 [1980].

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do português do Brasil.** 2ª. ed. Salvador: EDUFBA, 1994. p. 21-32.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas linguístico de Sergipe.** Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação de Cultura de Sergipe, 1987.

MOTA, Jacyra Andrade. **Sobre o traço palatalidade em Ribeirópolis (Sergipe).** Tese para concurso de Professor Assistente, 1973. 196 p. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.) **Documentos 2:** Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-34.

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

OLIVEIRA, Dercy G. de (Org.) **Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS.** Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

RAZKY, Abdelhak. **Atlas linguístico sonoro do Pará (ALiSPA 1.1).** Belém: s/ed. 2004 (Programa em CD-ROM).

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte. **Atlas linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Casa de Ruy Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977

ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361577643/Balanco-Critico-Da-Geolinguistica-Brasileira-e-A>. Acesso em: 28 ago. 2021.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos** – Introdução, Questionário comentado e Elenco das respostas transcritas. Ministério de Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1965.

SILVA NETO, Serafim. **Guia para estudos dialectológicos**. Manaus: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès international de linguistique e philologie romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367- 409.

Trajectoria acadêmica e estudo dos sufixos -íssimo, -mente, -mento

Leda Bisol

Este texto divide-se em duas partes: parte I, carreira; parte II, estudo dos sufixos: -íssimo, -mente, -mento. Esses sufixos têm alguns pontos em comum, mas divergem quanto aos condicionamentos que integram o sufixo à palavra-base; -íssimo adentra a palavra-base; -mento localiza-se ao lado da base; -mente constitui um caso de supletivo. A análise fundamenta-se na teoria autosegmental e na teoria lexical.

Parte I

Dirigida para a Escola Normal, fui professora do primeiro grau. Quando se abriram as portas da universidade às normalistas, fiz o curso universitário em Letras Neolatinas, lecionando de manhã e à tarde, frequentando a universidade que só funcionava à tarde. Concluído o curso, fui nomeada para a Escola Normal de Pelotas, onde fiquei por cinco anos, sediada no Colégio Santa Margarida, sentindo-me feliz. De retorno a Porto Alegre, minha terra natal, fui da Escola Primeiro de Maio ao Instituto de Educação. Tive a oportunidade de participar do seminário interamericano de linguística que se realizara no México, 27 de novembro, 1967 a 2 de fevereiro 1968. Lá tomei conhecimento de que no ano seguinte, começaria um curso de linguística no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fiz todos os esforços para fazer esse curso. Obtive licença de uma semana, suficiente para obter os créditos necessários. Retornei ao trabalho com o compromisso da dissertação, cujo tema, na área

da sintaxe, versou sobre predicados complexos, a exemplo de Maria cantava chorando. O tema foi inspirado por um dos cursos que realizei no III seminário interamericano de linguística, realizado em São Paulo, em 1969, ministrado por Heles Contreras sobre gramática transformacional, então em voga. Descrevi a dissertação entrando em contato com ele via correio, para solucionar dúvidas, pois não havia professor de sintaxe no curso. Em sua primeira versão, entreguei o texto ao diretor, Aryon Rodrigues, que determinou que aguardasse a vinda do prof. Anthony Naro. Ao chegar, sem delongas, Naro leu o texto e assumiu a orientação, sugerindo acrescentar alguns argumentos.

No doutorado, realizado dez anos depois, era de praxe, Mattoso Camara, cuja aulas me encantaram no mestrado, já não existia e, na ocasião, não me sentira preparada para trabalhar com o grande mestre. Porém reflexos de seus ensinamentos estão presentes em meus artigos. A tese Harmonização Vocálica, uma regra variável, foi orientada por Anthony Naro, especializado em variação fonológica e sintática. Agraciada com uma bolsa de estudos, fiz um estágio de Universidade de Edinburgh, Escócia, para analisar dados da tese no Laboratório de fonética, contando com a supervisão de Alan Kemp.

No pós-doutorado, fiz estágio de um ano em Stanford, Califórnia; escrevi um artigo sobre ditongação sob a supervisão de Paul Kiparsky; fiz vários cursos, apresentei minha tese de doutorado em reunião de professores e escrevi com Gregory Gay o artigo Phonology and Variable data, apresentado por Gay in NWAV-XV.

Assim decorreu minha formação acadêmica.

Parte II

Estudos: -sufixos -issimo, -mente, -mento

(1) Sufixo -íssimo

Segundo Camara Jr. (1969) -íssimo não é um morfema de grau como consta em gramáticas tradicionais, mas um sufixo de intensidade que se opõe ao sufixo -inho:

Na realidade, o que se tem com os superlativos é uma derivação possível em muitos adjetivos, como para muitos substantivos há a possibilidade do diminutivo e para alguns (não muitos) a dos aumentativos. Em outras palavras, a expressão de grau não é um processo gramatical em português, porque não é um mecanismo obrigatório e coerente, e não estabelece paradigmas exaustivos e de termos exclusivos entre si.

Camara Jr, M.J., 1969, p. 50

Seguem exemplos e derivação:

(a) alto/altíssimo	(b) belo/belíssimo	(c) audaz/audacíssimo
digno/digníssimo	perto/pertíssimo	feliz/felicíssimo
santo/santíssimo	verde/verdíssimo	bom boníssimo

O sufixo -íssimo adentra a palavra base em todas as ocorrências; a consoante final da palavra-base converte-se em ataque silábico da sílaba seguinte, a sibilante manifesta-se [-so]; a nasal, coronal.

(1) Derivação

bɛlo+isimo	estrutura subjacente
bɛlo	nível lexical
bɛ.lo	silabificação
'bɛ.lo	acento
bɛ.lo+isimo	nível pós-lexical
bɛ.lísimo	adjunção
bɛ.li.si.mo	silabificação dos segmentos soltos
bɛ.lí.si.mo	acento
[bɛ.lu] [bɛlí.simu]	elevação da átona final

O processo decorre coerentemente, seguindo os cânones da

derivação, Kiparsky (1982). O acento, que é cíclico, é apagado a cada mudança de nível, retornando para acentuar a nova palavra; a silabificação, que não é cíclica, fica à disposição para silabificar segmentos soltos. Quanto ao condicionamento referente à integração do sufixo à base, -íssimo adentra a palavra-base, constituindo um caso de inserção.

Passemos ao sufixo -mente, no mesmo esquema, exemplos e derivação.

(2) Sufixo -mente

(a) calma/calmamente	(b) covarde/covardemente	(c) cruel/cruelmente
rápido/rapidamente	forte/fortemente	fácil/facilmente
sereno/serenamente	leve/levemente	feliz/felizmente

Em palavras de dois gêneros, a VT neutraliza em favor de /a/; em todos os casos, o sufixo -mente localiza-se ao lado da base.

(3) Derivação

sereno+mente	estrutura subjacente
sereno	nível lexical
se.re.no	silabificação
se.ré.no	acento
se.re.no+mente	nível pós-lexical
se.re.namente	adjunção com neutr. da VT em favor de /a/
se.re.na.men.te	silabificação dos segmentos soltos
se.re.na.mén.te	acento

O exposto é suficiente para os objetivos. A derivação começa por derivar um adjetivo e muda de rumo ao entrar no pós-léxico, ajustando-se para formar uma palavra adverbial. Eis um caso legítimo de supletivo, ou seja, condicionamento de supressão.

(4) Sufixo -mento

cerca(r)/cercamento	rende(r)/rendimento	fingi(r)/fingimento
farda(r)/fardamento	esquece(r)/esquecimento	poli(r)/polimento
funda(r)/fundamento	sofre(r)/sofrimento	senti(r)/sentimento

Note-se que, em verbos da segunda conjugação, a vogal final /e/ manifesta-se como /i/, tal como no infinitivo. A partir da base verbal, com apagamento de /r/, forma-se um nome ou forma da conjugação verbal.

(4) Derivação

farda(r)+mento	estrutura subjacente
farda	nível lexical
far.da	silabificação
fár.da	acento
far.da+ mento	nível pós-lexical
far.damento	adjunção
far.da.men.to	silabificação dos segmentos soltos
far.da.mén.to	acento

O sufixo -mento, como seus comparsas, localiza-se ao lado da base, constituindo um caso de condicionamento de localidade.

Diante do exposto, o sistema do português em estudo conta com três condicionamentos referentes à integração do sufixo à base: inserção, localidade e supressão.

Conclusão

Este estudo, via derivação, constatou três condicionamentos que regem a integração do sufixo à palavra-base: inserção, localidade, supressão, a exemplo de: -issimo, belo/ belíssimo que adentra a palavra base; localidade que, a exemplo de -mento, farda/fardamento, localiza-se ao lado da base, constituindo um caso de localidade; -mente. sereno /serenamente, o qual, depois de formatar um adjetivo, muda de rumo para formar uma palavra adverbial,

constituindo um caso de supressão.

Referências

BISOL, Leda. **Sufixos de duas faces**. Abralín, 2021

CAMARA, Jr. MATTOSO, J. **Problemas de Linguística Descritiva**. Petrópolis, Vozes, p. 50, 1969.

CLEMENTS, G.N. **The Geometry of Phonological Features**. *Phonology Yearbook*. London, n.2, pp. 225-252, 1985.

CLEMENTS, G.N; HUME, E.V. **The internal organization of speech sounds**. In: Goldsmith J. (Org). *The handbook of Phonological Theory*. Blakwell, London, 1995.
CONTRERAS, HELES. **Curso de sintaxe transformacional**. **Seminário de linguística americano**. São Paulo, 15 de janeiro a 28 de fevereiro, 1979.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Língua Portuguesa*, 2000.

KIPARSKY, Paul. **Allomorphy or morphonology?** *Department of Linguistic University*, Stanford, 1966.

KIPARSKY, Paul. **From cyclic phonology to lexical Phonology**. In Hulst, van der Smith, (Org). *The structure of Phonological Representation*. Dordrecht, Foris, p.11-76, 1982.

SAID ALI, M. **Gramática Secundária da Língua Portuguesa**. Melhoramentos, 1964.

Muitas lutas, grandes vitórias

Maria do Socorro Silva de Aragão

Como tudo começou

Nasci numa pequena vila, município de Brejo do Cruz, Paraíba, chamada São José de Brejo do Cruz, cujo nome popular era São José dos Cacetes, devido ao costume de se usar cacetes para matar as pessoas.

Meu pai era um pequeno agricultor e minha mãe era professora, alfabetizando as crianças das proximidades. Eu não tive a oportunidade de ser alfabetizada por ela, uma vez que logo pequena saí de perto dela.

Logo pequena fui morar com minha tia e minha avó em Brejo do Cruz. Quando minha tia casou mudamos para Catolé do Rocha, Paraíba.

Foi em Catolé que começou minha alfabetização, com uma senhora idosa, Dona Dasdores, em sua casa. Não havia carteiras, nem quadro negro. Havia um banco encostado na parede onde os alunos se sentavam e escreviam no colo. A professora ia nos ensinando e logo a seguir começava a arguição dos alunos. Se você errasse a questão, levava bolo de palmatória. Se o colega acertasse a questão, ele lhe daria um bolo de palmatória.

Depois de alfabetizada estudei num Colégio de Freiras alemãs e francesas, onde fiz o antigo primário. Colégio Francisca Mendes, rígido e exigente, mas de grande qualidade. Foi nele onde comecei a estudar francês.

O curso ginásial fiz no Colégio Estadual da Prata, o chamado Gigantão, já em Campina Grande. Este Colégio era um exemplo de qualidade e quase todos os professores passaram a ser professores

da Universidade Federal Da Paraíba, chegando um deles vir a ser Reitor da UFPB.

Meu tio era contador e queria que eu fizesse Contabilidade, mas eu logo vi que não era o que eu queria.

Comecei a fazer o Curso Clássico, mas com pouco tempo me casei e deixei o curso. Depois do nascimento de dois de meus filhos, resolvi fazer o vestibular e passei para o curso de Letras, na Universidade Regional do Nordeste em Campina Grande, em 1964, terminando-o em 1969 e daí em diante começou minha carreira acadêmica.

Formação Acadêmica

Em 1970, fui com meu marido, os dois filhos e minha irmã, para São Paulo, onde meu marido ia fazer o Mestrado na Fundação Getúlio Vargas. Eu fui à USP tentar falar com algum professor que pudesse vir a ser meu orientador. A sorte me sorriu, mais uma vez, ao encontrar o Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais. Ele conversou longamente comigo, querendo saber sobre os meus estudos e conhecimento de Linguística. Eu lhe disse que em minha graduação tinha lido uma apostilha sobre Saussure e nada mais. Ele disse que me receberia sob a condição de eu cursar disciplinas básicas de Linguística na graduação, concomitantemente com as disciplinas da Pós-Graduação.

Eu aceitei as condições e ele me aceitou como orientanda.

Foi aí que comecei a minha formação linguística, com professores doutores da maior categoria, além de Cidmar Teodoro Pais, tive aulas com o Prof. Isaac Nicolau Salum, Segismundo Spina, Antonio Cândido e tantos outros, além de professores estrangeiros, como Bernard Pottier, Patrick Charaudeau.

Em plena Pós-Graduação nasceu meu terceiro filho, em 1970.

Defendi a Dissertação de Mestrado em 1973, cujo tema foi:

“Notas a Uma Análise Fonético-Fonológica do Sistema Linguístico Regional da Paraíba”.

Neste mesmo período, 1972-1973 fiz um Curso de Especialização em Linguística, de 180 horas, na Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

Em 1974 defendi a tese de Doutorado, sob o tema: “Sistema, Norma e Diassistema na Caracterização Fonológica Regional da Paraíba”.

Carreira Acadêmica

De volta a João Pessoa – PB, em 1974 fiz concurso para a Universidade Federal da Paraíba, onde estou até agora. Mesmo aposentada em 1994 continuo dando aulas na Pós-Graduação em Letras, orientando e pesquisando.

Ainda em 1994, com o apoio do Reitor Dr. Humberto Nóbrega, iniciamos os estudos para a criação do Mestrado em Letras na UFPB. Com a chegada, em seguida, do novo Reitor, Dr. Linaldo Cavalcante de Albuquerque, criamos o Curso, ainda em 1994. O Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPB foi o primeiro de todo o Norte e Nordeste. Fui coordenadora do Curso por dois períodos de quatro anos. Nesta minha administração, criamos o Doutorado em Letras na UFPB.

Como não havia doutores em Letras, eu fui a primeira da UFPB, iniciamos o curso com Professores Visitantes, da USP, da UFRJ, da UERJ, da UFRS e ainda de professores estrangeiros, como Maria Helena Mira Mateus, João Malaca Casteleiro e Alfredo Margarido, de Portugal. Bernardo Pottier, Patrick Charaudeau e Rose Marie Simoni, da França.

Por sermos o primeiro curso em toda a região norte e nordeste, recebemos alunos de quase todos os Estados dessas regiões.

Além das aulas na Pós-Graduação, orientei 55 Dissertações

de Mestrado e 29 Teses de Doutorado.

Paralelamente dei início às minhas pesquisas, começando com o Atlas Linguístico da Paraíba concluído e publicado em 1984, pelo CNPq.

a) Desenvolvi, coordenei e coordeno, os seguintes Projetos de Pesquisa:

- Atlas Linguístico da Paraíba
- Resgatando a Linguagem de Autores Nordestinos
- O Léxico das Plantas Medicinais no Nordeste: Uma Abordagem Etnolinguística
- Motivações Significativas de Itens Lexicais de Atlas Linguísticos Brasileiros
- Falares Nordestinos: Aspectos Fonético-Lexicais: uma Abordagem Dialetal e Sociolinguística
- O São João como Fator Educativo-Cultural
- O Texto da Quadrilha Junina: Inovação ou Recriação?
- Representação e identidade: Uma análise discursiva e linguística das marcas culturais nordestinas na literatura de cordel
- Laboratório de Análise da Fala

b) Membro da Coordenação dos seguintes Projetos:

- Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – Projeto Nacional
- Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português: Projeto Internacional - Equipe do Brasil

Em 1976-1977 fiz Pós-Doutorado em Linguística Aplicada, sob a coordenação do Prof. Dr. Bernard Pottier, na Université Sorbonne Nouvelle, Paris 3, com Bolsa do Ministério de Relações Exteriores

do governo francês.

Em 1978 fiz Pós-Doutorado em Dialetologia e Geolinguística, sob a coordenação do Prof. Dr. Manuel Alvar, na Universidad Complutense de Madrid, com bolsa do CNPq.

Em 1989-1990 fiz Pós-Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, na Central Connecticut State University, nos Estados Unidos, com bolsa do CNPq.

c) Instituições onde Trabalhou e Trabalha

Além da UFPB fui professora nas seguintes Universidades:

- Universidade de São Paulo – USP como Professora Colaboradora- 1971 – 1973
- Faculdade Castro Alves – São Paulo – 1973
- Universidade Regional do Nordeste – URNE – Campina Grande – PB – 1974
- Universidade Federal do Ceará – UFC - Professora Visitante desde 1995 até agora
- Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande – PB – 1995-2005
- Central Connecticut State University – USA – Professora Visitante - 1989-1990.

d) Orientações Concluídas:

- Teses de Doutorado = 28
- Dissertações de Mestrado – 56

e) Orientações em Desenvolvimento:

- Teses de Doutorado = 03
- Dissertações de Mestrado = 06

f) Bancas de Defesa:

- Teses de Doutorado = 71

- Dissertações de Mestrado = 135

Exames de Qualificação:

- Teses de Doutorado = 45
- Dissertações de Mestrado = 16

Bancas De Concurso:

- Professor Titular = 02
- Livre Docência = 03
- Professor Assistente = 05
- Professor Associado = 01

g) Prêmios e Títulos:

- Academia Paraibana de Letras
- Academia Paraibana de Letras Maçônicas
- Rotary Club Internacional
- Sol das Letras – Por do Sol Literário
- Academia de Artes e Letras do Nordeste
- União Brasileira de Escritores – PB
- Câmara Municipal de Sapé – PB
- Loja Maçônica “Augusto dos Anjos”
- Partners of the Americas – USA
- Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba
- Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPB
- Fundação Casa de José Américo
- Associação dos Professores de Espanhol do Estado da Paraíba
- Mulheres em Ação
- International Women’s Club da Paraíba
- Governo do Estado da Paraíba
- Prefeitura Municipal de São Paulo

h) Produções Bibliográficas:

- Livros = 33

- Capítulos de Livros = 76
- Livros Organizados = 27
- Artigos Publicados em Periódicos Científicos = 66
- Textos Publicados em Jornais e Revistas = 05
- Trabalhos Publicados e Anais de Eventos = 129
- Apresentação de Trabalhos e Conferências = 71
- Prefácios e Posfácio = 37

Participações em Eventos e Congressos Nacionais Internacionais = 104

Organização de Eventos e Congressos = 22

Como Surgiram a Dialectologia e Geolinguística em Minha Vida Acadêmica

Em meu estágio de Pós-doutorado na França entrei em contato com a Profa. Dra. Rose Marie Simoni, uma das autoras do Atlas Linguístico da França Por Regiões. Assisti seus cursos, tive uma relação de amizade muito intensa com ela. De volta à Paraíba trouxe a Profa. Simoni duas vezes à Paraíba e ao Ceará, para cursos e orientações de pesquisa.

A partir daí resolvi que eu faria o Atlas Linguístico da Paraíba, o que iniciei logo que retornei da França.

Em 1977 resolvi fazer um outro pós-doutorado, desta vez na Espanha, sob a coordenação do Prof. Dr. Manoel Alvar, um dos ícones da Dialectologia e Geolinguística no mundo. Fiz cursos com ele e tive a felicidade de conquistar sua confiança, de tal modo que ele me deu a chave de sua Biblioteca, com a condição de que eu não tiraria uma folha sequer de lá. Aí, então, conheci todos os atlas Linguísticos do mundo, pesquisei desesperadamente e voltei com todas as condições de desenvolver minhas pesquisas.

Com toda essa base teórico-metodológico, pude encaminhar meus alunos e orientandos para o trabalho dialetal, especialmente no nordeste do Brasil. Deste modo sugiram os seguintes trabalhos:

- Atlas Linguístico da Paraíba: Uma Leitura das Cartas Léxicas e Fonéticas (Mestrado)
- Linguagem Falada em Fortaleza: Uma Coerente Escolha Linguística (Mestrado)
- Monotongaço no Falar de Fortaleza (Mestrado)
- Aspectos Socio-dialetais da Língua Falada em Fortaleza (Doutorado)
- Análise das Vogais Médias Pretônicas e Postônicas Finais e Pré-finais no Português Oral Culto e Popular de Fortaleza (Doutorado)
- As Palatais Lateral e Nasal no Falar Paraense: Uma Análise Variacionista e Fonológica (Doutorado)
- Atlas Linguístico do Iguatu - CE (Mestrado)
- Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco (Mestrado)
- O Uso do Tu e Você no Português Falado no Maranhão (Mestrado)
- Aspectos Fonéticos, Morfossintáticos e Lexicais no Falar de Caiana dos Crioulos (Mestrado)
- Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar (Doutorado)
- Atlas Linguístico de Pernambuco (Doutorado)
- Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos: Um Estudo Socio-variacionista (Doutorado)
- O ABC do Sertão: Aspectos Semântico-Culturais e Fonéticos do Português Brasileiro (Doutorado)
- Atlas Linguístico Morfossintático de Iguatu-CE (Doutorado)
- Atlas Linguístico Léxico-Semântico da Região do Cariri Cearense (Doutorado)

Em relação a outras Linhas de Pesquisa orientei os seguintes trabalhos:

- A Linguagem da Casa de Farinha (Mestrado)
- Morfossintaxe da Fala de Contadores de Estórias na Paraíba (Mestrado)
- As Faces Secretas o Hiperônimo Flor (Mestrado)
- Aspectos Linguístico do Léxico do Ceramista em Sergipe (Mestrado)
- Para um Vocabulário Semi-sistemático da Cultura e da Indústria da Rede de Dormir: Um Estudo dos Movimentos Sígnicos Constitutivos de sua Linguagem (Mestrado)
- A Mulher na Literatura de Cordel: Uma Abordagem Léxico-Semântica (Mestrado)
- O Léxico do Vestuário na Década de 80 (Mestrado)
- A Terminologia do Sal no RN: Uma Abordagem Sócio-Terminológica (Mestrado)
- Uma Palavra em Muitos Termos: A Terminologia da Cultura Agroextrativista Industrial e Comercial do Coco Babaçu (Doutorado)
- A Terminologia da Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão: São Luís e Alcântara (Mestrado)
- Variação Linguística nos Contos Populares (Mestrado)
- Entre Jeje e Iorubá - A Linguagem dos Orixás: Um Estudo Linguístico de Terreiros de Mina em São Luís (Mestrado)
- Análise Semiótica de Piadas com Passagens Bíblicas: Intertextualidade e Interdiscursividade na Geração de Sentido (Mestrado)
- Socioterminologia da Indústria Madeireira (Doutorado)
- O Léxico do Canto do Mangue (Mestrado)
- O Falar do Vaqueiro de Garanhuns: Uma Abordagem Sócio e Etnolinguística (Mestrado)

- Terminologia do Ciclo de Produção do Alumínio: Bauxita, Alunima, Alumínio (Doutorado)
- Terminologia da Cultura da Farinha de Mandioca na Amazônia Paraense: Uma Percepção Variacionista (Doutorado)

Trabalhos Sobre Autores Regionais

- O Jogo Polifônico de A Bagaceira: Um Estudo Sobre o Funcionamento do Romance à luz da Teoria da Heterogeneidade Discursiva (Mestrado)
- Aspectos Léxico-Semânticos da Linguagem de João Cabral de Melo Neto (Mestrado)
- A Linguagem Regional Popular na Obra de Patativa do Assaré: Aspectos Fonéticos-Lexicais (Mestrado)
- Acrônimos e Efeitos de Humor em José Simão (Mestrado)
- Variação Linguística nos Contos Populares (Mestrado)
- Análise Semiótica e Discursiva de o “Auto da Compadecida” (Mestrado)
- Regionalismo nos Romances de Rachel de Queiroz (Mestrado)
- O Léxico Regional Popular na Obra de Graciliano Ramos (Doutorado)
- Glossário das Obras do Escritor Ariano Suassuna em uma Abordagem Léxico-Semântica (Mestrado)
- A Linguagem Regional no Romance de Gilvan Lemos

Por este pequeno relato, estou certa de que dei, e continuo dando, minha colaboração para o desenvolvimento dos estudos linguísticos não só em todo o nordeste, mas em todo o Brasil como um todo.

Adair Pimentel Palácio: linguista, indigenista, humanista

Januacele Francisca da Costa

(...)

Ya eyonexi

Ya eyonelhaxi untosa Adair

(Djik

Fulni-ô)

Infância e juventude: vida familiar e social

A professora Adair Pimentel Palácio nasceu em Recife, Pernambuco, no dia 15 de abril de 1931. Seus pais, Antonio Palácio Pinheiro e Ivone Pimentel Palácio, constituíram um núcleo familiar numeroso, no seio do qual ela desfrutou do convívio dos seus irmãos e irmãs, em uma infância e juventude sadia, alegre e produtiva.

A família Palácio participava ativamente da vida social da cidade e do bairro em que moravam, tomando parte nos eventos religiosos e sociais que eram realizados pela comunidade. Uma amostra da participação da família e, particularmente, da menina Adair, em eventos religiosos, bem como da sua família na sociedade recifense da época, pode ser notada através de diversos registros em jornais da época. No Diário da Manhã, em 24 de maio de 1941, vamos encontrá-los tomando parte nos festejos do mês mariano na igreja dos Martyrios, igreja antiga que ficava na rua Augusta, nas proximidades de onde hoje se localiza o camelódromo, e que foi derrubada em 1973, para abertura da Avenida Dantas Barreto.

Infância

O encerramento, que promete revestir-se de brilhantismo, está marcado para o dia 1 de junho próximo, domingo de Pentecostes, e constará de missa solenne, às 10 horas, celebrada por um sacerdote da Sagrada Família e cantada pela Schola Cantorum da Igreja de São Pedro dos Clerigos, a mesma que vem abrilhantando os actos marianos e que executará a Missa Tertia, a duas vozes, de M. Haller, sob a direcção do professor Manuel Evangelista, devendo a noite mariana de encerramento ser patrocinada pela menina Adair, filha do sr. Antonio Palácio, proprietário da Pensão Palácio, e de sua esposa, sra. Ivone Pimentel Palácio, havendo offerta de flores pelas crianças residentes na parochia e amigas da interessante Adair.

Diário de Pernambuco, 24/05/1941

ANNIVERSARIOS

FAZEM ANNOS HOJE:
Senhoras:
 Maria das Graças Moraes, esposa do sr. Jerônimo Moraes; Felicidade Bandeira Campos, esposa do sr. Lourival Campos; Esmeralda Ferreira Santos, esposa do sr. Pelicliano dos Santos.
Senhorinhas:
 Julieta Silveira, filha do sr. Sebastião F. Silveira; Maria Bastos Alves, filha do sr. Severino Alves.
Senhores:
 Dr. Francisco de Assis Rosa e Silva; Pedro José do Nascimento; Nasson de Figueiredo, conhecido intellectual conterraneo; Antonio Lagrec; Horacio de Barros Ribeiro, funcionario do Departamento de Saude Publica; Elias Dias de Oliveira.
Meninas:
 Adair, filha do sr. Antonio Palácio, e de sua esposa, sra. Ivone Palácio; Nydia, filha do sr. José Rainha.

Diário da Manhã, 14/04/1938

BODAS DE PRATA

Transcorreu ontem, o 25.º aniversário de casamento do sr. Antônio Palácio Pinheiro, proprietário nesta capital, e sra. Ivone Pimentel Palácio.

Solenizando o acontecimento, foi celebrada, às 8 horas, missa em ação de graças, na matriz de Santo Antônio.

Às 10 horas, na residência do casal, foram entronizadas as imagens do Coração de Jesus e de Maria.

À noite, realizou-se uma reunião dansante.

Diário da Manhã, 19/09/1947

Antonio Palácio era o dono da Pensão Palácio, localizada na Rua da Concórdia, 148, onde ficava também a residência da família. Adair recordava e narrava vividamente casos que ali ocorreram, como, por exemplo, quando o seu pai soltou uma revoada de pombos para marcar uma certa comemoração. A pensão Palácio era célebre e muito bem conceituada, o que é possível constatar pelas notas dos jornais da época que a ela se referiam, destacando ora a participação da pensão na V Festa da Mocidade, que acontecia no Parque 13 de Maio, da qual seria responsável pelo bufê de sorvetes, ora noticiando a presença e atuação no local de pessoas famosas, tais como o Maestro Villa-Lobos, que, de passagem por Recife, nela se hospedava.

Importância da Pensão Palácio

No recinto do Parque funcionará perfeito serviço de bar e sorveteria, que se acha confluído a Pensão Palácio. Os aparelhos do Parque Shangai deverão chegar a esta cidade na próxima semana, figurando entre eles o Trem Fantasma, destinado a marcar sucesso entre os frequentadores da V Festa da Mocidade.

Diário da Manhã, 05/11/1941

A cantora baiana Safira Pinto, realizará amanhã, às 20 horas, no "hall" da "Pensão Palácio" um festival artístico, com a apresentação de vários e escolhidos números de seus variados repertório, onde se destacam: "Tudo é Brasil", "Perfidia", "American Away" e outros. Após o recital haverá uma animada "soirée" dançante, abrilhantada por uma afinada orquestra.

Diário da Manhã, 11/07/1941



Jornal de Recife, 07/07/1934

Na sociedade recifense dos anos 1940/1950, a jovem Adair sobressaía-se, fosse participando de eventos culturais – concursos e recitais de poesias, por exemplo – fosse viajando para outros estados do Brasil, ora de navio, ora de avião. Os jornais da época registram alguns desses momentos.

Juventude na sociedade recifense

SENHORINHA ADAIR PIMENTEL PALÁCIO — Completa, hoje, 15 anos de idade, a graciosa senhorinha Adair Pimentel Palácio, filha do sr. Antônio Palácio, proprietário da «Pensão Palácio», nesta cidade.
A gentil aniversariante oferecerá uma hora de arte às suas amiguinhas, em sua residência, à rua da Concórdia n 148.

Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, 20/04/1946

Vida Artística
RECITAL NYSIA NOBRE DE ALMEIDA
Realizar-se-á, terça-feira, 30 do corrente, às 19 1/2 horas, no Teatro Santa Isabel, o anunciado recital das alunas da pianista Nysia Nobre de Almeida, elemento de realce nos círculos artísticos do Estado.
Foi organizado o seguinte programa:
Guritt — Valsa — Aldara da Rosa Oiticica; Beethoven — Minueto em sol maior a 4 mãos — Rosa Maria e Tereza Maria Mineiro Dias; Mendelssohn — Canção da primavera a 4 mãos — Silvia e Maud Fragoso de Albuquerque; Rubinstein — Melodia em fá a 4 mãos — Maria Antonieta e Mirian Caldas; Debussy — O negrinho — Adair Palácio; Carman — Saragoça — Silvia

Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, 26/11/1948

— Chegaram do sul no FP-BRD, avião da L. A. B., as seguintes pessoas: José Alves Melo Filho, José Lopes de Andrade, Vicente de Araújo Pinheiro, Simão Nader, Lúcia Pimentel, Adair Pimentel Palácio, Henrique Gonzales, Olisino Monte de Carvalho, dr. Jayme Fonseca, João Batista, José Silvio Barreto de Macedo, Carlos Lobo Breda, Dulce Gama Breda Filha, Roberto Duarte Quintela Cavalcanti, Dulce Gama Breda, dr. Armando Rabelo, Hercílio Bernardino Souza, Paulo Fialho e Manoel Francisco Souza.

Diário de Pernambuco, 06/08/1947

Assim transcorreu a sua infância e juventude, cheias de eventos felizes e serenos, alguns tristes, certamente, que Adair gostava de contar a nós, seus alunos, nos intervalos das aulas, das sessões de estudos, nas viagens para congressos. Entre suas reminiscências, não faltavam relatos dos carnavais antigos de Recife, dos quais ela e sua família eram alegre e divertida parte.

Uma formação básica muito sólida, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista moral e humanista, vai transparecer em todas as suas nobres ações pela vida afora. Seus pais eram católicos praticantes e eram também pessoas esclarecidas e educadas, sempre procurando mostrar aos filhos todas as faces da vida e do mundo, o que ela própria anuncia ao dedicar-lhes a sua tese de Doutorado: *Aos meus pais, Antonio Palácio Pinheiro (em memória) e Ivone Pimentel Palácio, por me ensinarem, sem rótulos, sobre direitos humanos e justiça social.* (Grifo meu.)

Estudos superiores

A inquietude intelectual de Adair se revela nos cursos de graduação que ela escolheu inicialmente – Educação Física e Direito – os quais cursou quase que simultaneamente, destacando-se em ambos.

Na Escola de Educação Física do Recife, no ano de 1953, ela foi eleita presidente do Diretório Acadêmico, compondo uma chapa que era formada apenas por mulheres. No mesmo ano, já empossada no cargo, assinou, juntamente com os presidentes de diferentes Diretórios Acadêmicos – por sinal, todos homens – um manifesto em que se propõem os rumos da política estudantil, se reitera a independência absoluta da União dos Estudantes de Pernambuco e se colocam as escolhas dos Diretórios Acadêmicos para a eleição dessa entidade. Na Universidade de Recife, também mostra a sua militância na defesa das causas que julgava justas ao assinar um

protesto de bacharelados, entre os quais o seu irmão Aldeck, que seguia o mesmo curso. Entre as assinaturas apostas a esse protesto, mesmo que possamos identificar a presença de outras mulheres no curso de Direito, há apenas uma assinatura feminina, a de Adair, o que demonstra protagonismo como feminista *avant son temps et lieu*, engajamento em causas sociais e uma mente *avant garde*. Tudo sem abandonar a formação cristã tradicional, sua origem.

Como se pode ver, vislumbra-se nessas atividades, em meio a um mundo ainda dominado pelos homens, uma mulher forte e determinada, engajada nas causas sociais e políticas, uma pessoa corajosa, uma intelectual que hoje diríamos à frente do seu tempo, uma visionária, pois, visto que vislumbrava as estradas futuras que a levariam para a nobre causa que abraçou, a luta pelo conhecimento e preservação das línguas indígenas. Não esqueçamos que essa era uma causa considerada menor pela elite intelectual brasileira naqueles tempos.

Em 30 de dezembro de 1954, Adair concluiu o curso de Direito. A edição do Diário de Pernambuco do dia seguinte circulou com a notícia do evento.

Direito

REALIZOU-SE A COLAÇÃO DE GRÁU DA TURMA DE BACHAREIS DE 1954

O ato foi presidido pelo reitor Joaquim Amazonas — Discursos — Os concluintes

No Teatro Santa Isabel realizou-se, ontem, a solenidade de colação de grau dos bacharelados da turma de 1954, da Faculdade de Direito do Recife. O ato foi presidido pelo prof. Joaquim Amazonas, reitor da Universidade do Recife e parabenizou dos novos bachareis os quais tiveram como orador o conselheiro Francisco Higinio Barbosa Lima.

São os seguintes os novos bachareis: Abdias Cabral de Moura Filho, Adair Pimentel Palácio, Ademar de Oliveira, Aderval Vanderlei Tenório, Aécio José Maranhão da Fonte, Alberto de Moraes Vasconcelos, Adreck Pimentel Palácio, Alfredo José Nader, Amaro Fernando Chaves de Medeiros Dourado, Amaury Alcoforado de Almeida, Anibal Aguiar Porto, Antônio Alves da Silva, Antônio Coelho de M. Correia, Antônio F. Neto G. Alcoforado, Antônio Francisco A. Cavalcanti, Antônio Luiz Lima de Barros, Antônio de Vasconcelos Teixeira, Armando Viegas de M. Filho, Artur Pio dos Santos Neto, Avelino Vieira de Medeiros, Azevel Leitão de Albuquerque, Bartolomeu Lapenda, Carlos Fonseca de Mesquita, Carlos Montenegro Guerra, Carlos Moura de Moraes Veiros, Carlos Ribeiro Romo, Célio de Castro Montenegro, Cláudio Cabral da Mota, Cleber Bala Silva, Clovis Valença Alves, Daniel do Rêgo Maciel, Darlei Lima Ferreira, Djalmo Gonçalves Guerra, Dinaldo Buarque de Gusmão, Duemerval Bartolomeu Trigueiro Mendes, Edson Bartolomeu F. Gomes, Elias Lapenda Sobrinho, Emílio Tota Chaves, Emir d'Albuquerque Maranhão, Erico de Moraes Rabelo, Expedito José Correia de Oliveira Andrade, Felix Souza de Araújo (ausente), Fernando Cabral Pimentel, Fernando Sá Miranda, Francisco de Assis Baltar Peixoto de Vasconcelos, Francisco de Assis Leite, Francisco de Assis R. Pedrosa, Francisco Carneiro de Menezes, Francisco Figueiredo Matos, Francisco Higinio Barbosa Lima, Francisco Moraes de Souto, Francisco Pinto, Francisco Soares de Sá, Galileu Falconi de Carvalho, Gaspar Castano da Silva, Genival Santos Medeiros, Gentil Marinho Murbach, Geraldo Alves Casado, Geraldo Ferreira Lima, Geraldo Monteiro Santos, Gilson Guedes Cavalcanti, Gilton Guedes Pessoa, Gilvan Celso C. de Moraes, Gutomar Correia da Costa, Helena Alves Pessoa, Helio Correia de Araújo Seltus, Helio Nobrega Senaldi, Herclito Mendes da Fonseca, Hilton Guedes Alcoforado, Humberto Sodré da Mota, Ilson Cavalcanti Carmeiro Leão, Itamar Pereira da Silva, Ivan de A. Moury Fernandes, Ivenise de Abreu Mendes, Jalma Gomes da Silva, Jaime Pugliesi Branco, Jansou Gu-

dos Cavalcanti, Jarbas Benedito d'Almeida, Jazer Menezes Bezerra, João Alfredo Correia de Oliveira, João Batista de Paiva Ramalho, João Bezerra Vasconcelos, João Calado Borba, João Florencio Neto, Joaquim Ferreira Filho, Joaquim Galvão de Melo, José Anchieta Távora, José Apolinário de Pontes, José Carolino Corrêa de Oliveira Andrade, José Cartaxo Loureiro, José Correia de Andrade, José Figueirôa, José Francisco M. Cavalcanti, José Lindoro Martins Soule, José Leão de Carvalho, José Luiz Ramos Vanderlei, José Maria Lima Paraiso, José Mário Correia de Oliveira Andrade, José Nelson Rangel, José Nicácio de Oliveira, José Pascoal Neves Calábria, José Rodrigues de Oliveira, José Rodrigues Torres Filho, José Tavares Valença, Jurez Gomes Lopes, Jurez Sacramento Ponteiro, Lednar Montel-

(Conclui na 15ª página)

Diário de Pernambuco, 31/12/1954

A vocação de Adair e sua missão na terra eram de outra natureza; o estudo das línguas precisava dela, da sua mente criativa, da sua índole bondosa, da sua inteligência e da sua capacidade de se doar aos mais humildes. Os espíritos dos ancestrais de todas as etnias, protetores das línguas indígenas, a chamavam para suas fileiras, as quais, no Brasil, nesse início da segunda metade do século XX, não eram, de modo algum, o que se poderia chamar de fileiras cerradas. Então, ela foi fazer mais uma graduação, dessa vez em Letras Anglo Germânicas, curso que concluiu em 1958, pela Universidade Federal de Pernambuco.

Formada em Letras Anglo Germânicas, iniciou carreira no magistério na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao mesmo tempo em que lecionava no Centro de Linguística na capital

e em Santo André.

De volta a Recife, trabalhou como tradutora do DNOCS e como professora de Inglês da Sociedade Brasil Estados Unidos e do Colégio Estadual do Recife. Enquanto exercia essas funções, no ano de 1964, sempre em busca de aprimoramento da sua formação humana, intelectual e científica, Adair fez uma viagem de estudos e turismo aos Estados Unidos, onde visitou Nova York. Entre os centros de estudos linguísticos pelos quais ela deveria passar, estava Hattiesburg, no estado do Mississippi, onde demoraria um mês. Antes, porém, ela havia passado pelo México e Peru, depois por Los Angeles, San Francisco, Chicago, Washington e New Orleans. O conhecimento do mundo, e não apenas de mundo, que deixava encantados todos seus alunos e agregados – pois nós, quando nos tornávamos professores, sempre trazíamos conosco um estudante que ainda não a conhecia para que pudesse escutá-la e se encantar pela Linguística Indigenista – nos longos serões que passávamos em sua companhia, esse conhecimento que incluía uma viagem de navio com seu pai, ainda adolescente, para o Rio de Janeiro, alargava-se.

Dessa capacidade de encantar e seduzir pessoas completamente alheias ao tema língua indígena para a causa, quem nos conta é Carla Cunha: (...) *em um dia de aula na graduação, ela entrou na sala para cobrir o horário de uma colega em viagem. Naquele espaço de tempo, mais do ouvi-la falar sobre linguística indígena, percebi seu prazer em viver. (...) Nas oportunidades dos encontros, lá estou eu querendo ouvir suas histórias, querendo ver sua alegria de viver naquele sorriso de menina danada que é minha referência de uma adulta resolvida.*

Aldir Santos de Paula fez também uma descrição muito feliz dessa mulher que guiou tanta gente pelos caminhos do conhecimento, da ciência, de uma humanidade mais justa: *Sempre que penso em Adair alguns traços marcantes aparecem e delineiam*

sua figura ímpar (...): sua inteligência refinada, sua integridade sua alegria e seu olhar. (...) Mas, para além destas qualidades, algumas quase metafísicas, que a tornam gente tão especial e de formato único, ela foi a única responsável por me guiar para alguns “lugares” em que os povos indígenas no Brasil têm a sua posição de centralidade.

Pós-graduação e vida acadêmica

Ao mestrado em Linguística, que ela concluiu em 1967, na Universidade de Indiana, Estados Unidos da América, seguiu-se um estágio na Longman – editora inglesa – e também na University College, em Londres, sob a orientação do professor Randolph Quirk.

A carreira de professora universitária começou em 1974, no departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Em 1975, a Pós-graduação em Letras, com duas áreas de concentração – Teoria Literária e Linguística – foi criada. De acordo com César Leal, presidente da comissão que elaborou o projeto, o corpo docente que compunha o novo programa de Pós-graduação, cujos cursos teriam início em março de 1976, *era altamente qualificado, incluindo Adair Pimentel Palácio, mestra em linguística pela universidade de Indiana, USA.* Tanto na graduação quanto na pós-graduação, a nossa mestra ensinava linguística. Na pós-graduação, concentrou-se especialmente na área de fonética e fonologia de línguas indígenas brasileiras e também de outras línguas.

No mês de maio de 1976, o reitor da UFPE confirmou que indicara, para fazer um curso de doutorado em Universidades dos Estados Unidos, dois professores do departamento de Letras: Adair Pimentel Palácio e Alan Magalhães Costa. Os professores indicados deveriam partir em agosto do mesmo ano. Adair, entretanto, optou por ingressar na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) a fim de estudar uma das línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. A tese resultante, “Guató: a língua dos índios canoeiros

do Rio Paraguai”, defendida em 1984, fez história, tornando-a a primeira linguista doutora brasileira a descrever uma língua indígena. O orientador, o professor Aryon Dall’Igna Rodrigues, pesquisador de línguas indígenas, é imensamente responsável pelo desenvolvimento da linguística indigenista nas universidades brasileiras: em 1966, através do artigo *Tarefas da Lingüística no Brasil*, o professor Aryon havia conclamado os linguistas brasileiros a se ocuparem da imensa diversidade das nossas línguas indígenas que ainda existiam, que vinham até então sendo estudadas apenas por linguistas estrangeiros, especialmente os missionários americanos do SIL (Summer Institute of Linguistics).

Um fato que magnifica a relevância do trabalho é que os índios Guató, nessa época, eram dados como extintos pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Stella Telles afirmou: *Foi o seu estudo que deu visibilidade e os ressuscitou para a sociedade não índia, que achava que os Guató não existiam mais*. Devido a essa importância para a ressurreição dos Guató, a professora participou como convidada do documentário *500 Almas*, de 2004, dirigido por Joel Pizzini. O filme investiga a cultura da etnia milenar Guató, cujos descendentes vivem na região do atual pantanal mato-grossense.

O caminho que a levou até o povo Guató e sua língua está narrado, com a sua verve especial e única, no texto-epígrafe da tese:

Núbia apresentou-me a Ir. Joana D'Arc, que me indicou Ir. Ada, que me levou a Josefina, que me ensinou a língua e através de quem conheci e amei: Celso, Francolina, Cipriano, João Quirino, Estelita, Joana, Pedro, Lucinda, Vicência, Josefa, Armando, Zulmira, Xolô, Ana Maria, David, Eufrásia, Manoel, Júlia, José, Veridiano, Félix e Sebastião.

Mataram Celso.

Estelita morreu de sarampo.

Joana, Xolô e Ana Maria morreram de velhice e de inanição. Lucinda, Vicência e Josefa foram levadas embora... Ninguém sabe pra onde.

Pedro foi para um asilo e João, que ficou cego, foi viver com Josefina em Corumbã.

(com minhas desculpas ao poeta inspirador deste roteiro)

(Palácio, 1984)

Ao mesmo tempo em que trabalhava na elaboração da tese,

juntamente com Amara Cristina Botelho, Gilda Maria Lins de Araújo, Mara Núbia da Câmara Borges e Judith Chambliss Hofnagel, Adair atuou na fundação do NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas), no Departamento de Letras da UFPE. Registrado em 1980 pelo vice-reitor à época, o professor Geraldo Lapenda, o NEI, no qual ela foi coordenadora, pesquisadora, conselheira e inspiração por muitos anos, acolheu e formou dezenas, senão centenas, de estudiosos em Linguística e línguas indígenas. A partir dessa base forte e importante, diversos trabalhos sobre línguas indígenas foram realizados, preparando mestres e doutores, que se tornaram, em sua maior parte, professores de universidades e orientadores de outros trabalhos em línguas indígenas. Desse modo, o NEI Recife e Adair são responsáveis pela existência de inúmeros pesquisadores na área de línguas indígenas, o que hoje em dia garante que vários núcleos de pesquisa nessa área possam ser encontrados em diversas universidades do Norte e do Nordeste do Brasil, onde esses professores atuam. Esses centros, todos devedores a Adair, têm contribuído imensamente para a causa do conhecimento linguístico e para a atual luta pela preservação das línguas indígenas.

Uma contribuição importante do NEI Recife não pode deixar de ser mencionada: a criação do Boletim Axéuvyru – Axéuvyru é uma palavra da língua Guató que significa “Meu povo”, modo como ela se referia aos Guató – cujo primeiro número foi lançado em 1982.



Diário de Pernambuco, 22/05/1982

No seu primeiro número, o Boletim Axéúvyru esclarecia:

O índio é um dos valores étnicos e culturais do Brasil. A ele não vem sendo dado o destaque que merece. Uma imagem, consciente e inconscientemente distorcida, vem sendo transmitida às novas gerações. Trata-se de uma figura marginal, de um entrave ao progresso do País. Consequentemente, os grupos tribais, minoritários, constituintes da sociedade nacional, não vêm tendo o respeito que merecem.

O NEI e o Boletim Axéúvyru tinham em Adair sua representante por excelência, estivesse ela ou não à frente de eventos e realizações empreendidos pela sempre valorosa equipe.

Ensinando, estudando, proliferando o conhecimento e o amor pela causa das línguas indígenas, seu profundo senso de compromisso e de responsabilidade permitia que ela não se esquivasse do trabalho menos agradável de gestão. Em 1980, assumiu a subchefia do Departamento de Letras da UFPE, que tinha como chefe a professora Edileuza Dourado. Por duas gestões, fez parte da diretoria da Associação Brasileira de Linguística (Abralin), sendo

também conselheira por duas outras gestões.

A primeira participação na diretoria da ABRALIN ocorreu no período entre 1981 e 1983, quando a Abralín ficou sediada na UFPE. Foi conselheira de 1991 a 1995 e, novamente compôs a diretoria entre 1996 e 1998, no período em que a sede ficou no PPGLL/UFAL, Maceió. Sempre que ocupou esses cargos, destacou-se com propostas e ações relevantes. Embora, tradicionalmente, os congressos da ABRALIN sejam precedidos e seguidos de um Instituto de Linguística, cuja ideia central é levar o ensino da linguística para universidades das diversas regiões do país, essa tradição havia sofrido uma paralisação, sendo retomada em Recife, no ano de 1982, por iniciativa de Adair, na gestão presidida por Francisco Gomes de Matos. Nesse biênio, ainda, foi lançado o número 1 do Boletim da Associação Brasileira de Linguística. No congresso realizado em Maceió, articulou a participação do linguista Noam Chomsky e organizou o número da Revista D.E.L.T.A que apresenta a famosa entrevista do cientista.

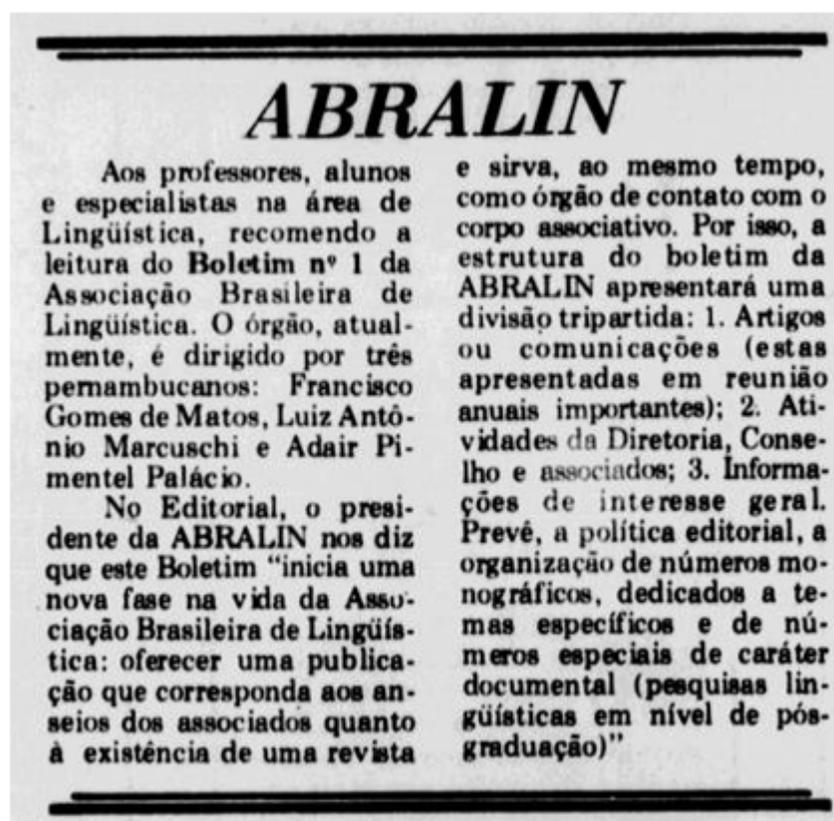
Diário de Pernambuco, 19/03/1982

Abralín tem nova direção

Em assembléia geral, realizada por ocasião da 33ª Reunião da SBPC, a Associação Brasileira de Linguística — Abralín — elegeu uma nova diretoria para a entidade, tendo à frente o professor Francisco Gomes de Matos, membro do corpo docente do Departamento de Letras da UFPE. A Secretaria será exercida por Luís Antônio Marcuschi e a Tesouraria ficará a cargo de Adair Pimentel Palácio. É a primeira vez, desde a fundação da Associação em 1969, que a diretoria é entregue ao Nordeste, ficando sediada no Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

A Abralín, enquanto entidade de classe dos lingüistas, propõe-se a defender os interesses da categoria, além de promover congressos e divulgar informações. A transferência da sua sede para o Nordeste significa uma maior dinamização do órgão, cuja atual diretoria pretende intensificar a comunicação entre os profissionais dos diversos Estados, através da publicação regular de um boletim.

Na Reunião da SBPC, neste ano, a Abralín promoveu dois cursos, "Elementos para uma teoria do discurso", ministrado por Sírío Possenti (Unicamp), e "Aspectos biológicos da linguagem", sob a responsabilidade de Giselle Machline de Oliveira e Silva (Rio). Realizou, ainda, uma mesa-redonda sobre o tema "Reforma ortográfica: questão lingüística ou política?", coordenada por Maria Bernardete Gnerre (Unicamp).



Na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), onde ajudou a professora Denilda Moura a implantar o doutorado em Linguística e fundou outro núcleo de estudos indigenistas que leva o seu nome, na Faculdade de Letras, Adair teve uma passagem importante. Daniele Grannier escreveu que *O NEI – Núcleo de Estudos Indígenas –*, tanto na UFPE como na UFAL, era e continua sendo um espaço onde os interessados podem ir chegando, sem formalidades, para saber um pouco mais sobre os povos indígenas e, mais especificamente, sobre suas línguas.

... and beyond

O nome de Adair está mais visivelmente ligado aos estudos das línguas indígenas brasileiras, ao chamamento das universidades no Nordeste do Brasil, onde as línguas indígenas em sua maioria foram extintas, para a causa das línguas indígenas.

A inquietude intelectual e a doação dela para a ciência e para o conhecimento, porém, é muito mais ampla. Projetos, programas, eventos, associações que contaram com a sua participação e contribuíram para o crescimento do estudo de línguas, da Linguística em particular – sem falar nas suas incursões pela arte, literatura, filosofia, etc. – são incontáveis, sobretudo porque foram produzidos em uma época em que o trabalho efetivamente realizado parecia ser mais importante do que publicações efêmeras. Mencionamos aqui apenas alguns exemplos.

Fez parte do projeto NURC (Norma Urbana Culta), que tinha como proposta inicial documentar e estudar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Como integrante desse projeto, participou do Encontro de Cultura Popular, na UFBA, no ano de 1975, onde representou, ao lado das professoras Edileuza Dourado e Núbia Borges, o Instituto de Letras da UFPE.

É notório que o ensino da Linguística no Brasil chegou timidamente, já quase a partir da segunda metade do século XX, e apenas nos grandes centros, onde ficavam as melhores universidades. Nos meados dos anos 70, quem fizesse um curso de Letras em uma faculdade do interior, estudaria no máximo filologia e nunca teria ouvido falar em descrição de línguas. Para nós, descrição de língua era a gramática tradicional. De Saussure, sabíamos o nome – [saw'suri] – e que era “o pai da linguística moderna”. De variação, então, não ouvíamos falar. O preconceito linguístico era fato consumado, era a moral vigente, já que “falar errado” podia ser um crime tão grave quanto desobedecer aos mandamentos cinco e sete. Nesse cenário, Adair aparece também como pioneira, pois participa dos primeiros movimentos para levar a ciência linguística para além da UFPE, tanto no Estado de Pernambuco, quanto em Estados vizinhos. Os jornais da época registram o périplo, do qual damos aqui uma pequena amostra.

Diário de Pernambuco, 24/02/1972

Problemas de linguística serão estudados em Campina Grande

O I Seminário de Linguística da Paraíba será realizado entre os dias 1 a 3 de março próximo, em Campina Grande, ocasião em que estarão reunidos para estudo e debates de temas fundamentais as maiores autoridades brasileiras em estudos linguísticos.

O Seminário é promovido pela Faculdade de Filosofia de Campina Grande e o Centro de Estudos de Linguística Aplicada de São Paulo, cujo diretor, prof. Francisco Gomes de Matos, pronunciará a conferência de abertura: "Princípios fundamentais da Linguística Contemporânea".

OS TRABALHOS

Os trabalhos do Seminário são muito variados, incluindo palestras, mesa redonda e estudo de documentos básicos. As mesas redondas estão a cargo

dos seguintes professores: Humberto Lobo Novelino (Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco); Adair Palácio; Augustinus Staub, Francisco Gomes de Matos (do Instituto de Letras da UFPE e do Centro de Linguística Aplicada de São Paulo), sendo presididos pela profa. Benita Figueiredo Ferreira Loureiro, diretora da Faculdade de Filosofia da Universidade Regional do Nordeste.

As conferências estão a cargo dos professores Gomes de Matos (Princípios Fundamentais da Linguística Contemporânea); Adair Palácio (A Linguística e o Ensino da Comunicação Escrita em Português); José Barbosa Borges (A Natureza e os Objetivos das Pesquisas Linguísticas); Humberto Lobo Novelino (Novas Perspectivas nos Estudos Linguísticos); Cleusa Menezes (A Linguísti-

ca e a Formação do Professor de Língua Portuguesa); Augustinus Staub (Conceitos Básicos da Linguística e Serviço do Professor de Vernáculo e de Línguas Estrangeiras); Geraldo Matos (O Conceito de Significado).

BORARIO

Os trabalhos serão realizados pela manhã e à tarde. Dentro do programa estão previsto lançamentos de livros dos professores Eurico Back e Geraldo Matos. As inscrições para o Seminário estão abertas no Recife, à rua Fernandes Vieira, 761, sede do Yazigi, mediante o pagamento da taxa única de 50 cruzeiros para cobrir despesas com material e certificados. Em Campina Grande os interessados poderão obter informações na Secretaria da Faculdade de Filosofia, à rua Afonso Campos, 23, diariamente.

Diário de Pernambuco, 25/02/1976

Diário da Manhã, 27/04/1981

1.º Congresso Regional de Literatura será de 8 a 13 de fevereiro

O Nordeste vai reunir, pela primeira vez, de oito a 13 de fevereiro, no Recife, professores de linguística e literatura da Região, no 1.º Congresso Regional de Literatura e Linguística, promovido pelo Departamento de Letras da Universidade Católica de Pernambuco.

O conclave que tem por finalidade estudar, analisar e discutir problemas ligados ao ensino, à literatura e à linguística, no Brasil, vem despertando o interesse de professores, universitários e pessoas ligadas às Letras, tanto de Pernambuco como de Estados vizinhos, em face da importância e benefícios que trará para o movimento literário da Região.

As inscrições poderão ser feitas diariamente — das 14 às 17 e das 19 às 21 horas — na Secretaria do Departamento de Letras da Unicap, 6.º andar do Bloco A, até o dia 30.

TEMARIO

Estes são alguns dos temas a serem abordados: "Linguística e Estruturalismo", pela professora Adair Palácio; "Poesia de Vanguarda no Brasil" pelo Padre Daniel Lima; e "Crítica Literária no Brasil", prof. Cesar Leal, todos da Universidade Federal de Pernambuco. Pela Universidade Católica, os professores Padre Anibal de Souza Melo e Leonidas Câmara, que abordarão: "Matozo Câmara, in memoriam" e "O Romance Moderno Brasileiro", respectivamente.

"Linguística e Poesia", prof. José Macambira; "Fundamentos para Investigação Literária", prof. Luis Tavares Júnior, da Universidade Federal do Ceará; e "Conto Moderno Brasileiro", a cargo do prof. Juarez da Gama Batista, da Universidade da Paraíba, foram os temas escolhidos por professores de outros Estados.

Encontro de Linguística será em Serra Talhada

ENCONTRO DE LINGUÍSTICA — Será realizado uma reunião científica e de caráter de pesquisa e de estudos — coordenada nos temas de Língua Portuguesa, Linguística e Literatura. O encontro será realizado em Serra Talhada, a 1 Encontro de Linguística e Literatura, promovido pelo Grupo de Estudos Linguísticos da Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado, da Universidade Federal de Pernambuco e da Prefeitura Municipal de Serra Talhada.

O encontro terá como coordenador o professor João de Holanda Cordeiro, presidente e presidente do Instituto de Linguística e Literatura, além de ser coordenado por professores locais e de outros Estados. O encontro terá como objetivo discutir e solucionar problemas relacionados à problemática linguística.

De programação do encontro constam palestras dos professores Raul Maria Wanderley da Silva, Adair Palácio, Maria Lígia de Araújo, Maria Nilda Borges, Fernando A. Cruzado, José Brasileiro, Vilanova José Bezerra de Lencastre e Celso T. Melo de Carvalho.

Entre os convidados do encontro estão: Inês Chaves, Francisco de Assis Lopes, Nancy Farina, José Luiz Leite, Luis Antônio Maranhão, Luis Maranhão, José Carlos Xavier de Almeida e Maria Cândida Barros Lapinde. Do encontro constam também ações de promoção de estudos, atualização de conteúdos didáticos, exposição de artigos e valores literários.

O interesse pelo índio não era apenas pelas línguas – já dissemos isso, mas não nos incomoda reiterarmos. Ela também não se negava a falar, onde quer que fosse convocada, sobre os povos indígenas, sobre ser realidade e não mito a existência deles. Assim, aceitava a difusão das suas participações em eventos sobre a causa indígena porque não era sobre si mesma, era sobre o seu trabalho, sobre um fato que as pessoas costumavam negar sem conhecer, imbuídas que todas estávamos do que hoje conhecemos pelo nome de racismo estrutural. Adair, sempre enxergando muito à frente, lutava por conhecimento e reconhecimento, sem preconceito e sem medo.

Diário de Pernambuco, 20/04/1983

Dia do Índio comemorado nas escolas municipais

As solenidades alusivas ao Dia do Índio, no âmbito da Municipalidade, tiveram início às 9 horas de ontem, quando o professor Humberto Vasconcelos, secretário de Educação e Cultura, e a professora Ruth Franco, presidente da Fundação Guararapes, deram por aberta a série de promoções culturais realizadas no Centro de Desenvolvimento de Pessoal - Cedespe e cujo ponto de destaque foi uma palestra com base em "Curiosidades sobre o índio brasileiro".

A palestra foi proferida pela professora Adair Pimentel, vinculada ao Núcleo de Estudos Indigenistas e especializada em História do Índio, no País. Assistiram à conferência convidados especiais, coordenadores, técnicos, supervisores e escolares da Fundação Guararapes.

ATIVIDADES

Além dessa promo-

ção que registra a passagem do Dia do Índio, nesta data, a Fundação Guararapes também promoveu atividades em diversas escolas municipais, onde as aulas foram basicamente dedicadas a cultuar memória do índio brasileiro.

Algumas professoras promoveram dramatizações; outras destinaram o expediente escolar à elaboração de redação sobre o tema básico da data; e, em mais algumas escolas, as atividades foram incentivadas pelos centros cívicos, reunindo os alunos num mesmo horário, para vivenciar conjuntamente a importância do evento.

A exemplo do Dia do Índio, as escolas da Fundação Guararapes também comemorarão as datas alusivas a Tiradentes e à inauguração de Brasília, amanhã e ao Descobrimento do Brasil sexta-feira.

Diário de Pernambuco, 28/02/1985

Cultura indígena é tema de curso que a UFPE vai promover

O Núcleo de Estudos Indigenistas, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, promoverá de segunda a sexta-feira da próxima semana, no Centro de Artes e Comunicação, no horário das 8 às 12 horas, um curso sobre cultura indigenista para professores de 1º grau. A informação é da professora Maria Núbia da Câmara Borges, do Departamento de Letras da UFPE, que adverte para a necessidade de um melhor conhecimento da cultura indígena.

Quanto ao curso, assinala Núbia Borges, seu objetivo principal é conscientizar o professor do 1º Grau sobre a necessidade de melhor utilização do material didático que possibilite aos alunos o conhecimento adequado do índio brasileiro.

O curso faz parte do projeto "A Cultura Indigenista no Ensino de 1º Grau",

pertencente ao Programa de Integração da UFPE com o Ensino de 1º Grau no Estado de Pernambuco. Este projeto tem como coordenadores as professoras Núbia Borges e Adair Pimentel Palácio, esta última também do Departamento de Letras da UFPE, e vem sendo aplicado com base em orientações traçadas pelo Núcleo de Estudos Indigenistas, mais conhecido por NEI.

Fundado há cinco anos, o NEI já teve a oportunidade de influenciar um razoável número de pessoas no campus universitário. Núbia Borges e Adair Pimentel acreditam que "isto serve como indicador no levantamento de hipóteses sobre opiniões e atitudes da comunidade com relação aos índios, e justifica o interesse de um trabalho mais específico e sistemático".

Dona de um carisma profundo, ela compartilhava com todos os seus muitos conhecimentos, sua sabedoria, sua experiência de vida e sua ética honesta e inquebrantável. Incutia nos jovens estudantes o interesse, a vontade de aprender. Guia na ciência e na vida, fazia as pessoas se sentirem atraídas para a aridez – ledão engano – da fonética e da fonologia e para o desconforto – casual e temporário – do estudo das línguas indígenas. Ela fez isso como muita gente, tocou profundamente, sem fazer discursos aliciantes, apenas com o poder do seu conhecimento e do seu entusiasmo e alegria pelo trabalho que se propôs a fazer, como nos conta Ana Carla Bruno: *Com Adair, encantei-me pelas culturas e línguas indígenas.*

Encantei-me tanto que casei com um Baniwa e tive duas filhas. Tudo isso, acredito mesmo, só foi possível porque você GUIOU o meu caminho e a minha vida... Assim como minha mãe Dorita, você deu-me Asas e um universo de possibilidades: OBRIGADA, OBRIGADA.

Maria Pankararu, índia e linguista, deu um depoimento importante sobre essa faculdade maravilhosa de Adair não somente como guia, mas também como apoiadora incontestada da causa indígena: (...) *E você tocou o coração de muita gente, despertando interesse e vontades para o estudo das línguas indígenas brasileiras. Contribuiu imensamente para que várias universidades pudessem conhecer sobre a realidade indígena brasileira e criassem em seus programas linhas de pesquisa voltadas para nós, povos indígenas, propiciando-nos mais visibilidade e participação nesse espaço de poder e produção de conhecimentos, de igual para igual.*

Muito mais, e de forma tão bela quanto, já foi dito, inclusive em Yaathe, que reproduzimos na epígrafe a este texto: *Ya eyonelhaxi!* Nós agradecemos a essa Adair, com muito respeito.

Legado

Árvore genealógica – descendência

A lista das pessoas acolhidas pelos NEIs e orientadas por Adair para realização de estudos de línguas indígenas é longa.

Odileiz Cruz, lá de Roraima, anunciou: *Amada Mestra, pode se orgulhar do grupo de profissionais que você ajudou a construir. Sua contribuição acadêmico-metodológica nos fez tomar diferentes caminhos mundo a fora. Somos muito gratos pelas marcas humanas e científicas que exalastes em nossas vidas.* Ao que Stella Telles, referência recifense, arremata:

Dadá, amada,

Quantas vidas, para além das nossas vidas, você ilumina, aquece

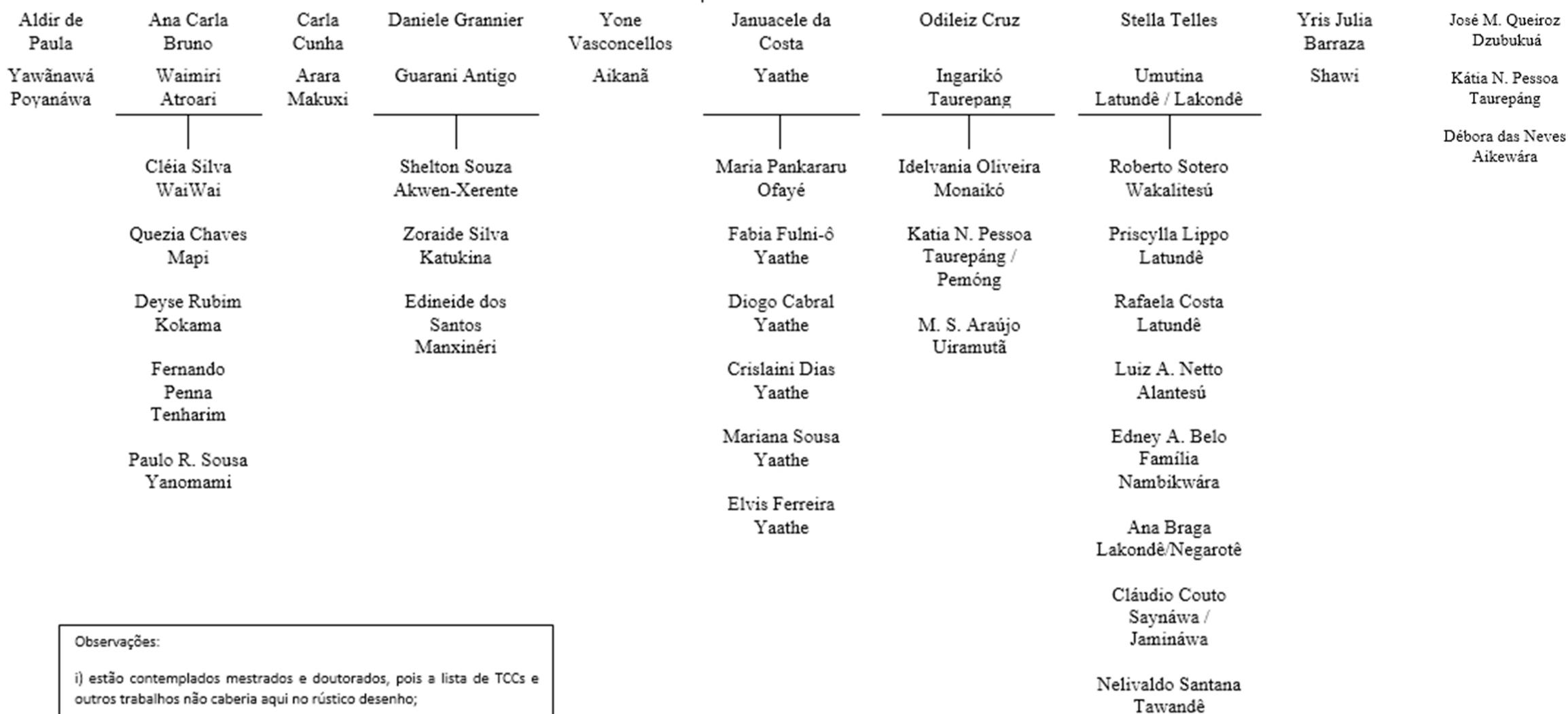
e nelas se multiplica...

Para poder mostrar isso de uma forma que nós, seus orientandos, brincamos de fazer, vai aqui, em forma de “árvore genealógica”, essa lista de nomes de algumas dessas vidas que ela converteu ao estudo das línguas indígenas, juntamente com as línguas estudadas e com os ramos que delas nasceram.

Genealogia Palaciana (línguas indígenas)

Aryon Rodrigues

Adair Palácio



Observações:

i) estão contemplados mestrados e doutorados, pois a lista de TCCs e outros trabalhos não caberia aqui no rústico desenho;

ii) desde já, peço desculpas àqueles/as cujos nomes, por algum tipo de engano ou de insuficiência das fontes consultadas, eu possa ter omitido.

Trabalhos

Entre seus trabalhos apresentados e publicados, contam-se artigos, traduções, crônicas e outros. Listamos aqui alguns desses trabalhos.

Guató: a língua dos índios canoeiros do Rio Paraguai. Orientação: Aryon Dall'Igna Rodrigues. Tese de Doutorado, Unicamp Itens, 1984.

Aspectos da morfologia Guató. IV Congresso Internacional da ABRALIN, 2005.

Alguns aspectos da língua Guató. LIAMES, v. 4, n. 1, 2004.

O jogo dos marcadores pessoais em Guató. LEITURA – Teoria e Análise Linguística, n 25: 61 – 66, 2000

Generative linguistics: Development and Perspectives – Maceió: na Interview with Noam Chomsky (by Mike Dillinger & Adair Palácio). D.E.L.T.A, Vol. 13, Nº especial, 1997, p. 1-229.

Sistema numeral em Guató. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, 1996.

Memória etnolinguística. Boletim Axéuvyru, Ano VI, 1987, Nº 4.

Max Schmidt. Boletim Axéuvyru, Ano VI, 1987, Nº 4.

Aspects of the morphology of Guató. In B.F. Elson (ed.), Language in global perspective, 363-372. Dallas: SIL. 1986

Aspectos da linguística moderna, de Archibald Anderson Hill

(tradução). Com Maria do Amparo B. de Azevedo e Maria Antonieta A. Celani), edição brasileira apresentada por por Isidoro Blikstein, São Paulo, Cultrix, 1972.

A revolta das palavras (crônica). Empréstimos linguísticos (Nelly Carvalho). São Paulo, Ática, 1989.

Boletim da Associação Brasileira de Linguística (homenagem a Aryon Dall’Igna Rodrigues) (organização). N° 20, janeiro, 1997.

500 almas (documentário) como depoimento.

Epílogo

Adair Palácio foi uma das pioneiras em estudos de línguas indígenas no Brasil, com reconhecimento internacional; o seu legado tem um valor imensurável. As populações indígenas do Brasil e de Pernambuco, em especial, devem muito do reconhecimento e da visibilidade que conseguiram ter a partir dos anos 1970 ao trabalho que ela desenvolveu. As empresas de revitalização, preservação e valorização de línguas e culturas indígenas que hoje existem são fruto da sua voz e da sua luta. Promoveu eventos – palestras, exposições e outros – que contribuíram enormemente para colocar a causa indígena e não apenas a causa das línguas indígenas – entre os principais temas em debate na academia e na sociedade. Ela costumava dizer, diante de uma descrição “dura” de uma língua: “Essa língua tem um povo que a fala. Você precisa trazer o povo para o seu trabalho”. Essa voz poderosa, disso não pode haver dúvida, foi a voz que acordou o Nordeste para a existência dos povos e das línguas indígenas.

Dedicou sua vida à ciência linguística, ao estudo das línguas indígenas, ao gesto de nobreza que é acolher sem escolher. Com

a certeza que só uma pessoa que recebeu ajuda, ensinamento, incentivo, bebeu sabedoria e, sobretudo, encontrou compreensão diante das minhas muitas limitações pode ter, eu me quase autoplágio: *a sua bondade é inenarrável*.

Era um domingo, provavelmente azul, como soem ser as tardes de Recife, sete de dezembro de 2020, quando a professora emérita da UFPE, título que recebeu em nove de abril de 2010 – homenagem que fez “justiça aos serviços prestados ao meio acadêmico e à causa indígena, marcos que dignificam as instituições por onde passou e servem de referências para as novas gerações” – faleceu. Está sepultada no Cemitério Parque das Flores. Deixa uma grande saudade, feita de gratidão e ternura, nos corações dos seus alunos e dos alunos dos seus alunos. Para a humanidade, deixa uma obra de real e inesgotável valor.

Eternizou-se.

Fontes bibliográficas

TELLES, S. (Org.). *Querida Dadá*. Nossa homenagem. Águas Belas, II Colóquio Língua e Educação Indígena na Aldeia Fulni-ô. 2014.

TELLES, S. (Org.). *Coletânea Axéuvyru*. Recife, Editora Universitária UFPE, 2005.

PALÁCIO, A. P. *Guató, a língua dos índios canoeiros do rio paraguai*. (Tese). Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 31 de dezembro de 1984.

Jornais

Diário de Pernambuco. Coleção digital. Disponível em www.memoria.bn.br

Pequeno Jornal. Jornal Pequeno. Coleção digital. Disponível em www.memoria.bn.br

Diario da Manhã. Recife. Acervo CEPE. Disponível em <https://www.cepe.com.br>

Fontes digitais

<https://www.ufpe.br/agencia/noticias>

<http://www.adufepe.org.br>

<https://.facebook.com/abralin.oficial>

<http://www.etnolinguistica.org>

<https://glottolog.org>

<http://lattes.cnpq.br/>

Maria Denilda Moura e a linguística brasileira a partir de Alagoas

Núbia Rabelo Bakker Faria
Jair Gomes de Farias

Introdução

Contribuir para o registro da história da Linguística no Brasil, falando de Maria Denilda Moura, é uma enorme responsabilidade. Mais do que homenagear uma pessoa querida e respeitada por nós, trata-se de registrar para as gerações futuras o seu papel na construção deste edifício intelectual que aprendemos a ter, como pedra fundamental, o admirável Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Esta tarefa nos foi confiada e, se a aceitamos, foi precisamente por acreditar que Denilda tem um lugar reservado nesta história que, para além dos “pais fundadores”, foi tecida por mãos femininas, como quer salientar a presente iniciativa editorial.

Mas, contar a história é, necessariamente, contar *uma* história, é escolher uma perspectiva. A nossa será a da *retrospecção individual* a partir da qual queremos, sim, destacar os “grandes feitos” – eles existem e precisam ser registrados –, mas sem evitar falar dos *efeitos* singulares que a vida e a atuação de Denilda exerceram sobre nós e sobre aqueles que conviveram com ela mais proximamente. Afinal, tivemos o privilégio de assistir à história da linguística brasileira acontecer na Universidade Federal de Alagoas (Ufal) sob a “regência” de nossa querida professora e colega.

Como egressos do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL), antigo Programa de Pós-Graduação em

Letras e Linguística, fundado por Denilda, nos beneficiamos da sua “audácia”, tornamo-nos professores doutores desta mesma universidade e, sobretudo, testemunhamos suas *muitas* batalhas travadas para criar espaço e garantir a existência e a sobrevivência do PPGLL. Em outras palavras, fazer germinar entre nós a produção e a divulgação da pesquisa linguística e literária de qualidade e com compromisso social, num ambiente “pouco à vontade” com o fato de ser uma alagoana determinada e destemida a fundar a primeira pós-graduação *stricto sensu* da Ufal ou, como bem disse Ataliba de Castilho (2020), a pôr em andamento “um programa assombroso, quando nos damos conta das dificuldades com que as universidades públicas presenteiam seus membros mais ativos” (p.4). Assistimos a isto também... Mas, concluir que nada abalava Denilda é precipitado. Embora determinada e destemida, tinha um coração imenso e um cuidado especial com os seus alunos e ex-alunos e sofria *muito* quando assistia às injustiças que tantas vezes ocorrem nessa arena que é a academia, na qual embates pouco nobres são travados em nome do poder e da hegemonia das ideias.

Uma história construída em torno do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL)

Começar nosso relato pela fundação do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Ufal é uma forma de estabelecer um eixo norteador, a partir do qual várias outras ações se articularam para montar o cenário que vai marcar a história da linguística no Nordeste e no Brasil. Num segundo momento, falaremos um pouco mais sobre o percurso de Denilda até chegar aqui, mas queremos partir do lugar em que ela deu testemunho de ser uma “visionária”, como dirá a seu respeito Castilho (2020) no texto intitulado “Maria Denilda Moura e a linguística brasileira”.

No final dos anos 80, elabora e submete ao Presidente do

Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE/UFAL o projeto de criação da Pós-Graduação em Letras na Ufal, aprovado em novembro de 1987 e tendo sua implantação autorizada em setembro do ano seguinte, com duas áreas de concentração: Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. A primeira seleção ocorreu em janeiro de 1989. Desde sua implantação, Denilda respondeu pela coordenação do Mestrado em Letras. O primeiro colegiado é instituído em julho de 1990 e, em 1991, com a criação do cargo, é oficialmente designada como Coordenadora do Mestrado em Letras.

A respeito dessa fase inicial, afirma Castilho (2020):

Tive a honra de reportar à CAPES esse seu projeto, pois juntamente com José Arnone, representávamos junto à CAPES a área de Letras e Linguística naquela altura.

Antes de chegar a Maceió, fui prevenido pelo Prof. Wanderley Geraldi, da Unicamp, de que não iria conhecer uma pessoa comum. Ele já estava a par da energia e da percepção visionária dessa colega, e de sua determinação. (p.4)

Quem conhece os meandros da burocracia institucional sabe das muitas etapas intermediárias que precisam ser cumpridas até que os planos saiam do papel para se concretizarem: encontrar espaço físico, mobiliário e equipamentos adequados, ter à disposição servidores técnico-administrativos, montar uma biblioteca especializada, reunir professores qualificados para comporem o quadro docente. Uma importante iniciativa neste momento de implantação foi o convênio firmado entre a Unicamp, via Instituto da Linguagem (IEL), e a Ufal para apoiar a recém-criada pós-graduação. Foram muitos os colaboradores³⁵, não resta dúvida, mas

35 Em Moura (2009b), podemos ler a longa lista de pessoas da Ufal e de outras instituições que foram imprescindíveis para o sucesso da implantação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e a quem a autora agradece *nominalmente*. Os limites deste trabalho não nos permitem reproduzi-la aqui.

quem teve a oportunidade de conviver com Denilda, como tivemos, sabe que ela pedia e contava com a colaboração de todos os que se dispusessem a tal, mas saía na frente agindo, fazendo acontecer. Sua determinação era, de fato, incomum!

A lista das dissertações defendidas nesses anos iniciais da década de 1990 revela a grande quantidade de professores que, naquele momento, já atuavam no Curso de Letras e em outros cursos da universidade, e que se beneficiaram desse empreendimento, obtendo seus títulos de Mestre e, em seguida, de Doutor. A instalação do Doutorado em Letras e Linguística foi realizada em 1994. A lista das teses concluídas revela ainda outros muitos doutores formados pelo PPGLL que se tornaram, posteriormente, professores da Faculdade de Letras da Ufal, *campus* Maceió – dentre os quais estamos nós, autores deste relato – e seus demais *campi*, além de professores de muitas outras instituições de ensino superior, sobretudo no Nordeste. Voltaremos a mencionar este fato adiante. Até o término deste relato, o PPGLL contava com 414 mestres e 226 doutores formados – beneficiados pela iniciativa pioneira e corajosa de Denilda.

Outra iniciativa importante e estreitamente ligada ao PPGLL foi a criação da revista *Leitura* por Denilda, no ano de 1987. Inicialmente vinculada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, em 1994 passou a pertencer ao PPGLL, ao qual está vinculada desde então. Em mais de 30 anos de história, “a *Leitura* não apenas colocou em circulação os estudos de pesquisadores de diferentes partes do Brasil e exterior, como também impulsionou a pesquisa local, veiculando e divulgando artigos científicos de mestrandos, doutorandos, egressos e docentes do Programa” (QUEIROZ; FARIA, 2019, p. 4).

Após 7 anos à frente do agora Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, em 1996 ocorre a primeira mudança de colegiado, e Denilda passa a ser vice-coordenadora para se dedicar

a outra tarefa desafiadora e igualmente visionária: presidir a Associação Brasileira de Linguística (Abralin).

Antes, porém, de avançarmos no tempo, precisamos voltar aos anos finais da década de 80 para falar da criação do PET Letras, outro empreendimento pioneiro que se vincula muito diretamente à criação do PPGLL.

A criação do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras

Como nos relata a própria Denilda,

Na década de 70, com o aumento quantitativo dos cursos de pós-graduação no país, a CAPES percebeu que esse aumento quantitativo não havia a ele correlacionado ao aspecto qualitativo – foi então que o Prof. Cláudio Moura Castro, então presidente da CAPES, em 1979, criou o PET, inicialmente denominado Programa Especial de Treinamento. O Programa tinha inicialmente como um de seus objetivos a qualificação de alunos para a pós-graduação. (MOURA, 2013, p.17)

Percebendo a importância deste Programa para o sucesso da Pós-Graduação em Letras e Linguística, em vias de implantação, Denilda, uma vez mais, saiu na frente e elaborou, em 1987, um projeto para a implantação do PET Letras. Para os que a conheceram, esta decisão estratégica era prevista. Cumpridos os muitos trâmites burocráticos e vencidas as já esperadas “resistências”, em abril de 1988, começa a funcionar o *primeiro* grupo PET da Ufal. Durante 20 anos, Denilda conduziu o grupo e a sua longa permanência nesta função não foi sem motivo: a trajetória do PET Letras se mistura com a sua, e é certamente decisiva para o que chamamos de “história da linguística brasileira”.

Relatando os diferentes momentos do Programa, Denilda destaca 5 fases: *experimental*, de 1979 a 1985; *estágio de*

institucionalização, de 1986 a 1989; *expansão desordenada*, de 1990 a 1992; *consolidação*, de 1996 a 1998 e, finalmente, o que nomeia de fase de *Luta*, entre 1998 e 2004. O Programa, que havia sido tão importante para as ações de fortalecimento da pós-graduação do país e, muito particularmente da Ufal, é extinto em 1999, com diminuição no número de grupos: “[...] nessa fase, alguns Grupos da Ufal também sofreram redução de bolsistas, motivados pelos constantes períodos de atraso no pagamento das bolsas, ou do não pagamento total das bolsas”. (MOURA, 2013, p.19). O PET Letras, no entanto, devido ao empenho pessoal de Denilda e de seus sacrifícios, inclusive financeiros, foi o único da Ufal que manteve seus 12 bolsistas, mesmo na fase aguda da crise. A luta travada por ela e por muitos outros professores, através de ações da Comissão Executiva Nacional (Cenapet), mobilizou tutores, bolsistas e envolveu parlamentares de todas as regiões do país, inclusive com uma marcha a Brasília para pressionar o Ministério da Educação.

Jair Farias, bolsista do Grupo PET-Letras/Ufal nos anos iniciais (1998-2000) da fase de *Luta*, apresenta uma narrativa importante e decisiva para a continuidade dos Grupos PET no Brasil. Ele relata que àquela altura, quando houve um movimento político infatigável de tentar frear a continuidade dos grupos PET, o MEC financiou a vinda de uma comissão formada por professores estadunidenses, a fim de evidenciar a “ineficiência” e onerosidade do Programa. Todavia, a análise dessa comissão foi na contramão do que almejava o MEC pois, além de sinalizar para a continuidade e criação de novos grupos PET no Brasil, os professores estadunidenses registraram o desejo de implantar o modelo de Educação Tutorial também em universidades dos Estados Unidos. Em decorrência dos aspectos elencados, o MEC, agora responsável pelos grupos que foram subordinados à Secretaria de Educação Superior (SESu), volta atrás, e o Programa é recriado com novo nome mas mesma sigla: PET – Programa de Educação Tutorial.

O vínculo entre tutora e bolsistas, estabelecido em função do tipo de trabalho desenvolvido pelo PET Letras Ufal, justifica os relatos de egressos que recolhemos, assim como o tempo que Denilda dedicou a este grupo, não obstante suas inúmeras atividades acadêmicas.

Dos muitos trabalhos desenvolvidos, escolhemos destacar o projeto de extensão “Reflexão e Análise Linguística *versus* Produção Escrita no Ensino Fundamental” (RALPE), realizado entre os anos 2000 e 2002, que contou ainda com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Alagoas (Fapeal) e da Ufal. O projeto tinha por objetivo “viabilizar uma proposta teórico-metodológica alternativa para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa que possibilitasse ao aluno do ensino fundamental da rede pública estadual o domínio da expressão oral e escrita, em situação de uso público da linguagem” (MOURA, 2013, p. 21). A execução do projeto previa, num primeiro momento, sondagem junto a professores da rede pública da cidade de Maceió quanto aos assuntos que representavam maior dificuldade no cotidiano da sala de aula de língua portuguesa. Em seguida, eram realizadas oficinas, a princípio mensais e posteriormente quinzenais que, fundamentadas nas teorias linguísticas voltadas para o texto, a gramática e o discurso, tinham por objetivo instrumentalizar os professores para criar alternativas e inovar a sua ação pedagógica.

É importante destacar que o momento da implementação do RALPE aconteceu logo após a reformulação do Ensino Fundamental e Médio no Brasil, estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases, em 1996, e regulamentada em 1998 pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. No que tange aos textos orientadores e descritores para o ensino de língua portuguesa, norteados por eixos que abarcam o entendimento de atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas, a interface entre diferentes perspectivas teóricas da Linguística presente nesses

textos representava um desafio, tanto para a equipe do RALPE, que precisou empreender uma transposição didática de conceitos teóricos e de sua aplicabilidade a questões de ensino de língua portuguesa, como para os professores de escolas públicas que já tinham uma longa trajetória de prática docente, porém sem nenhuma discussão e nenhuma proposta de intervenção para suas aulas de língua sobre aquilo que se apresentava como “novo”. Essa dificuldade na recepção de aplicabilidade de elementos da Linguística ao ensino de língua não era sem motivo. Morais (2001), ao traçar um parâmetro psicossocial de professores que participaram da fase inicial do RALPE, enfatiza que 82% dos professores entrevistados eram do sexo feminino, 64% tinham entre 36 e 45 anos, 73% tinham Letras como formação universitária e 55% tinham mais de dez anos de ensino. Essas duas últimas porcentagens implicam considerar que, haja vista a disciplina Linguística ter sido amplamente inserida no ordenamento curricular dos cursos de Letras de grande parte das universidades do Nordeste, a partir da década de 80, a maioria dos professores que participaram dessa amostra, possivelmente não tiveram acesso às discussões ou informações básicas sobre as teorizações em Linguística em suas diferentes abordagens. Destacamos o alcance gigantesco deste projeto de extensão em dois aspectos: a relevante contribuição à sociedade pois, efetivamente, ultrapassou os muros da universidade, e a publicação de dois livros resultantes de atividades e de pesquisas desenvolvidas pela equipe RALPE - *Ler e escrever para quê?* (2000) e *Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo* (2002).

A oportunidade de viver a prática da tríade ensino, pesquisa e extensão marcou a formação de muitos bolsistas que, retornando à universidade para dar prosseguimento a seus estudos, o fizeram de um lugar diferente, isto é, conscientes do compromisso que a universidade tem para com a sociedade e, muito particularmente, com a educação básica.

A esse respeito, selecionamos o relato de Marcelo Sibaldo (2013), egresso do PET Letras e do PPGLL-Ufal. Concluído o seu doutorado na Ufal, em 2009, imediatamente prestou concurso para professor na Universidade Federal Rural de Pernambuco, ingressando na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) em janeiro de 2010, integrando o corpo docente do recém-criado curso de licenciatura em Letras. Neste mesmo ano, foi lançado um edital para a formação de novos grupos PET e Sibaldo submete uma proposta e se torna tutor do PET-Conexões de Saberes/Linguística, Letras e Artes/UAST/UFRPE. Em Serra Talhada, sertão pernambucano, terra de Lampião (!), distante 410 quilômetros de Recife, se depara com uma região cujo IDEB era de 3.7 e 3.4 para o ensino fundamental e médio, respectivamente, numa escala de 0 a 10. Como faz questão de destacar,

Diante desses resultados e com a experiência que o RALPE me proporcionou, pensei que a melhor forma de ajudar a aumentar esse índice seria desenvolvendo um projeto de extensão [...] semelhante ao RALPE, levando a universidade à comunidade popular, fazendo, assim, com que haja uma articulação entre a educação superior e a educação básica, pretendendo reduzir as desigualdades sociais encontradas na região do Pajeú. (SIBALDO, 2013, p. 374).

Dessa forma é gerado o que Sibaldo chama de “filho do RALPE”, batizado de ReLATE – Reflexões Linguísticas Aplicadas ao Texto na Educação Básica. Este projeto, nas palavras de seu idealizador, objetivou

[...] indicar a viabilização de uma proposta teórico-metodológica alternativa para o ensino-aprendizagem de LP, que possibilite ao aluno da educação básica da rede pública do estado de Pernambuco, o domínio da expressão oral e escrita, em situações de uso público da linguagem, exatamente como sugerem os PCN, procurando instrumentalizar o professor para criar e inovar, a partir de situações vivenciadas em sala

de aula, a sua prática pedagógica, fazendo com que os envolvidos nesse projeto reflitam sobre as novas tecnologias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem de línguas e literatura e proponham, em conjunto, novas ações metodológicas para a realização de um ensino consciente, inovador, cooperativo e dialógico, levando em conta, sobretudo, o papel do docente nesse processo. (SIBALDO, 2013, p.375)

Outro relato surpreendente é o de Adeilson Pinheiro Sedrins (2013), também egresso do PET Letras e do PPGLL Ufal, na época professor da UFRPE, que nos revela que cinco alunos de Iniciação Científica, que continuaram no Mestrado e Doutorado sob a orientação de Denilda, e outros cinco egressos do PET Letras Ufal são professores da UFRPE (p. 402). Como ouvimos do então coordenador de área da Capes, prof. Dermeval da Hora, em novembro de 2017, num momento *crítico* pelo qual passava o PPGLL Ufal: “este Programa não pode acabar, ele é muito importante para o Nordeste, seus egressos criaram o curso de Letras de Serra Talhada!”. O professor se referia ao curso que Cláudia Roberta Tavares Silva, orientanda de Denilda desde a graduação, elaborou, implantou e coordenou na Unidade Acadêmica de Serra Talhada, em 2008, desbravando uma região desconhecida³⁶. A ela se juntaram outros tantos que passaram pelo PET e pelo PPGLL, já referidos acima por Sedrins.

Mais uma vez, nós que escrevemos este relato nos vemos completamente implicados nesta história: Jair Farias, como fora apontado, é aluno egresso do PET, e Núbia Faria é tutora egressa, tendo substituído Denilda em novembro de 2010. Destes diferentes pontos de vista sob o mesmo cenário, nos unimos na convicção de ter sido a criação deste grupo fundamental para o sucesso do Programa de Pós-Graduação e por seus desdobramentos no âmbito

36 Esta ação fez parte do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) instituído pelo Governo Federal. A elaboração do projeto teve a colaboração do professor Jamesson Buarque de Souza. Após a aprovação do projeto em 2008, o curso teve sua implementação no primeiro semestre de 2009.

do ensino, da pesquisa e da extensão em Alagoas e no Nordeste.

Em 2013, o PET Letras completou 25 anos e a nova sala do grupo foi inaugurada, recebendo o nome de sua eterna tutora: *Sala de permanência Profa. Denilda Moura*. É assim que se faz e que se muda a história, é assim que, na confluência entre o Programa de Educação Tutorial, o Programa de Iniciação Científica, o Programa de Pós-Graduação, vemos semeado, entre seus doutores e futuros docentes, o compromisso com o retorno à sociedade daquilo que tivemos o privilégio (no sentido mais literal desta palavra) de usufruir nos bancos da academia. Essa ética, aliás, estava na alma de Denilda. No relato de Ataliba de Castilho (2020), ao qual já fizemos referência, no trecho em que trata da estadia de Denilda na França, para cursar seu mestrado e doutorado, recolhemos essa revelação:

Aconteceu aí um fato que talvez poucos conheçam: foi convidada para lecionar sintaxe na Grécia. Entretanto, como tinha sido financiada por agências brasileiras em seu mestrado e doutorado, argumentou que tinha um dever para com seu país de origem, que lhe pagara os estudos. Retornou ao Brasil, retornou à sua querida UFAL, dando um belo exemplo de ética profissional. (CASTILHO, 2020, p. 4)

A presidência da Associação Brasileira de Linguística (Abralin)

Como tivemos a oportunidade de relatar recentemente (cf. FARIA, 2018), em maio de 1996, Denilda deixa a coordenação do PPGLL para se dedicar integralmente à gestão da Abralin. Na Assembleia Geral da Associação, ocorrida durante a 47^a. Reunião Anual da SBPC realizada na UFMA, São Luiz, em julho de 1995, Denilda encabeçou a chapa que tinha Marisa Bernardes Pereira, como secretária, e Adair Pimentel Palácio, como tesoureira, concorrendo à presidência da Abralin para o biênio 1995-1997.

Ouvimos de Denilda, em mais de uma ocasião, que jamais teria se lançado em tamanha empreitada se não fosse o apoio incondicional e a sólida experiência da saudosa Adair Pimentel Palácio, então aposentada da UFPE, que generosamente prestou concurso na Ufal para fortalecer o nosso recém-criado Programa de Pós-Graduação, assumindo com toda a sua experiência e competência a área de Fonética e Fonologia e, neste momento, a tesouraria da Abralin.

Luiz Antônio Marcuschi, da UFPE, em sua conferência *Perspectiva da Pesquisa Linguística no Brasil*, durante a participação da Abralin na 48ª. Reunião Anual da SBPC, realizada na PUC-SP em julho de 1996, já sob a nova diretoria, traçando um perfil da área de Letras e Linguística na ocasião, afirmava haver 930 doutores e 6.000 mestres no país. Porém, alertava o professor,

esta massa crítica se concentra praticamente no Sudeste onde estão 70% de todos os recursos humanos mais qualificados de acordo com as estatísticas mais recentes. Na verdade, dos 415 Cursos de Graduação [total de cursos de Letras no país à época], é provável que não mais do que 20% deles dispõem de pelo menos um a um máximo de 30 doutores. Mais de 60% dos Cursos de Letras não têm um único doutor. Boa parte dos Cursos não têm nenhum Mestre e muitos deles têm docentes de outras áreas (por ex., Direito, Educação e História) (MARCUSCHI, 1996, p.17)

A situação do curso de Letras da Ufal refletia muito fielmente a situação do país, e a criação do PPGLL e do PET Letras, embora tenham sido fundamentais para a expressiva mudança do cenário, muito trabalho e estímulo ainda eram necessários, como a presença de pesquisadores de outras instituições de ensino superior do país e do exterior para ajudar na especialização do nosso corpo docente, assim como para formar novos pesquisadores na área. Apesar de desafiador, Denilda compreendia com clareza que trazer a Abralin para a Ufal mostrava-se fundamental para que o Nordeste,

em geral, e Alagoas, em especial, passassem a figurar de forma mais representativa no cenário nacional da pesquisa em Letras e Linguística.

Juntamente com a Diretoria e o Conselho, organiza a participação da Associação na 48ª. Reunião Anual da SBPC, acima referida. Foram muitos os linguistas presentes e as temáticas contempladas nas conferências, mesas-redondas e sessões coordenadas, com um destaque especial para a linguística e sua função social, com temas voltados para a sala de aula, ensino de línguas, alfabetização e variedades linguísticas, um enfoque coerente com o que vivenciava em sua prática docente³⁷.

O ano de 1996 foi ainda marcado por outro importante evento: a visita de Noam Chomsky à Ufal. Assistimos ao empenho de Denilda, em nome da Abralin, para aproveitar a primeira vinda de Chomsky ao Brasil, com financiamento do CNPq, para um circuito de conferências em que se alternariam temas linguísticos e políticos, durante as duas últimas semanas de novembro, com passagem pelo Rio de Janeiro (UFRJ), São Paulo (IEA/USP), Brasília (UnB) e Belém (Museu Goeldi). Após a recusa inicial de Chomsky de incluir Maceió na programação, considerando a extensão de seus compromissos, Denilda contorna a situação e, com delicada insistência, sugere ao eminente linguista vir a Maceió partindo de helicóptero de Recife, onde passaria dois dias sem compromissos oficiais; uma chance para conhecer a beleza desta parte do litoral nordestino e, caso concordasse, nos conceder uma entrevista informal. Atendendo a este pedido *pessoal*, Chomsky reconsidera a sua decisão e, no dia 3 de dezembro, esteve na Ufal para uma entrevista, na qual respondeu a questões voltadas à sua teoria linguística, autorizando ainda sua

37 A lista completa de participantes, cursos e trabalhos apresentados nos eventos aqui mencionados pode ser recuperada em Faria (2018).

gravação³⁸ e publicação posterior.

O auditório Nabuco Lopes, no prédio da Reitoria, estava repleto de linguistas e estudantes do Nordeste, sobretudo, que aproveitavam a chance de ver e ouvir frente a frente essa figura emblemática que, desde a década de 60, faz história na área da linguagem e na política.

Nesta ocasião, Denilda declara: “queremos dizer ao Prof. Chomsky que sua visita significa a realização de um sonho que alimentamos desde que assumimos a Presidência da Associação Brasileira de Linguística, atualmente com sede na Ufal” e aproveita para questioná-lo sobre o lugar que sua teoria reservava para as questões relativas *ao uso da língua* – embora, declaradamente adepta da Gramática Gerativa, o interesse de Denilda pelas questões do ensino e da variação linguística a colocavam diante dos impasses levantados pelos dados empíricos da língua falada:

As pesquisas sobre língua falada têm fornecido dados empíricos interessantes sobre o *uso da língua*. A proposta de Princípios e Parâmetros possibilita explicações satisfatórias para vários fenômenos decorrentes do *uso da língua*. Atualmente, como o Senhor vê a questão dos dados empíricos provenientes do *uso da língua*?” (MOURA, 1996, p. 1)

Em seguida, recorda dois momentos importantes que marcaram profundamente sua formação acadêmica:

Termos assistido, em abril de 1979, às Conferências de Pisa proferidas [...] na Scuola Normale Superiore de Pisa, na Itália, [...] publicadas em 1981, cujo texto é conhecido no Brasil como Teoria da Regência e Ligação, considerado um marco para a Gramática Gerativa.

O segundo fato situa-se, em janeiro de 1982, quando recebemos uma atenciosa carta do Prof. Chomsky que se dispunha a discutir

³⁸ O vídeo completo desta entrevista está disponível em: [Arquivo PET | pet-letras-ufal \(petletrasufal.com\)](http://Arquivo PET | pet-letras-ufal (petletrasufal.com))

conosco o nosso trabalho de investigação sobre o português. Na época, incentivada por Nicolas Ruwet e Richard Kayne que nos recomendaram ao Departamento de Linguística do MIT, pretendíamos passar um ano por lá, a fim de dar continuidade ao nosso projeto de investigação. Infelizmente, não pudemos concretizar nosso objetivo em função do nosso trabalho na Universidade. (MOURA, 1996, p. 1)

Há que se registrar ainda a generosidade com que Chomsky, não só se dispôs a vir a Maceió, depois de uma jornada estafante de compromissos, como não fez qualquer tipo de exigência. Durante mais de uma hora e meia de entrevista, colocou-se à disposição para responder às questões que lhe foram dirigidas. Depois do almoço com os entrevistadores (Adair Palácio, Mike Dillinger e Núbia Faria), a presidente da Abralín e o coordenador do PPGLL (José Nivaldo de Farias), voou de volta para Recife e escreveu posteriormente à Denilda agradecendo a oportunidade a ele concedida e, em nome de sua esposa, a bela toalha que ganhara de presente. Como não podia deixar de ser, a vista deslumbrante dos litorais pernambucano e alagoano, propiciada pela viagem de helicóptero disponibilizado pelo Governo do Estado de Alagoas para a ocasião, não passou despercebida nem foi esquecida.

Ainda a propósito desta memorável visita, podemos ler no relato feito por Denilda, por ocasião da celebração dos 40 anos da Abralín, que, considerando a grande importância da vinda ao Brasil desse ilustre linguista, surgiu a intenção de publicar o valioso material produzido.

Mantivemos contato com os editores da Revista DELTA sobre a possibilidade de organizar um Número Especial [...] reunindo a entrevista de Maceió e as conferências de Chomsky no Brasil. A concordância e o total apoio dos editores da Revista nos foi comunicado pela professora Leila Bárbara. (MOURA, 2009a, p.176).

Os professores envolvidos nesse circuito de conferências foram contatados, assim como o próprio Chomsky, que autorizou a publicação e revisou pessoalmente o texto da entrevista, dando origem ao número especial *Chomsky no Brasil*, edição bilingue, volume 13 da Revista DELTA de 1997, tendo a entrevista recebido o título de *Linguística Gerativa: Desenvolvimento e Perspectivas uma Entrevista com Noam Chomsky*.

O impacto da visita de um pesquisador dessa magnitude sobre alunos e colegas não foi pequeno. Ainda na publicação *Abralin 40 anos em cena*, Denilda elenca 15 pesquisas de pós-graduação, sob sua orientação, com base na Gramática Gerativa chomskyana. Outras tantas ainda vieram.

O ano de 1996 foi ainda intenso de providências para a realização do *XIII Instituto Brasileiro de Linguística (IBL)*, de 24 de fevereiro a 11 de março de 1997, e do *I Congresso Nacional da Abralin*, de 12 a 14 de março do mesmo ano. Eventos estes extraordinariamente importantes, tanto pela reunião de um time de peso de linguistas brasileiros e estrangeiros, quanto pela maciça adesão de profissionais e alunos de graduação e de pós-graduação de diversas partes do país. Durante inacreditáveis 19 dias, o Campus A.C. Simões da Ufal foi palco de discussão de novas ideias, juntamente com outras nem tão novas assim, mas que se renovavam com a celebração do encontro em terras alagoanas. Foram momentos inesquecíveis que serviram de inspiração a muitos que, como nós, tiveram o privilégio de testemunhar a história da linguística brasileira acontecendo.

A revitalização do Instituto de Linguística (o último havia sido realizado em 1993, na USP) foi amplamente aclamada como estratégia para minimizar a grande perda de professores qualificados e com experiência em pesquisa e pós-graduação que haviam se aposentado, sobretudo nas universidades federais. Ocorreram 14 cursos a nível de pós-graduação ministrados por um time de renomados especialistas do Brasil e do exterior. Retomava-se o

importante papel do Instituto, em termos de assegurar a atualização e o bom desenvolvimento de grupos de pesquisa já constituídos no país e de abrir novas áreas de investigação.

Os frutos da Abralin entre nós foram inegáveis. O PPGLL cresceu e formou um grande número de pesquisadores que hoje se espalham pelo país, sobretudo, pela região Nordeste, mudando significativamente as estatísticas do passado.

A criação do Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – ELFE

Como já enunciado neste relato, em torno do eixo norteador que foi a implantação do PPGLL, na década de 80, e da atuação de Denilda na coordenação desse Programa, várias ações corolárias, mas não menos importantes, foram desenvolvidas por ela na Ufal, contribuindo sobremaneira para a produção e divulgação científica, fazendo história na Linguística do Nordeste e do Brasil. Entusiasta do desenvolvimento de pesquisas que correlacionassem língua falada, língua escrita e ensino, Denilda organizou o I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino (ELFE), promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufal, através do Grupo de Pesquisa do Projeto Integrado “A Língua Usada em Alagoas (LUAL)”, no período de 14 a 18 de março de 1994, em Maceió.

Partindo da premissa de que a relação entre a língua falada e a língua escrita é muitas vezes colocada no centro dos problemas que focalizam a aprendizagem da leitura e da escrita, Denilda relata:

O Tema Central do Evento “Língua Falada e Ensino”, de grande pertinência para a pesquisa linguística no país, atingiu questões sobre Preconceito e Discriminação da fala das classes populares em oposição à fala culta das classes privilegiadas, e relação entre Língua Falada e

Ensino de Língua

Tendo como um de seus objetivos fazer com que a pesquisa realizada nas Universidades pudesse ser acessível ao Professor de 1º e 2º Graus, o Evento possibilitou a realização de cinco minicursos para esses professores, que compareceram em grande número. (MOURA, 1995, p.2)

Importante apontar, para além do acesso de professores do Ensino Fundamental e Médio ao Evento, que o I ELFE foi um sucesso, um espaço de intercâmbio de informação científica, possibilitando a interação entre mais de 400 pesquisadores e professores e um mapeamento de estudos realizados sobre língua falada nas mais diversas abordagens teórico-metodológicas da Linguística nas diferentes regiões do Brasil, como pode ser atestado nas cinco conferências, quatro mesas-redondas e quinze sessões coordenadas, perfazendo um total de 82 trabalhos apresentados e 75 publicados nos Anais do Evento.

Em um momento da nossa história no qual a Internet não era popular nem a educação mediada por tecnologias digitais, integrar as pesquisas era crucial. A respeito da falta de informação quanto ao desenvolvimento e divulgação de pesquisas sobre língua falada e escrita, Denilda interpela:

o que nós gostaríamos de levantar como um problema é que possivelmente vários outros estudos já foram realizados, ou estão sendo realizados, e seria muito importante que os vários grupos que trabalham sobre língua falada, não importando o quadro teórico-metodológico utilizado, pudessem estabelecer um intercâmbio de informações (...) Essa falta de informação ocorre mesmo sobre as teses defendidas, como não dispomos mais dos catálogos elaborados pela CAPES, o simples título da tese muitas vezes não dá uma indicação precisa da fonte dos dados analisados” (MOURA, 1995, p.56).

Nesse sentido, o I ELFE foi um marco e uma fonte de referência para o desenvolvimento de pesquisas sobre língua falada e língua escrita no país.

Com o sucesso da primeira edição do ELFE, principalmente pela adesão de muitos professores da educação básica, professores e pesquisadores universitários, estudantes de graduação e de pós-graduação, o ELFE se transformou numa marca, tendo outras edições em anos posteriores, colocando a Ufal e Maceió no circuito dos grandes eventos de linguística do país.

O II ELFE foi realizado em Maceió, no período de 20 a 24 de novembro de 1995, também promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Ufal, através do Grupo de Pesquisa do Projeto Integrado “A Língua Usada em Alagoas”. Contou com a adesão de mais de 500 participantes: professores, pesquisadores e estudantes do Brasil e do exterior. Foi constituído de 5 conferências, 18 mesas-redondas, 25 sessões coordenadas e 3 minicursos. 120 trabalhos foram publicados por meio de editoração eletrônica.

Comemorando os 10 anos de implantação da Pós-Graduação em Letras da Ufal, o III ELFE aconteceu no intervalo de 12 a 16 de abril de 1999, em Maceió. Abordando como tema recorrente do Evento a relação entre língua falada e língua escrita, o Encontro permitiu discutir os mais variados tópicos que refletem as áreas de interesse da pesquisa linguística no Brasil, dando destaque às muitas perspectivas de análise sobre língua falada, língua escrita e interfaces (aquisição, ensino, cognição, informática e mídia). “A participação do número significativo de pesquisadores de várias instituições, do Brasil e do exterior, confirma a importância desse Evento Temático” (MOURA, 1999, p.15). Nessa terceira edição do ELFE, mais de 300 trabalhos foram selecionados, organizados em 6 conferências, 18 mesas redondas, 28 sessões coordenadas, 10 minicursos e 53 trabalhos na sessão de pôsteres. 160 trabalhos foram publicados no livro “Os Múltiplos Usos da Língua”, organizado por

Denilda Moura em 1999.

O IV ELFE, promovido também em parceria com a Pós-Graduação, aconteceu no período de 25 a 29 de novembro de 2002, em Maceió. Nesse momento, o ELFE já se instância como um importante Fórum de Debates sobre pesquisas em língua falada e língua escrita no Brasil contribuindo, não apenas para a compreensão de inúmeros fenômenos linguísticos em vários gêneros textuais, como também apontando caminhos de sistematização na tentativa de explicar as inovações e as mudanças linguísticas, em processo ou já estáveis, pelas quais passa a língua. Nesta quarta edição do ELFE, quase 400 trabalhos foram selecionados, organizados em 5 conferências, 1 palestra, 13 mesas redondas, 15 sessões coordenadas, 11 minicursos e 122 trabalhos na sessão de pôsteres. 120 trabalhos foram publicados no livro “Oralidade e Escrita: estudos sobre os usos da língua”, organizado por Denilda Moura em 2003.

Acrescentamos ainda que os resultados advindos das pesquisas realizadas na área temática do ELFE enriqueceram a produção científica nacional e contribuíram, em larga escala, para a melhoria do ensino da língua, tanto na educação básica como em nível universitário. Moura (2002) destaca:

O número de livros publicados, de artigos em periódicos nacionais e internacionais, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, os trabalhos de Iniciação Científica, a inclusão da Variação Linguística nos Parâmetros Curriculares Nacionais são alguns indicadores que podem comprovar a importância dessa área temática. (p. 9)

Já a quinta e última edição do Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, organizado por Denilda³⁹, teve sede também em Maceió, no período de 20 a 24 de novembro de 2006. Promovido pelo PPGLL através do Programa de Estudos Linguísticos (PRELIN),

³⁹ Em 2012, aconteceu a VI edição do ELFE, sob organização da Direção da Faculdade de Letras- Fale/ Ufal. Nesse evento, Denilda foi homenageada.

o V ELFE se substanciou por congregar quase 600 inscitos, dentre eles: professores da educação básica, pesquisadores e estudantes de várias instituições nacionais e internacionais, possibilitando a discussão, não apenas sobre as pesquisas linguísticas, como também sobre as novas perspectivas de estudos na área de abrangência do Evento – A Língua Falada e a Língua Escrita. 450 trabalhos foram selecionados e organizados em 6 conferências, 13 mesas-redondas, 51 sessões coordenadas, 8 minicursos e 88 trabalhos apresentados na sessão de pôsteres. 140 trabalhos foram publicados no livro “Os Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita”, organizado por Denilda, no qual avalia: “O conjunto da obra reflete o avanço da produção científica dos pesquisadores brasileiros, através do significativo aporte de conhecimento e de experiências, vivenciado durante a realização do V ELFE” (MOURA, 2008, p.13).

Essa edição contou ainda com o II *Workshop* Romania Nova, da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), organizado pelos professores Mary Kato (UNICAMP) e Francisco Ordoñez (Suny Stony Brook).

Dúvida não nos resta de que cada edição do ELFE se consagrou em um evento excepcionalmente importante, não apenas pela presença recidiva de renomados pesquisadores nacionais e internacionais mas, sobretudo por ter sido espaço de socialização de conhecimentos entre seus participantes. Temos ciência de que muitos trabalhos de pesquisa surgiram, foram redirecionados ou encaminhados a partir dos debates realizados nas edições do ELFE. O ELFE estimulou ainda a relação dinâmica entre teoria e prática nos estudos sobre língua falada e língua escrita, incluindo língua de sinais, refletindo, dessa forma, o olhar plural em estudos e pesquisas sobre a linguagem.

Os efeitos do ELFE são inatacáveis. O PPGLL se fortaleceu, o intercâmbio e a cooperação técnico-científica entre a Pós-

Graduação e a Graduação consolidaram um grande número de estudantes fazendo Iniciação Científica, como evidenciado nas centenas de trabalhos apresentados nas sessões de pôsteres das edições do ELFE.

Voltando e avançando no tempo para melhor contar esta história

Nesta última parte de nosso relato, voltaremos no tempo para falar um pouco da história pessoal de Denilda que, necessariamente, se enreda com sua vida acadêmica à qual se dedicou com paixão até o momento em que dela se retirou.

Tentar esboçar um perfil biográfico de Denilda não é tarefa das mais fáceis, pois tendo sido ela possuidora de uma liderança científica e social indubitáveis, é abstruso apontar qual foi sua porção mais marcante. Séria, ativa, perspicaz, justa e equânime, Denilda tinha em essência uma humildade dificilmente encontrável na arena acadêmica. Como salientou Castilho (2020, p. 4) “Denilda sempre repartiu com os amigos os doces que foi identificando em sua carreira”.

Nasceu em Murici, Alagoas, em 04 de junho de 1941. Pouco tempo depois, em mais tenra idade, mudara-se com seus pais Rafael José Moura e Doralice da Silva Moura para Rio Largo, cidade na qual se estabeleceram. Quando adolescente nutria o desejo de ser arquiteta, porém o magistério tornou-se seu universo particular de atuação.

Graduou-se em Letras – Português/Francês pela Ufal, em 1964. Anos depois, ainda quando a Linguística no Brasil dava seus passos iniciais, fez uma Especialização em Linguística na UFBA, em 1971. Em seguida, fez seu curso de Mestrado na França, na Université de Besançon, cujo título de sua dissertação é “Les niveaux du langage

familier de l'étudiant français en 1972”, sob a orientação do Prof. Dr. Jean Peytard. A escolha por fazer essa pesquisa em Lexicologia se justificava pelo choque inicial que Denilda sentiu entre o francês *standard* (aprendido e ensinado entre nós como língua estrangeira) e os diferentes registros na fala (*langage familier*) de estudantes franceses.

Ainda na década de 60, iniciou no magistério lecionando, no Ensino Secundário de Escolas Públicas – Rio Largo e Maceió -, as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Francesa. Foi também professora de Francês da *Alliance Française* de Maceió e, em 1974, deu início a sua brilhante carreira no Ensino Universitário na Ufal.

Fez seu doutoramento, também na França (1977-1980), na Université de Paris VIII, e sua tese em sintaxe gerativa versa sobre “Les constructions impersonnelles en Portugais”, sob orientação de uma das maiores referências em gerativa: o Prof. Dr. Nicolas Ruwet. Nesse período, delineia-se seu campo mais profícuo e atuante no desenvolvimento de pesquisas científicas, numa vertente mais formalista ou mais sociologizante: a sintaxe. Ocupou-se de analisar as passivas impessoais e o comportamento do clítico “se” no português, relacionando-o à categoria vazia e ao sujeito nulo. Denilda nos contava que os estudos realizados até então sobre a temática de sua tese advogavam que o “se” das passivas impessoais seria um sujeito gramatical, todavia depois de ter participado, em abril de 1979, das Conferências de Pisa proferidas por Noam Chomsky na *Scuola Normale Superiore* de Pisa, na Itália, das quais resultou o texto *A Teoria da Regência e Ligação*, Denilda pôde, por fim, concluir sua tese com uma análise sofisticada na qual o “se” das passivas impessoais está coindexado (ligado) a uma posição de objeto, não podendo, portanto, ter comportamento de sujeito gramatical.

Durante seu curso de doutorado em Paris, Denilda recebeu muitas propostas tanto para atuação no magistério – já nos

referimos ao convite para lecionar sintaxe na Grécia –, como outras que se desvirtuavam dele. Numa dessas ocasiões, foi convidada por uma empresa brasileira de exportação de palmito (*coeur de palmier*) para auxiliar como tradutora e intérprete nas negociações. Obviamente, Denilda não foi apenas intérprete, mas conseguiu acordar as melhores negociações feitas pela empresa brasileira até então. Encantados com sua atuação executiva, a empresa quis contratá-la para ser sua representante na França, porém, como já pontuado neste relato, seu compromisso político-social e sua ética profissional deram o tom da escolha, e Denilda regressou para a sua querida Ufal.

De volta à Ufal, Denilda, na década de 80, era a única com formação em uma teoria gramatical formal, o que implica considerar a total falta de diálogo entre os pares na instituição. Nessa década, dedicou-se com muito afinco às questões administrativas, implantando a Pós-Graduação e o PET-Letras/Ufal, conforme explanado nesta narrativa.

Em 1991, tem seu Projeto de Pesquisa “A Língua Usada em Alagoas – LUAL” aprovado pelo CNPq. Este projeto estava apoiado em questões de trabalho como:

Será que a língua falada no Nordeste, e mais particularmente em Alagoas, é de fato diferente da língua falada em outras regiões do país? Em que aspectos ela é mais uma variante da norma culta (falada ou escrita)? Na sintaxe, na morfologia (por exemplo a questão semântico-lexical), ou em questões fonético-fonológicas (as questões, por exemplo, de entonação, de ritmo, de musicalidade da fala)? (MOURA, 1994, p. 50).

O projeto LUAL foi um dos pioneiros na descrição sociolinguística dos falantes de Alagoas, resultando: na formação de novos pesquisadores em Sociolinguística Quantitativa Laboviana;

na constituição de um Banco de Dados representativo de fenômenos de variação nos usos da língua; na análise quantitativa e qualitativa de fenômenos variáveis de uso social da língua; na análise de aspectos linguísticos resultantes do confronto entre língua falada e língua escrita, relevando o grau de conflito entre as duas modalidades e, por fim, na aplicabilidade dos resultados das pesquisas ao ensino.

Em decorrência de sua atuação e entusiasmo no desenvolvimento de pesquisas sobre língua falada, Denilda fez ainda dois Pós-Doutoramentos: um na University of Ottawa (1994), Canadá, tendo como interlocutora a Profª. Dra. Shana Poplack, e outro na École des Hautes Études em Sciences Sociales, França (1996). Ambos em Sociolinguística Variacionista.

É incontestável o fato de que a proliferação de Grupos de Pesquisa nas Universidades está diretamente relacionada à implementação dos Programas de Pós-Graduação no Nordeste. Hora et al. (2019, p. 59) afirmam que “... a grande revolução desencadeada pelos cursos de Pós-Graduação no Nordeste foi a criação de Grupos de Pesquisa e, como consequência, o grande número de trabalhos apresentados em Encontros nacionais e estrangeiros, publicados por pesquisadores nordestinos”. Seguindo essa tendência, Denilda expande seu Projeto LUAL para o Grupo de Pesquisa – PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), em 1992, ampliando a participação de novos pesquisadores em temas e teorias da Linguística além da Sociolinguística, tais como: Gramática Gerativa, Sintaxe Comparativa e Aquisição da Linguagem. O Grupo PRELIN⁴⁰, sob a liderança de Denilda, foi o primeiro não apenas na formação de pesquisadores como também na disseminação de estudos em Sintaxe Gerativa na Ufal, conforme relatam Sedrins

40 O Grupo PRELIN continua ativo, sendo liderado pelos professores Telma Magalhães e Jair Farias.

et al. (2019, p. 278)⁴¹:

Denilda Moura foi pioneira na orientação de teses de doutorado e dissertações de mestrado na perspectiva da GG, bem como no desenvolvimento dos primeiros projetos de pesquisa nessa área, e pela implementação do Grupo de Pesquisa PRELIN (Programa de Estudos Linguísticos), que tem formado, ao longo dos seus vinte e oito anos de existência (1992 - atual), pesquisadores nos níveis de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Como uma pesquisadora também preocupada com a contribuição social, Denilda integra, em 2008, o *Projeto O Conhecimento Linguístico e Sociocultural da Comunidade Quilombola Muquém – União dos Palmares - Alagoas*, como equipe filiada ao Projeto maior “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB), coordenado pelo reconhecido linguista Ataliba Teixeira de Castilho. Moura (2009c, p. 17) apresenta:

O Projeto se propõe a conhecer e documentar a comunidade quilombola Muquém, localizada na zona rural de União dos Palmares, visando investigar as origens e características socioculturais de um povo apontado e reconhecido como descendente dos palmarinos, antigos habitantes do quilombo dos palmares, a quem sua história foi negada. Esse Projeto está integrado ao Projeto Nacional “Para a História do Português Brasileiro” (PHPB), coordenado nacionalmente pelo Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho - UNICAMP/USP. Em Alagoas, a investigação sobre a comunidade Quilombola se propõe a investigar algumas possíveis influências no léxico, em construções gramaticais, arcaísmos, e outros (...).

Mediante esse perfil irrestrito de Denilda, gostaríamos de destacar o efeito multiplicador de seu pioneirismo e protagonismo

41 Sugerimos a leitura do texto aqui referido “A Gramática Gerativa no Nordeste”, escrito pelos ex-orientandos de Denilda: Adeilson Sedrins, Dorothy Brito e Danniell Carvalho, cuja publicação faz parte da antologia *Cartografia GelNE: 20 anos de Pesquisas em Linguística e Literatura*, organizada por Cléber Ataíde et al. (2019).

na formação de professores-pesquisadores que integram o corpo docente de várias universidades do país: Conceição de Maria de Araújo Ramos – tese defendida em 1999 – UFMA, Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante – tese defendida em 2001 – Ufal, Luiz Gonzaga Duarte de Amorim – tese defendida em 2001 (atuou na Ufal e faleceu em 2009), Núbia Rabelo Bakker Faria – tese defendida em 2001 – Ufal, José de Ribamar Mendes Bezerra – tese defendida em 2002 – UFMA, Cláudia Roberta Tavares Silva – tese defendida em 2004 – UFRPE, Jair Gomes de Farias – tese defendida em 2005 – Ufal, Marilúcia Barros da Silva – tese defendida em 2007 – UFPA, Dannel da Silva Carvalho – tese defendida em 2008 – UFBA, Mirian Santos de Cerqueira – tese defendida em 2008 – UFG, Marcelo de Amorim Sibaldo – tese defendida em 2009 – UFPE, Adeilson Pinheiro Sedrins – tese defendida em 2009 – Ufape, Dorothy Bezerra de Brito – tese defendida em 2009 – UFRPE - Uast, José Sérgio Amâncio de Moura – tese defendida em 2010 – Unilab, Maria Edna Porangaba do Nascimento – tese defendida em 2010 – Uneal, Rafael Bezerra de Lima – tese defendida em 2010 – Ufape e Renata Livia de Araújo Santos – tese defendida em 2013 – UFRPE/UAST .

Denilda teve uma participação ativa e contínua, ocupando cargos administrativos na Ufal, e exercendo várias funções em entidades representativas da área das Letras. Na Ufal, foi Coordenadora do Núcleo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão da PROPLAN (1981-1984), Chefe de Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (1985-1987), Coordenadora da Pós-Graduação em Letras – atualmente Literatura e Linguística (1989-1996), coordenadora de projetos, orientadora de teses, dissertações e monografias, dentre outras atividades. Em entidades representativas da área, Denilda foi Presidente da Abralin (1995-1997), Conselheira da Abralin (1997-2001), Representante da Associação Internacional de Linguística Portuguesa no Brasil (2000-2004), Consultora e Conselheira Capes e CNPq (1991-2013), Diretora Científica da Fundação de Amparo

à Pesquisa no Estado e Alagoas – Fapeal (1997-2001), Presidente do Gelne (2006-2008), Conselheira da Anpoll (2008-2010), Coordenadora do GT de Teoria da Gramática – Anpoll (2010-2012), Membro Editorial das Revistas Linguagem e Delta e Titular da Comissão de Avaliação do Curso de Letras – MEC (2002-2013).

Gostaríamos de mencionar também as muitas homenagens e menções honrosas que Denilda recebeu, dentre elas: a Medalha de Mérito Universitário (2006), pela comemoração dos 45 anos UFAL em reconhecimento aos servidores que fizeram história nessa universidade; Homenagem do PPGLL, nos seus 20 anos de implantação, à Denilda pelo pioneirismo e protagonismo à frente da Pós-Graduação; Comenda do Mérito Fapeal (2010), em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à Fapeal e pela contribuição ao desenvolvimento da Ciência e Tecnologia no Estado de Alagoas; Homenagem pela passagem do 25º aniversário do PET Letras da Ufal (2013), ocasião em que foi inaugurada a nova sala do grupo, recebendo o nome de sua eterna tutora: *Sala de permanência Profa. Denilda Moura*; publicação do livro “Por amor à linguística”, em 2013, e do número especial da revista Leitura, n. 59, em 2017, ambos em sua homenagem. Em 2018, o Bloco de Sala de Aulas da Faculdade de Letras também recebeu o nome de Denilda Moura, sendo escolhido em eleição aberta à comunidade universitária. Mais recentemente, o livro “A língua em foco no Nordeste brasileiro: d’além das capitais”, em 2021, foi dedicado à Denilda (*in memoriam*), por seu legado deixado à Linguística Contemporânea no Brasil, em especial, no Nordeste.

Conclusão

Como afirmamos na Introdução, nos propusemos a destacar

os “grandes feitos” de Denilda sem, contudo, evitar falar dos *efeitos* singulares que sua vida e atuação exerceram sobre nós e sobre aqueles que conviveram com ela mais proximamente. Denilda foi muito mais do que uma professora, pesquisadora, orientadora ou colega, Denilda assumia compromisso com o *outro* e isso se refletiu em toda sua carreira de vida, evidenciado nos bons frutos que ela colheu em sua consistente e profícua atuação como docente da Ufal.

Em 2020, ano que estará marcado na história da humanidade pela dor causada por uma terrível pandemia, Denilda nos deixou. Ficamos todos ainda mais enlutados pela impossibilidade de prestarmos a ela uma última e merecida homenagem. Sua partida foi discreta, silenciosa, do jeito que ela teria preferido mas, para nós, herdeiros de sua energia incomum, ficou um grande vazio que buscamos preencher com o resgate destas memórias cheias de saudades, gratidão e orgulho: assistimos à história da linguística brasileira acontecer em terras alagoanas conduzida pelas mãos de uma mulher admirável!

Produção acadêmica

Por sua imensurável contribuição à História da Linguística no Brasil e no Nordeste relacionamos, a seguir, como produto de seu irrestrito trabalho, um conjunto de publicações em revistas especializadas, livros organizados e capítulos de livros que constituem mais um feito inolvidável de sua atuação.

- **Artigos completos publicados em periódicos**

MOURA, M. D. Sintaxe das línguas particulares e sintaxe comparativa. *Leitura*, Maceió, v. 1, p. 110-121, 2011.

MOURA, M. D.; NAVES, R. R.; SALLES, H.M.L.; LOPES, R.E.V.; CANÇADO, M.; FOLTRAN, M. J.; SILVA, M.C.F.; FONSECA, H.D.C. . Teoria da Gramática: tendências e perspectivas. **Revista da ANPOLL** (Impresso), v. 29, p. 119-168, 2010.

MOURA, M. D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. Revisado e atualizado. **Leitura**, Maceió, v. 43/44, p. 163-190, 2009.

MOURA, M. D.. VINTE ANOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA DA UFAL. **Leitura**, Maceió, v. 43/44, p. 7-52, 2009.

MOURA, M. D. A predicação copulativa em PB e em Espanhol. **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 2, p. 67-76, 2007.

MOURA, M. D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 87-110, 2006.

MOURA, M. D.; SILVA, C. T. Apresentação de Número Temático. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 11-16, 2006.

MOURA, M. D.; SILVA, C. T. Organização de Número temático. **Leitura**, Maceió, v. 33, p. 1-202, 2006.

MOURA, M. D. SINTAXE. **Leitura**, Maceió, v. 25, p. 67-88, 2002.

MOURA, M. D. O caráter variável da regra de concordância no Português do Brasil. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 1/2, n.21, p. 78-84, 2001.

MOURA, M. D. A concordância verbal na língua falada em português brasileiro e em francês contemporâneo. **Revista FAEEBA**, Salvador,

v. 15, n.10, p. 69-74, 2001.

MOURA, M. D.; PALACIO, A. P. Ataliba Teixeira de Castilho: o Homem, o Professor e o Linguista. **DELTA**, São Paulo, v. 14, p. 1-14, 1998.

MOURA, M. D. Aproximações entre a fala e a escrita. **Leitura**, Maceió, v. 20, p. 87-94, 1997.

LEMLE, M.; MOURA, M. D.; BARBARA, L. Apresentação / Presentation. **DELTA**, São Paulo, v. 13, p. i-iv, 1997.

MOURA, M. D. A dimensão linguístico-social da alfabetização. **Boletim da ABRALIN**, Maceió, v. 19, p. 197-203, 1996.

MOURA, M. D. A fala e a escrita na sala de aula - uma questão para a lingüística e para o ensino de língua. **Boletim da ABRALIN**, Maceió, v. 18, p. 73-76, 1996.

MOURA, M. D. Diversidade linguística e preconceito social. **Boletim da ABRALIN**, Curitiba, v. 17, p. 49-51, 1995.

MOURA, M. D. Oficina da aprendizagem: o ensino de língua nas séries iniciais do 1. grau. **Revista Internacional em Língua Portuguesa**, n.11, p. 66-73, 1994.

MOURA, M. D. O ensino de língua e a norma linguística. **Leitura**, Maceió, v. 07/08, p. 40-45, 1992.

MOURA, M. D. O ensino de língua nas series iniciais do 1º grau. **Leitura**, Maceió, v. 07/08, p. 30-39, 1992.

MOURA, M. D. La grammaire de la langue utilisée par des enfants de 7 a 10 ans. **Les Actes du XVI Colloque international de linguistique fonctionnelle**, p. 49-51, 1989.

MOURA, M. D. Sociologia da Linguagem/Sociolinguística e ensino do português. **Leitura**, Maceió, v. 04, p. 65-69, 1988.

MOURA, M. D. O processo de alfabetização. **Leitura**, Maceió, v. 03, p. 134-136, 1988.

MOURA, M. D. O infinitivo pessoal e as estruturas a controle. **Leitura**, Maceió, v. 02, p. 7-14, 1987.

MOURA, M. D. O ensino/aprendizagem da língua portuguesa nos três graus de ensino. **Leitura**, Maceió, v. 01, p. 56-63, 1987.

MOURA, M. D. O clítico **se** em português. **Revista Scientia ad Sapientiam**, v. 08, p. 11-17, 1981.

- **Livros publicados/organizados ou edições**

MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. **Estudos e Pesquisas em Teoria da Gramática**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2013. v. 200. 372p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A. (Org.); SIBALDO, M. A. (Org.) **Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2010. v. 1. 674p.

MOURA, M. D. **Resquícius de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz**. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009. v. 1. 175p.

MOURA, M. D. **Pós-Graduação em Letras e Linguística: 20 anos na formação de mestres e doutores.** 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009. v. 1. 53p.

MOURA, M. D. **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 578p.

MOURA, M. D.; PAULA, A. S.; LOPES, A. A.; OLIVEIRA, F.; SEDRINS, A.; LIMA, R. B.; ALBUQUERQUE, E. C. M. de M. (Org.). **XXII Jornada Nacional de Estudos Linguísticos - Livro de Resumos e Programação.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 277p.

MOURA, M. D. **Leitura e escrita: a competência comunicativa.** 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 158p.

MOURA, M. D. **As linguagens da cultura nordestina.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 85p.

SOARES, M.C.F; MOURA, M. D. (Org.). **Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores.** 1ª. ed. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007. v. 1. 136p.

MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A.; SEDRINS, A. (Org.). **III Encontro de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino - Programação e Resumos.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2007. v. 1. 111p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A.; PINHEIRO, C. L.; FARIAS, J.; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. (Org.). **V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - Programação e Resumos.** 1. ed. Maceió: Edufal, 2006. v. 1. 231p.

MOURA, M. D.; FARIAS, J. (Org.) **Reflexões sobre a sintaxe do**

Português. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2005. v. 1. 283p.

MOURA, M. D. **Oralidade e escrita:** estudos sobre os usos da língua. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2003. v. 1. 523p

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever:** rumo à compreensão e à interação com o mundo. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002. v. 1. 124p.

MOURA, M. D. **Ler e escrever para quê?** 2. ed. rev. ampl. Maceió: Edufal, 2001. 72p.

MOURA, M. D. **Língua e ensino:** dimensões heterogêneas. 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. 142p.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever para quê?** 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. 70p.

MOURA, M. D. **Os múltiplos usos da língua.** 1a.. ed. Maceió: Edufal, 1999. 654p.

MOURA, M. D. **Variação e ensino.** 1a. ed. Maceió: Edufal, 1997. v. 1. 140p.

MOURA, M. D. **Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolingüística no Brasil.** 1a.. ed. Maceió: Edufal, 1997. v. 1. 64p.

MOURA, M. D. **Anais do II Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - II ELFE.** 1. ed. Maceió: Editoração eletrônica, 1996. v. 1. 394p.

MOURA, M. D. **A Literatura de Cordel.** Maceió: SERGASA/

Secretaria de Cultura, 1986. 09p.

MOURA, M. D. **O poeta e o xilógrafo Eneas Tavares dos Santos**. Maceió: Edufal, 1983. 83p.

- **Capítulos de livros publicados**

MOURA, M. D.; SILVA, C. T.; CERQUEIRA, M. S. Entendendo a concordância sob o viés minimalista. In: FERRARI NETO, J.; SILVA, C. R. T. (Org.). **Programa Minimalista em foco: princípios e debates**. 1ªed. Curitiba: CRV, 2012.

MOURA, M. D. Casos de concordância do Português Brasileiro. In: AGUILERA, V. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro - Volume VII: vozes, veredas, voragens**. 1ªed. Londrina: EDUEL, 2009, v. II. p. 438-466.

MOURA, M. D. Contribuição da ABRALIN à área de Linguística. In: DA HORA, D.; ALVES, E. F.; ESPÍNDOLA, L. C.. (Org.). **Abralin: 40 anos em cena**. 1ªed. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p. 205-214.

MOURA, M. D.; SANTOS, D. N. dos. Desvendando os caminhos de Muquém. In: MOURA, Denilda (Org.). **Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2009. p. 27-36.

MOURA, M. D. A multifuncionalidade da cópula. In: _____. (Org.). **Os desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1ed. Maceió: Edufal, 2008. p. 415-418.

MOURA, M. D. Apresentação. In: MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4ªed. Maceió: Edufal, 2008. p. 7-12.

MOURA, M. D. O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula. In: _____. (Org.). **Leitura e escrita: a competência comunicativa**. 1ed. Maceió: Edufal, 2007. p. 11-26.

MOURA, M. D. Depoimento de Tutor. In: SOARES, M. C. F. e MOURA, M. D. (Org.). **O Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores**. 1ªed. Recife: Editora Universitária da UFRPE, 2007. p. 74-81.

MOURA, M. D. Variação em sintaxe. In: MOURA, D.; FARIAS, J. (Org.). **Reflexões sobre a sintaxe do Português**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2005. p. 47-71.

MOURA, M. D. Usos da língua e ensino. In: _____. (Org.). **Oralidade e escrita: estudos sobre os usos da língua**. 1ªed. Maceió: Edufal, 2003. p. 50-53.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. Gramática(s) da língua vs. ensino da língua portuguesa. In: _____; _____. (Org.). **Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1ed. Maceió: Edufal, 2002. p. 01-14.

MOURA, M. D.; MORAIS, Gizelda. Variação lingüística e ensino. In: _____; _____. (Org.). **Ler e escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1ed. Maceió: Edufal, 2002. p. 15-22.

MOURA, M. D. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino de Português. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.). **Ler e escrever**

para quê? 2ªed. Maceió: Edufal, 2001. p. 13-20.

MOURA, M. D. Lingüística e ensino de Língua Portuguesa. In: URBANO, H.; DIAS, A. R. F.; LEITE, M. Q.; SILVA, L. A. da; GALEMBECK, P. de T. (Org.). **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino.** 1ªed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. p. 333-344.

MOURA, M. D.. Literatura de cordel. In: PEDROSA, T. de M. (Org.). **Arte popular de Alagoas.** 1ed. Maceió: Grafitex, 2000. p. 89-93.

MOURA, M. D. Os PCNs e o ensino do português. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.). **Ler e escrever para quê?** 1ed. Maceió: Edufal, 2000. p. 11-18.

MOURA, M. D. Língua e Ensino: a importância da teoria da variação lingüística. In: _____. (Org.). **Língua e ensino: dimensões heterogêneas.** 1ed. Maceió: Edufal, 2000. p. 125-132.

MOURA, M. D. Língua Falada e Ensino. In: _____. (Org.). **Os múltiplos usos da língua.** 1ª.ed. Maceió: Edufal, 1999. p. 61-64.

MOURA, M. D. Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolinguística no Brasil. In: _____. (Org.). **Contribuição de Mário Marroquim à pesquisa sociolinguística no Brasil.** Maceio: Edufal, 1997. p. 25-34.

MOURA, M. D. Variação e Ensino. In: _____. (Org.). **Variação e ensino.** 1a.ed. Maceió: Edufal, 1997. p. 9-28.

MOURA, M. D. O ensino de língua: diversidade linguística x diversidade de textos. **O que quer, o que pode esta língua.**

Araraquara, SP: Jornal Macunaíma, 1997. p. 39-44.

Publicações em homenagem a Denilda Moura

CASTILHO, A. de. Maria Denilda Moura e a linguística brasileira. **Leitura**, Maceió, n. 65, p. 3-9, maio/ago. 2020.

FARIA, N. R. B. A Abralín na Ufal entre 1995 e 1997. In: OLIVEIRA JR, M. (Org.) **50 anos da Abralín: memórias e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes, 2018.

FARIAS, J. G. Homenagem à Professora Doutora Maria Denilda Moura. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

LEITURA. **Dossiê temático em homenagem a Maria Denilda Moura**, 2017. Organizadores: Adeilson Pinheiro Sedrins, Claudia Roberta Tavares Silva, Jair Gomes de Farias, Telma Moreira Vianna Magalhães. Maceió, n.59. Número especial.

NUNES, C. B.; SILVA, C. R. T. (Org.). **A língua em foco no nordeste brasileiro: d'além das capitais**. 1. ed. São Paulo: Pontes, 2021. 508p.

SEDRINS, A. P. Homenagem à Professora Denilda Moura no Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos**

linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

SILVA, C. R. T. III Fórum Linguístico Literário da UFRPE – UAST: homenagem à Professora Denilda. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

Referências

CASTILHO, A. de. Maria Denilda Moura e a linguística brasileira. **Leitura**, Maceió, n. 65, p. 3-9, maio/ago. 2020.

CHOMSKY na Ufal: entrevista concedida por Noam Chomsky na Universidade Federal de Alagoas (Ufal), em 03 de dezembro de 1996, a convite da Presidente da Associação Brasileira de Linguística Profa. Dra. Maria Denilda Moura. Vídeo (duração de 1h38m46s), colorido. Áudio em língua portuguesa e língua inglesa sem legenda. Disponível em: [Arquivo PET | pet-letras-ufal \(petletrasufal.com\)](http://pet-letras-ufal (petletrasufal.com)).

D.E.L.T.A: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. **Chomsky no Brasil**. São Paulo: EDUC, v.13, 1997. No. especial. Edição Bilingüe.

FARIA, N. R. B. A Abralin na Ufal entre 1995 e 1997. In: OLIVEIRA JR, M. (Org.) **50 anos da Abralin**: memórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, 2018.

FARIAS, J. G. Homenagem à Professora Doutora Maria Denilda Moura. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística**: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura. Maceió: Edufal, 2012.

HORA, D.; ARAGÃO, M.S.S; SILVA, A.P. Panorama do estudos fonético-fonológicos e lexicais no Nordeste: uma abordagem na interface sociolinguística e dialetologia.

In: ATAÍDE, C. et al. (Org.) **Cartografia GeINE: 20 anos de Pesquisa em Linguística e Literatura**. São Paulo: Pontes, v.1., 2019.

MARCUSCHI, L. A. Perspectivas da pesquisa linguística no Brasil. **Boletim da Abralin**, Maceió, v.19, p. 15-25, 1996.

MORAIS, G. Parâmetros psicossociais. In: MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e escrever para quê?** 1.ed. Maceió: Edufal, 2000. p.21-31.

MOURA, M. D. **Anais do I Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita - I ELFE**. 1. ed. Maceió: Edufal, 1995. v. 1.

MOURA, M. D. **Apresentação da entrevista “Chomsky na Ufal”**. Mimeo, Maceió, 1996.

MOURA, M. D. **III Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – III ELFE**. Livro de Resumos. 1. ed. Maceió: Edufal, 1999a.

MOURA, M. D. **Os Múltiplos Usos da Língua**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 1999b. v. 1. 654p.

MOURA, M. D. **IV Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – III ELFE**. Livro de Resumos. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002b.

MOURA, M. D. **Oralidade e Escrita: estudos sobre os usos da língua**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2003. v. 1. 523p.

MOURA, M. D. **Os Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita**. 1a. ed. Maceió: Edufal, 2008. v. 1. 578p.

MOURA, M. D. Contribuição da Abralin à área de Linguística. In: DA HORA, D. e outros (Org.). **Abralin: 40 anos em cena**. João Pessoa: Editora Universitária, 2009a.

MOURA, M. D. **Pós-graduação em letras e linguística: 20 anos na formação de mestres e doutores**. Maceió: Edufal, 2009b.

MOURA, M. D. **Resquícios de Palmares**. O que uma comunidade quilombola nos diz. 1ª. ed. Maceió: Edufal, 2009c. v. 1. 175p.

MOURA, M. D. 25 anos do PET/Letras-Ufal. In: SOUZA, D. dos; FARIA, N. R. B.; VERÇOSA, V. M. (Orgs). **Caleidoscópio através das letras**. Maceió: Edufal, 2013.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e Escrever para Quê?** 1. ed. Maceió: Edufal, 2000. v. 1. 70p.

MOURA, M. D.; MORAIS, G. (Org.) **Ler e Escrever: rumo à compreensão e à interação com o mundo**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2002. v. 1. 124p.

MOURA, M. D.; SEDRINS, A. (Org.); PINHEIRO, C. L. (Org.); FARIAS, J. (Org.); SIBALDO, M. A. (Org.); LIMA, R. B. (Org.). **V Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita – V ELFE- Programação e Resumos**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2006.

QUEIROZ, J. F.; FARIA, N. R. B. 30 anos de PPGL e os rumos da Leitura. **Leitura**, Maceió, n. 63, jul./dez. 2019, p. 4-6.

SEDRINS, A. P. Homenagem à Professora Denilda Moura no Simpósio Internacional do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

SEDRINS, A.P.; BRITO, D.B.; CARVALHO, D.S. A Gramática Gerativa no Nordeste. In: ATAÍDE, C. et al. (Org.) **Cartografia GeINE: 20 anos de Pesquisa em Linguística e Literatura**. São Paulo: Pontes, v. 1, 2019.

SIBALDO, M. A. Ensino de línguas na Educação Básica e na Educação Superior: o efeito multiplicador do PET. In: SOUZA, D. dos; FARIA, N. R. B.; VERÇOSA, V. M. (Orgs). **Caleidoscópio através das letras**. Maceió: Edufal, 2013.

SILVA. C. R. T. III Fórum Linguístico Literário da UFRPE – UAST: homenagem à Professora Denilda. In: SEDRINS, A. P.; CASTILHO, A. T. de; SIBALDO, M. A.; LIMA, R. B. de. **Por amor à linguística: miscelânea de estudos linguísticos dedicados à Maria Denilda Moura**. Maceió: Edufal, 2012.

Lucia Maria Pinheiro Lobato – a cientista em busca da arquitetura da Faculdade da Linguagem (1942–2005)

Eloisa Pilati

Este capítulo é uma homenagem à grande linguista, professora e pesquisadora Lucia Lobato, professora titular da Universidade de Brasília, que nos deixou precocemente em 2005. Como forma de manter vivo seu estilo único de fazer linguística e aspectos importantes de seu pensamento e do legado de sua obra, os parágrafos a seguir contam um pouco de sua trajetória acadêmica, seus valores na pesquisa e algumas de suas contribuições relevantes para os estudos linguísticos no país.

Lucia Lobato realizou sua graduação em Licenciatura Português-Francês na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Em seguida, por meio de uma bolsa financiada pelo governo francês, deu continuidade aos seus estudos numa especialização em literatura francesa na Universidade de Nancy (1967). Por indicação de uma professora da UFES, colocou também linguística em seu plano de estudos. Apesar de seus estudos iniciais terem sido no campo da literatura, Lobato logo percebeu que seu interesse maior estava no campo da linguística e optou por se dedicar exclusivamente aos estudos linguísticos. Permanecendo na França por mais quatro anos e cinco meses, defendeu seu doutorado em linguística na Universidade de Paris III (1971) sob a orientação de Bernard Pottier. Em sua tese, denominada *L'Auxiliarité en Langue Portugaise*, Lobato se dedicou a investigar a sintaxe dos verbos auxiliares em

português.

Ao voltar para o Brasil, Lobato logo se tornou professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no período de 1971 a 1977. Logo depois, tornou-se professora da Universidade de Brasília de 1977 a 2005, onde chegou ao cargo de Professora Titular em 1989. Mesmo após o doutorado, Lobato continuou seus estudos, realizando quatro estágios pós-doutorais fora do Brasil: na Universidade de Paris VIII, em 1982, na Universidade da Califórnia, em 1987, e por duas vezes, no Massachusetts Institute of Technology, nos anos de 1991 e 1995.

Lobato participava de diversas organizações de pesquisa linguística no Brasil. No período de 2003 a 2005, foi presidente da Associação Brasileira de Linguística, Abralín.⁴² Durante sua trajetória acadêmica, a professora Lucia Lobato orientou vinte e oito dissertações de mestrado e três teses de doutorado, ministrou diversas palestras e publicou várias obras.

A eminente linguista foi uma das precursoras da Teoria Gerativa no Brasil, apesar de sua iniciação no campo da teoria gerativa ter se dado, de forma mais sistemática, quando a professora iniciou suas atividades na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Responsável por realizações notáveis nessa área, Lobato publicou uma obra seminal para os estudos gerativistas no Brasil *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*, em 1986, e o *Manual do professor*, vinculado à mesma obra, em 1988. Ambas as publicações foram editadas pela Editora Vigília, de Belo Horizonte, e foram, por muitos anos, materiais de consulta entre os mais importantes para os interessados na área da biolinguística no Brasil. Nessas duas publicações, Lobato apresentou para toda uma geração de linguistas brasileiros reflexões profundas

42 Para mais detalhes sobre a atuação da professora Lucia na Abralín, ver Bortnoni-Ricardo *et al.* 2015.

sobre a história das gramáticas, sobre o estatuto da linguística como ciência e sobre os pressupostos da Teoria Gerativa, que, naquele momento, passava por modificações substanciais.

Em 1996, Lobato organizou a primeira vinda do professor Noam Chomsky ao Brasil. O influente linguista, que também realizou palestras em outras universidades brasileiras, visitou a Capital Federal nos dias 25 e 26 de novembro de 1996 e realizou duas palestras sobre linguística, e outras sobre questões políticas. O registro da palestra do professor Noam Chomsky foi posteriormente traduzido por Lobato e publicado pela Editora da UnB, em 1998, sob o título *Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas*.

O breve resumo da trajetória acadêmica e intelectual apresentado acima busca evidenciar o reconhecimento internacional da pesquisadora e seu papel como intelectual que realizava pesquisa de ponta, com relevância internacional, em um país em desenvolvimento. No prefácio de *Construção das palavras e arquitetura da Faculdade da Linguagem* (2013), uma obra que reúne publicações de Lobato, as organizadoras da obra, suas ex-alunas, afirmam que se destacavam, no trabalho de Lobato, “o rigor científico e a originalidade das ideias – sempre com base em uma concepção inatista da gramática”.

Lobato tinha plena noção da importância de sua atuação para a área e, por meio de seu trabalho sério e comprometido, que incluía muitas horas de estudo, contato com pesquisadores de várias universidades internacionais, orientações e publicações, contribuiu para a consolidação dos estudos gerativistas no Brasil. Em sua atuação, valorizava a formação de pesquisadores e, por meio das suas publicações pioneiras, buscou dar suporte para que uma nova área da linguística pudesse florescer e se sustentar no Brasil, dentro dos padrões mais altos de exigência acadêmica.

Durante sua trajetória acadêmica, Lobato dedicou-se a

diversos temas de forma rigorosa, profunda e crítica. Entre eles, podem-se citar: a sintaxe dos verbos auxiliares, a origem do português brasileiro, as construções resultativas, a referencialidade, questões de caso e concordância, o comportamento de adjetivos e advérbios em português, o ensino de línguas, entre outros (cf. Lobato 1994, 2000, 2001, 2006...).

Como dito anteriormente, Lobato também se preocupava com a contribuição que a linguística poderia dar ao ensino de língua portuguesa no Brasil. A professora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2007) nos conta que essa era uma das preocupações de Lobato, durante os anos em que ocupou a presidência da Abralín. Nas palavras de Bortoni-Ricardo, Lobato “coordenou a participação da Associação na série das reuniões regionais da SBPC voltadas ao diálogo com professores do ensino fundamental e médio”.

Uma contribuição fundamental nessa área foi publicada na obra *Linguística e ensino de línguas* (2015). Essa obra, que reúne palestras da professora, realizadas em 1976 e em 2003, tem iluminado diversas pesquisas atuais sobre o tema. Para ilustrar, com textos da própria autora, o rigor empregado em sua pesquisa, vale a pena ler os trechos abaixo. No primeiro excerto, em uma palestra feita em 2003, no auge das discussões sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, que faziam duras críticas ao ensino de gramática nos moldes tradicionais, Lobato defende “uma renovação” no ensino de gramática, mas não a eliminação da gramática da educação básica. Entre os argumentos apresentados pela autora para a manutenção dos estudos gramaticais na educação básica, estão os seguintes (2015 [2003], p. 25):

A primeira razão é o fato de ao texto e às atividades discursivas em geral subjazer a mesma gramática abstrata que subjaz às palavras, aos sintagmas, às orações e às frases. Não pode ser diferente, pois, se assim o fosse, a mente humana estaria operando de modo antieconômico, com princípios de tipo diferente para domínios

diferentes do mesmo objeto. O natural é considerar que, para o mesmo objeto, são usados os mesmos princípios abstratos. No texto, são usados princípios que extrapolam o limite da sentença, mas, certamente, não são de natureza diferente dos princípios do limite da sentença. A diferença, a meu ver, está nas unidades com que a gramática opera num e noutro domínio, e não na natureza dos princípios.

Em segundo lugar, considero que não se deve abandonar totalmente o material gramatical porque a explicitação dos mecanismos de que as línguas fazem uso e de seu efeito semântico ajuda o aluno a ganhar tempo no seu processo de domínio das técnicas do texto e das atividades discursivas em geral. A escrita, por exemplo, tem características muito peculiares, e aceita estruturas complexas muito mais facilmente do que a fala, por estar livre das limitações de memória que caracterizam o discurso oral. Não vejo como seria possível ter um ensino produtivo sem explicitação de mecanismos estruturais.

A terceira razão é que, se usado adequadamente o método proposto – uso do procedimento de descoberta, da metodologia de eliciação e da técnica dos resultados –, o aluno vai chegar por si próprio à conclusão de que existe uma faculdade de linguagem e de que ele próprio tem uma gramática interna, biológica. A visão de língua do aluno certamente mudará. Além disso, o ensino estará contribuindo para que cada aluno conheça um pouco mais da natureza humana.

A argumentação da autora revela as características de seus valores no fazer científico: a primeira delas é o rigor acadêmico. Com base em seu conhecimento profundo sobre a natureza das línguas humanas e sobre o lugar da gramática nesses saberes, Lobato explica, de forma clara e objetiva, porque a gramática deve ser mantida na educação básica, discute lucidamente as relações entre fala e escrita e ainda delinea uma proposta metodológica para a gramática em sala de aula. A proposta de Lobato, como não poderia deixar de ser, busca soluções e alternativas ao problema do ensino de gramática no país, e destaca a importância de se valorizar todo o saber dos falantes de uma dada língua.

Para a pesquisadora, uma contribuição fundamental que a

Teoria Gerativa poderia dar ao ensino de línguas estava relacionada ao conhecimento da Faculdade da Linguagem:

É evidente que acho que essa difusão do conceito de gramática biológica e essa mudança de conteúdo programático são necessárias. Acho, mais ainda, que cabe à Universidade formar o novo professor de língua, um professor capaz de incorporar nas suas aulas os novos conhecimentos da linguística teórica. Esse é o nosso grande desafio: formar professores capazes de renovar o ensino de língua, à luz da teoria gramatical moderna. Isso significa que temos de redirecionar, também na Universidade, o modo como damos aula de língua materna. Nessa tarefa, a meu ver, na Universidade terá de haver um trabalho conjunto entre os docentes de linguística e docentes de língua, para não haver duplicidade de conteúdo.

Qualquer que seja a partição de tarefas, certos fenômenos têm de ser estudados e difundidos sistematicamente. Cito alguns deles. É preciso, antes de tudo, que os nossos alunos aprendam a fazer demonstrações empíricas de que existe a faculdade de linguagem. Qualquer fenômeno linguístico pode servir de tema para a demonstração. Pode-se escolher uma classe de palavras (substantivos, por exemplo), ou uma forma verbal (imperativo, por exemplo), ou um fenômeno morfossintático (concordância, por exemplo), ou uma construção sintática (interrogativas com uso de pronome interrogativo, por exemplo). Qualquer fenômeno serve, porque para qualquer um existem exceções, e as exceções podem ser usadas na construção de uma argumentação com base na pobreza do estímulo: como a criança chega a dominar o uso do fenômeno em questão, apesar das exceções, se não houve ensino a respeito? Nesse tipo de argumentação, a conclusão inevitável é que existe uma faculdade de linguagem guiando a geração de expressões linguísticas. Isso porque, caso a criança adquirisse a língua por imitação ou analogia, não conseguiria evitar a geração dos casos de construção agramatical que têm relação analógica com os casos gramaticais. (Lobato, 2015 [2003], p. 22)

Essa proposta de Lobato ainda não foi incorporada de forma efetiva na educação brasileira, mas é possível afirmar que é uma proposta fundamental para uma “renovação no ensino de gramática”,

para usar o termo da própria autora. Hoje, quase 18 anos depois de lançada, a proposta continua a influenciar gerações de linguistas, é cada dia mais abraçada por professores de diversas universidades brasileiras.

Voltando para a temática da reconhecida independência intelectual de Lobato, vale remeter a uma entrevista concedida aos pesquisadores Carlos Miotto e Roberta Pires de Oliveira e publicada na *Revista Fórum Linguístico* em 2000, em que a pesquisadora explicitava sua postura teórica na área do gerativismo. Lobato afirmava que trabalhava com “ideias fundamentais da proposta gerativista, mas com independência em relação ao aparato teórico.”

Ainda nessa entrevista, afirmava que sua pesquisa era baseada no pressuposto de que “há uma estrutura mental inata, que é a base para a formação de estruturas nas línguas” e que toda sua pesquisa tinha “o objetivo de chegar a algum esclarecimento a respeito do que seja essa estrutura mental inata” (Lobato, 2000, p. 138). Talvez um dos temas fundamentais que a pesquisa de Lobato tenha investigado estivesse relacionado à relação entre forma e substância nas línguas naturais. Em suas palavras, afirmava que pretendia captar a intuição do estruturalismo, que considerava “uma das grandes intuições do século XX, de a língua ser forma e não substância e defender a ideia de haver isomorfismo entre conteúdo e expressão dentro da faculdade de linguagem, uma ideia controversa e que suscitou muito debate na época do estruturalismo, mas que considero perfeitamente defensável.” (Lobato, 2000, p. 135).

Ainda nessa entrevista, ao ser questionada sobre as críticas recebidas pela Teoria Gerativa em relação às constantes mudanças no modelo, para manter o poder heurístico da teoria e, ao mesmo tempo, explicar os dados linguísticos, Lobato afirma:

A questão toda é se chegar a uma teoria que tenha ao mesmo tempo poder descritivo e poder explicativo. A teoria muda na medida em que abandona certas hipóteses e acrescenta outras. E a mudança

sempre se baseia na descrição de dados empíricos. A respeito do desenvolvimento da teoria, só gostaria de acrescentar que há certos fatos que sempre me impressionaram. Um deles é a capacidade de manter certos problemas fechados dentro de uma gaveta, à espera de um melhor entendimento das questões, ao mesmo tempo em que se atacam outros, para os quais as respostas parecem estar mais à vista. Um outro é a intrepidez, o destemor, ao se propor hipóteses e se fazer generalizações. Esse aspecto da teoria foi muito criticado e já se fez muita piada a respeito. A crítica era de que as hipóteses e as generalizações deixavam de lado muitos dados de diferentes línguas. Mas foi essa coragem de propor hipóteses e fazer generalizações com base em certos dados disponíveis, com o grande risco de se estar incorrendo em erro, essa coragem de se expor à crítica, que permitiu o avanço da teoria. (Lobato, 2000. p. 143-144)

Esse trecho da entrevista ilustra bem o espírito independente e a compreensão de ciência de Lobato. Também retrata seu pensamento em relação à teoria. Em um período em que a Teoria Gerativa era bastante criticada por estar sujeita a constantes mudanças e por apresentar lacunas em determinadas áreas, Lobato afirma que era justamente esse tipo de desafio que a “impressionava”. De um lado, a autora percebia os limites e as lacunas do fazer científico e entendia que, para as questões sem resposta, era possível “manter certos problemas fechados dentro de uma gaveta, à espera de um melhor entendimento das questões”. Por outro lado, também estava sob a mira da pesquisadora a importância da “intrepidez” e do “destemor”, para propor hipóteses e fazer generalizações. Elementos necessários para o avanço da ciência.

Em seu fazer científico, Lucia também demonstrava um profundo respeito aos dados. Para a autora a explicitação em qualquer impasse entre dados e teoria, os dados deviam estar em primeiro lugar. Amparada na Teoria Gerativa, em que a introspecção e a intuição do falante são consideradas ferramentas de análise e de postulação teórica, ensinava a seus estudantes que nenhuma

hipótese ou análise teórica poderia estar acima dos dados. A professora dizia seguir os ensinamentos de Ken Halle, um grande linguista do MIT e seu amigo, que afirmava sempre: “Deixem que os dados mostrem a teoria.”

Lobato seguia rigorosamente este princípio e ensinava seus alunos a respeitarem os dados, deixá-los falarem e revelarem a melhor análise. Com isso, frisava que era conjunto de dados e seu comportamento na língua que guiariam a análise e a explicação do fenômeno e nunca o contrário. A esse respeito, Lobato explicou como encarava esse dilema: “O difícil é que, de qualquer modo, é preciso acompanhar a evolução da teoria. Manter um olho na teoria e outro nos dados empíricos, e conseguir fazer propostas alternativas no caso de os dados não serem explicados pela teoria, esse é o desafio.” (Lobato 2000, p. 142).

Para manter-se fiel à intuição e aos julgamentos dos falantes sobre os dados, buscando, ao mesmo tempo, apresentar as melhores descrições dos fenômenos, Lucia frequentemente consultava seus filhos, colegas e alunos sobre suas percepções sobre os fenômenos que estava investigando. Devido a isso, em muitos artigos, há agradecimentos a todos que ela consultava durante a elaboração de seus argumentos.

Outra característica do fazer científico de Lobato, era sua capacidade de diálogo com outras áreas da linguística brasileira, além da teoria gerativa. Em seu último trabalho, cujo texto já estava pronto para ser apresentado em um Congresso da Anpoll, a realizar-se em novembro de 2005, esse diálogo fica bem evidente. Em seu artigo intitulado *Sobre a questão da influência ameríndia na formação do Português do Brasil*, publicado em 2006, a pesquisadora estava defendendo sua hipótese sobre a formação da gramática do português do Brasil. Para ela, “a gramática do português do Brasil resultou da situação de contato linguístico do período colonial, quando o português foi adquirido por grande parte da população

adulta do país como segunda língua, e isso teria levado ao uso de traços extensionais para a derivação sintática” (p. 37).⁴³ Para desenvolver sua análise, Lobato discute contribuições de autores funcionalistas como Aryon Rodrigues (1996), afirmando que “a leitura desse excelente estudo é essencial para uma compreensão dos fatos relativos a essas línguas”, e Marta Scherre e Anthony Naro (2003), além das contribuições de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2000 e 2003), entre outros.

Levando a hipótese da Faculdade da Linguagem às últimas consequências na análise, a autora defende a importância de se levar a perspectiva inatista para a análise:

Quero ressaltar aqui a importância do fator interno nesse processo de mudança, causado pela aprendizagem como segunda língua em idade adulta. A apresentação de um fator interno é o que falta às demais abordagens que têm sido feitas da questão. O ponto crucial da explicação, como a vejo, é que, para a população adulta aloglota, a aprendizagem da língua não se faz, como já dito, a partir da aprendizagem de palavras e em seguida de frases. Ao contrário, a aprendizagem se faz a partir de frases. Um fato importante que procurei demonstrar é a relevância da informação lexical para a derivação sintática, no português europeu.

Deixando os dados falarem por si, Lobato busca evidenciar sua proposta por meio da análise dos seguintes exemplos:

Um fato importante que procurei demonstrar é a relevância da informação lexical para a derivação sintática, no português europeu. O dado ilustrado foi o da projeção de sujeito e objeto na estrutura oracional. Outro dado é o da importância da estrutura lexical para a colocação dos pronomes. Martins (1992) aponta que o

43 A explicação de Lobato para o que em sua nota de rodapé número 8: “Estou usando a distinção entre extensão e intensão, comum em semântica: a extensão diz respeito à aplicação do item e a intensão, a seu sentido. Como as categorias gramaticais, na sua definição nocional, dizem respeito à aplicação dos itens (por exemplo, nomes se referem a entidades, verbos a eventos), estou considerando que são de tipo extensional. Por sua vez, tomo os traços temáticos como intensionais porque estão intimamente ligados à própria definição conceitual dos predicados (por exemplo, comer é ação de mastigação e deglutição de agente sobre tema). (Lobato 2006, p.41)

sujeito que é relevante para forçar a ênclise no português europeu contemporâneo não é do tipo quantificacional. Ela ilustra essa afirmação com o seguinte par:

(16) a. Muitos amigos meus queixaram-se às autoridades.

b. Muitos amigos meus se queixaram às autoridades.

Essas duas sentenças, ambas gramaticais, têm interpretação semântica diferente. (16a) “é verdadeira se um grande número de pessoas que são meus amigos se queixaram às autoridades.” Mas (16b) “é verdadeira somente se uma grande proporção dos meus amigos se queixou às autoridades. O número de amigos que eu tenho é irrelevante para avaliar a verdade de (16a), mas indispensável para avaliar a verdade de (16b). Só (16b) tem a leitura proporcional característica dos quantificadores.

(16') a. Muitos amigos meus queixaram-se às autoridades. PE = um grande número de pessoas que são meus amigos se queixaram (Leitura Referencial)

b. Muitos amigos meus se queixaram às autoridades. PE = uma grande proporção dos meus amigos se queixou (Leitura Quantificacional)

A evidência é que, como ilustrado em (17), uma relativa não restritiva pode qualificar o sujeito na oração com ênclise, mas não na oração com próclise. Isso se deve ao fato de as relativas não restritivas exigirem um antecedente referencial:

(17) a. Muitos amigos meus, que são antropólogos, queixaram-se às autoridades.

b. *Muitos amigos meus, que são antropólogos, se queixaram às autoridades.

Dado o caráter lexical das condições para a colocação pronominal no português europeu, e pressupondo que havia influência lexical também na colocação pronominal no português clássico, não havia, para a população de adultos aloglotas do Brasil Colônia, como adquirir informação sobre colocação pronominal.

Essa proposta de Lobato traz para o debate uma abordagem totalmente original para a questão e ainda merece estudos adicionais. Para os objetivos dessa homenagem, a proposta ilustra um pouco das qualidades científicas da pesquisadora e de seu modo de fazer ciência.

No processo de orientação, Lobato buscava acompanhar de

perto do progresso de seus estudantes, nos ensinava a estudar continuamente, a pesquisar com rigor, a exercitar continuamente nosso pensamento crítico e a conviver intelectualmente. Como não poderiadeixar deser,eraumaorientadorapresenteeintelectualmente exigente. Fazia calendários, cronogramas, organizava seminários com especialistas nos temas em investigação, nos auxiliava na busca de referências e, principalmente, sempre nos instigava a enxergar, além da superfície dos dados, usando a lupa da teoria, de forma profunda e ao mesmo tempo crítica. Lucia nos orientava a participar de aulas, cursos e seminários em diversas as áreas da linguística, nos incentivava a ouvir novas ideias e propostas e dizia sempre que, “antes de sermos gerativistas, éramos linguistas”, e por isso devíamos nos ter olhos e ouvidos atentos para outras análises e propostas, sempre sob uma perspectiva crítica.

Como sua aluna por cinco anos, dois anos no mestrado e três anos no doutorado, pude aprender muito com essa mestra genial e exemplar. Mais do que com palavras, um grande mestre nos ensina com sua postura e com suas ações cotidianas. Lobato me ensinou muito sobre a Teoria Gerativa e sobre seus valores como intelectual, cientista, pesquisadora. Os valores e princípios externalizados por Lobato em suas publicações e na entrevista acima eram colocados em prática no cotidiano da sala de aula e na orientação de seus estudantes. Era comum em suas aulas a construção de uma argumentação a favor da Faculdade da Linguagem, a investigação e o debate sobre os dados e a discussão sistemática das publicações mais recentes, em todas as linhas de pesquisa da Teoria Gerativa.

Vanguarda na pesquisa, independência intelectual, ética, respeito aos trabalhos prévios, rigor no tratamento dos dados, excelência na produção acadêmica e preocupação com a formação de novos pesquisadores e professores. Essas qualidades sintetizam o percurso de Lucia Lobato na linguística brasileira. Em 2005, Lobato partiu precocemente. Sua morte foi uma perda inestimável para

seus filhos, Leandro e Tiago, familiares, alunos e amigos. Deixou também uma lacuna significativa na linguística brasileira, que tinha em Lobato uma de suas principais líderes e referências.

Apesar de ter um percurso acadêmico produtivo e extremamente relevante, influenciando gerações, a sensação que fica é a de que Lucia tinha ainda muito a ensinar e muito por fazer. Como uma forma de preservar sua memória, foi criada na Editora Universidade de Brasília, a coleção Lucia Lobato, que reúne algumas obras inéditas ou dispersas da autora, além de outras publicações relacionadas aos seus temas de pesquisa.

Enfim, posso afirmar que foi uma experiência única, inesquecível e muito formativa ter tido a oportunidade de conviver com Lobato nesses cinco anos. Minha admiração pela mulher e profissional que ela foi se mantêm, juntamente com as saudades da minha eterna mestra. Essa singela homenagem busca destacar as contribuições de Lucia Lobato para a área e seu modo de fazer linguística, a fim de manter viva a sua memória e seu legado. Registro também meus sinceros agradecimentos pela oportunidade de aprender com essa grande mulher, e convido os colegas a lerem as publicações dessa pesquisadora brasileira, rigorosa, independente, que até hoje tem muito a nos ensinar.

Agradeço à Professora Heloisa Lima-Salles pela leitura de uma versão prévia desse capítulo e também pela sua amizade, generosidade e apoio, como professora da Universidade de Brasília, para a conclusão de meu doutorado, justamente após a partida de nossa querida mestra.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *Compreensão de Leitura: da palavra ao texto*. In: *Palavra: forma e sentido*. GUIMARÃES, E; MOLLICA, C. (org). Campinas/SP: Mercado

de Letras, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. *et al.* 2003/2005. Lucia Maria Pinheiro Lobato, In OLIVEIRA JR., M. (Org.) **50 anos de Abralín: memórias e perspectivas**. Pontes editores, 2015

LOBATO, L. M. P. (Org.) **A Semântica na Linguística Moderna: O Léxico**. RIO DE JANEIRO: FRANCISCO ALVES, 1977.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação**. BELO HORIZONTE: VIGILIA, 1986.

LOBATO, L. M. P. **Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação**. Manual do Professor. BELO HORIZONTE: VIGILIA, 1988.

LOBATO, L. M. P. A relação Caso/Concordância: evidências extraídas da análise dos adjetivos em português e inglês. In: **45ª Reunião Anual da SBPC**, 1994, Recife. Boletim da Abralín, 1943. v. 15. p. 161-17

LOBATO, L. M. P. A que se devem as diferenças sintáticas entre o português do Brasil e o português europeu? In: **Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil**, 2000, Évora. Anais do Congresso Internacional 500 anos da língua portuguesa no Brasil., 2000.

LOBATO, L. M. P. **Linguagem e Mente: Pensamentos Atuais sobre Antigos Problemas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998 (Organização, tradução, índice temático e prefácio).

LOBATO, L. M. P. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, n. 2 (129-148), out-dez. 2000.

LOBATO, L. M. P. Sobre a questão da influência ameríndia na formação do Português do Brasil. **Revista de Estudos Da Linguagem**, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 11-47, dec. 2006. ISSN 2237-2083.<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8382>>. Date accessed: 01 sep. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.14.2.11-47>.

LOBATO, L. M. P. Sobre as origens do português do Brasil. In: 53ª Reunião Anual da SBPC, 2001, Salvador. **Boletim da ABRALIN**, 2001. v. 26.

LOBATO, L. M. P. **Construção das palavras e arquitetura da Faculdade da Linguagem**. Brasília: Editora UnB, 2013.

LOBATO, L. M. P. **Linguística e Ensino de Línguas**. Brasília: Editora UnB, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. **Gragoatá**. 9 (2): p. 11-27, 2000.

RODRIGUES, Aryon D. (1986). **Línguas Brasileiras**. São Paulo, Loyola.

SCHERRE, M. Marta P.; NARO, Anthony J. **Sobre as origens estruturais do português brasileiro: o garimpo continua**. Brasília, 2003. Manuscrito de palestra feita na UnB.

Miriam Lemle – A voz feminina no Gerativismo do Brasil

Isabella Lopes Pederneira

Miriam Lemle nasceu Miriam Milla. Foi, orgulhosamente, filha de pai romano que sabia latim como ninguém, segundo ela, e mãe napolitana, judia convertida, que adorava praia e adaptou-se, portanto, facilmente ao Rio de Janeiro. Seu pai foi advogado em Roma, mas proibido de exercer sua profissão e, tendo perdido seu diploma por ser judeu, teve que inventar outro modo de viver, quando chegou ao Brasil, e tornou-se vendedor de seguros. Neste contexto, Miriam veio com seus pais, com pouco menos de dois anos de idade, em um navio que partira da Europa para o Brasil, já que a Itália era um dos lugares hostis para judeus viverem no período da Segunda Guerra Mundial. Quando chegou ao Brasil, ganhou uma irmã, Paula, por quem cultivou carinho, saudade e preocupação, já que sua irmã foi, por volta dos vinte anos de idade, para os EUA e lá vive até hoje. Miriam referia-se à sua família com carinho e segurança. Essa família italiana que virou brasileira e não quis mais voltar à Itália, mesmo depois que já era possível esse retorno. Miriam tornou-se uma brasileira naturalizada bilíngue, já que este foi dos poucos resquícios que os pais fizeram questão de perpetuar da Itália – a língua.



Figura 1: A pequena Miriam Milla ao chegar ao Brasil
Fonte: Arquivo Familiar

A família foi uma construção forte para a Miriam, tanto que, mesmo que ela tivesse objetivos bem estabelecidos para sua carreira profissional, teve que estabelecer limites que a permitissem construir sua própria família. Casou-se com um descendente de judeus alemães, de onde vem o Lemle em seu nome. Se havia uma coisa que ela não gostava tanto de sua família era a sonoridade de Miriam Milla, nome de sua família italiana. Por isso a conhecemos como Miriam Lemle. Com Alfred, ou Alfredo, como ela o chamava, médico e professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, teve dois filhos dos quais teve muito orgulho: o Bruno e a Marina. Cada um de seus filhos teve dois filhos também. O Bruno, dois meninos, e a Marina, duas meninas. Uma família inteiramente binária, como nas árvores sintáticas gerativistas que estavam sempre com ela, mesmo num nécessaire misturado a pertences como batons, base e chaves.



Figura 2: Miriam Lemle – mãe
Fonte: Arquivo Familiar

Vale ressaltar a importância ambígua de sua avó paterna, com quem mais treinou seu francês, já que esta avó, que era professora de francês em Roma, também teve que deixar sua vida para trás, porque era judia. Seu interesse por aprender idiomas diferentes

com tão pouca idade era incomum, mas já indicava uma de suas características: a curiosidade por conhecer coisas novas. Além de português brasileiro, italiano e francês que ela aprendeu em casa ou nos ambientes comuns com os brasileiros, entrou em curso de inglês ainda bem novinha. Depois, ainda aprendeu um pouquinho de espanhol, hebraico e alemão, este último idioma, com sua sogra. Ela lembrava de um fato curioso – uma conversa de seus pais com a professora do colégio, em que eles avisavam à professora que ela teria dificuldades com a língua portuguesa no início, porque ela não tinha muito experiência com a língua. E lembrava, com muito entusiasmo, que, no decorrer do dia em que ouvia a fala de seus novos amigos com a professora e pensou: “estou entendendo tudo”. Tudo era uma maneira para justificar preceitos gerativistas.

Poucos sabem, mas, após sua formatura em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Miriam foi professora da Educação Básica. Nesta fase, que durou aproximadamente dois anos, percebeu que não seria satisfatória sua atuação nesta etapa de ensino e sentiu necessidade de voltar a estudar, quando soube identificar os seus desejos e demandas, que, obviamente, estavam na Linguística. Ela dizia que sentia como se mentisse para os alunos, quando ela tinha que dizer aquilo que os livros didáticos indicavam. Foi neste momento que procurou o Professor Mattoso Camara Jr no Museu Nacional. Ela contava esta fase de vida compartilhada com a Professora Ione Leite com muito carinho e como tendo tido centralidade em sua formação. Foi lá, em uma sala do Museu, através de um estagiário que retornava para os Estados Unidos, que encontrou as pistas para seu caminho, quando viu pela primeira vez “*Syntactic Structure*”, “um livrinho azul, fininho, mas que eu percebi que era algo grandioso”. Ela lembrava claramente do som que o livro fez, quando o estagiário o jogou displicentemente sobre a mesa dela. Optou pela pesquisa, pela pesquisa em Gramática Gerativa, optou por acompanhar as mudanças que ocorreram, fase

a fase no gerativismo. Optou também por ser mãe sem deixar de ser mulher acadêmica em uma estrutura social patriarcal. Somente deixou de seguir seu primeiro desejo – ser química, porque, segundo pessoas próximas à família, não era carreira de mulher, pois era perigoso. Ela ficava feliz em ver aquelas estruturas que a atraíram para a química nas árvores sintáticas de palavras, sintagmas e sentenças gerativistas.

A professora e pesquisadora Miriam Lemle iniciou seus estudos em uma escola pública no Rio de Janeiro, mas sua família foi alertada de que, ao contrário da Europa, as escolas públicas no Brasil não eram satisfatórias, infelizmente, então ela foi transferida para um colégio bilíngue português-francês. Graduou-se em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro no fim dos anos 1950 e, em 1962, começou sua trajetória na Linguística como estagiária no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda nos anos 1960, tornou-se Mestre em Linguística pela Universidade da Pensilvânia (EUA), e doutora, também em Linguística, pela UFRJ. A demora na titulação refletia o consenso da época de que o Doutorado não era a condição indispensável para o início de uma carreira acadêmica, mas uma forma de reconhecimento da maturidade acadêmica. Outro motivo era a conciliação entre carreira e família. Ela havia colocado uma idade máxima para sua filha Marina, que era de 10 anos, para que ela pedisse regime de Dedicção Exclusiva à Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Figura 3: Miriam na escola
Fonte: Arquivo Familiar

Miriam Lemle participou da criação da primeira Pós-Graduação em Linguística do país, inicialmente localizada no Museu Nacional e, posteriormente, transferida para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com mestrado e doutorado em Teoria Linguística, em 1970. Em 1982, Miriam

transferiu-se formalmente do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional para o Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras, tendo em vista maior coerência com seus interesses nos estudos linguísticos.

Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ nos anos de 1983 e 1984, e manteve-se como vice-coordenadora até 1986. Em 1985, pleiteou e conseguiu uma bolsa do Programa Fulbright, para que pudesse cursar seu pós-doutorado no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA). Nessa época, já reconhecida no país como uma figura catalisadora da pesquisa em Gramática Gerativa, Miriam Lemle estreitaria seu contato com o Professor Noam Chomsky, idealizador dessa teoria.

Entre os anos de 1987 e 1989, foi Presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e, em 1994, tornou-se Professora Titular e, conseqüentemente, membro nato da Congregação da Faculdade de Letras.

Ministrou cursos de sintaxe na graduação e pós-graduação, bem como muitos outros cursos de extensão na Faculdade de Letras e no Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Na década de 1990, quando começava a atingir o auge de sua carreira acadêmica, organizou muitos encontros com professores renomados internacionalmente, como, por exemplo, Yosef Grodzinsky, Stephen R. Anderson, Juan Uriagereka, Massimo Piatelli-Palmarini, Michel Degraff e Noam Chomsky. Seu interesse pela Gramática Gerativa acabou a levando a explorar a Neurociência, no final da década 1990, abrindo um caminho profícuo nessa interdisciplinaridade, incentivada pela professora e pesquisadora Aniela Improta França. Em 2007, o Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ solicitou a concessão do título de Professor Emérito para a professora e pesquisadora, que se aposentou no mesmo ano, quando completou 70 anos e, naquela época, eram acompanhados da aposentadoria compulsória. A cerimônia de emergência ocorreu em meados de

2010.

Participou do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ na linha de pesquisa “Gramática na Teoria Gerativa”. Coordenou o Laboratório Clipsen (Computações Linguísticas: Psicolinguística e Neurofisiologia), que congregou uma equipe interdisciplinar de professores e alunos dos programas de pós-graduação em Linguística e em Engenharia Biomédica (LAPIS/COPPE) da UFRJ, bem como alunos de todos os níveis de formação. Com esse projeto, ganhou em 2004 e em 2006 o prêmio Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), bem como o Edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de 2003 e de 2005, tendo sido pesquisadora 1A desta agência de fomento. Com o término de suas contribuições para a Neurociência da Linguagem, Miriam retornou às suas abordagens com vieses mais teóricos, com ênfase na interface sintaxe-semântica, tendo coordenado o Laboratório de Interface Sintaxe-Semântica (LIFSS), que passou a ser coordenado pela vice-líder do projeto, a professora Isabella Pederneira. Miriam percorreu sua carreira abrindo novos caminhos para a pesquisa em linguística no Brasil. Ser sua parceira de trabalho em pesquisa foi uma tarefa honrosa e desafiadora.

Miriam Lemle publicou dezenas de artigos, orientou grandes pesquisadores e pesquisadoras espalhados pelo Brasil e publicou duas obras que ainda são importantes referências no campo da Linguística e também no da Educação: *Análise Sintática: teoria geral e descrição do Português*; e *Guia teórico do alfabetizador*.



Figura 4: Miriam em sua última viagem a Itália
Fonte própria

Considerando tamanha contribuição da professora e pesquisadora Miriam na área de linguística, é importante, mas também um desafio delimitar seus valores, mesmo porque é sempre muito difícil essa tarefa, quando estamos diante de uma pessoa tão complexa. Em geral, há quase sempre uma ambiguidade premente. Miriam não se destacava por grandes experiências de vida, sendo muito evidente um grau de ingenuidade e, até certo ponto, de pureza em seu pensamento. O que, obviamente, não condiz com suas práticas profissionais na Linguística e muitos que a conheceram neste âmbito podem até duvidar desta característica de sua personalidade.

Dito isto, pelo menos três valores destacam-se, de acordo com minhas experiências com ela. O primeiro deles é a verdade. Miriam

e eu passamos dezesseis anos trabalhando em parceria, tendo sido os últimos quatorze anos, que coincidem com os seus quatorze últimos anos de vida, caracterizados por uma grande assiduidade e amizade. Decorrente desta amizade, aprendi a encontrar algumas de minhas verdades, entender meus momentos, sem afobação. Uma das verdades que ela mais prezava era a da existência da Gramática, aquela Universal do Gerativismo. Essa relação que ela tinha com a Linguagem era o que mais a aproximava das verdades divinas. Era judia, chegou ao Brasil em consequência do Nazismo, e afirmava categoricamente que a existência de um Deus abstrato era confirmada pela realidade estrutural da linguagem. Sua paixão pelos saberes de Linguística Gerativa originava valores ambíguos em relação à sua experiência ingênua na vida mundana, tais como a coragem e prazer por desafios. Identificamos essas características ao olharmos seu percurso acadêmico, de uma mulher que abriu caminhos de pesquisa inovadores, foi livre no pensamento e buscou corajosamente por sua formação e espaço. Sempre muito comedida e discreta em suas colocações, mas nunca deixando a firmeza de lado, quando necessário. As emoções só eram mal digeridas em situações muito específicas.

Miriam Lemle e Linguística Gerativa praticamente se confundem no Brasil. No entanto, aventurou-se na Linguística Experimental, embora seu grande empenho tenha sido em teoria da Gramática Gerativa, com ênfase na Interface entre sintaxe e semântica e um “desvio” à morfologia, quando esta disciplina passou a integrar a sintaxe. Foi em uma conversa com Chomsky, na praia da Barra da Tijuca, enquanto a ex-esposa de Chomsky tomava banho de mar, que ouviu falar em Alec Marantz e logo correu para estudar e saber mais sobre Morfologia Distribuída. E agora temos este modelo sendo estudado por todo o Brasil. De vez em quando chegava alguma coisa no meu e-mail com o “assunto”: “para a gente estudar no seminário”. Foi assim que surgiu a Exoesqueletal

na minha Tese, foi assim que fui parar em Londres para estudar com a Hagit Borer, foi assim que a Hagit veio parar na ABRALIN para fornecer um curso e, logo em seguida, na UFRJ. Tinha um faro indescritível e um desejo pelo saber genuíno. Sua vida e a Linguística se confundiam. O único momento em que ela preferia estar desligada daquilo que mais importava era a hora da novela das 21 horas. Mas também, dependendo do motivo e da pessoa, ela estava lá.

Miriam foi muito inspiradora, e as inspirações que seus orientandos, lugar de onde falo, podem citar são muitas, dentre as quais a verdade e a coerência. Com ela, aos poucos, vamos nos encontrando e nos organizando diante da Linguística Gerativa da forma mais sincera possível. Sabendo dos desafios e limites e optando pelas aventuras. Miriam surfava e “pegava jacaré” nas praias da zona sul do Rio de Janeiro, jogou tênis, vôlei e ninguém ganhava dela no tênis de mesa. Miriam andava de moto até sofrer um acidente. Ela gostava de desafios, não foi uma mulher convencional de quem nasceu na década de 1930. Forte, decidida e decisiva. Foi assim em seus pouco mais de 82 anos por aqui com a gente. Sua finitude terrestre terminou em 12 de fevereiro de 2020, depois de muita luta, após uma cirurgia para retirada de um tumor intestinal. Não soube sequer que ela havia retirado um tumor maligno no intestino. Não viu a COVID-19 chegar e nos deixar isolados e atônitos. Ela não teria gostado disso, de ficar longe da Linguística e da UFRJ por tanto tempo. Ela se foi em sua plenitude, assim como ela desejava. Não nos preparou muito bem para isso, no entanto. Ainda era uma senhora que ia do Leblon à Ilha do Fundão dirigindo, que subia três lances de escada sem perder o fôlego, sempre pensando no futuro e novos trabalhos. Nossos últimos contatos por e-mail eram nesse sentido. Só me pediu para segurar as pontas enquanto se recuperaria da cirurgia que ocorreu em 27 de janeiro de 2020. Sua presença forte custa a morrer. Nunca se vai. E seu legado, certamente, permanecerá

entre nós.



Figura 5: Miriam Lemle na luta pela Educação, em manifestação em 2019 no Rio de Janeiro
Fonte própria

Miriam deixou um futuro promissor nas mãos de seus ex-orientandos pelo Brasil, sobretudo na UFRJ. O gerativismo foi uma das suas grandes questões de sua vida e deixou essa tarefa com seus sucessores. Ela dizia que estamos prontos para começarmos a levar a teoria para a Educação Básica e era nesse ponto em que estávamos – no projeto de extensão “Gramática Gerativa na Educação Básica”, projeto que dou continuidade com muito orgulho, que foi pensado por nós duas, e que ganhou algumas contribuições, para que ele tivesse continuidade. Dou também continuidade a nossos projetos acadêmicos e artigos científicos em andamento. Até seus últimos dias, interessava-se por e produzia em Linguística Gerativa. Tudo continua na sala 308 do terceiro andar do corredor H da Faculdade de Letras da UFRJ. Aos poucos, vou juntando seus papéis, vou tentando, com outras alianças, dar permanência aos seus pensamentos que eram divididos comigo. Não ouço mais seus passos fortes chegando perto da porta da nossa sala, mas permaneço

com ela a meu lado, ouvindo a sua voz. Ela acreditava que a prova de Deus era a Gramática e que no Cosmos vivemos para sempre. “Vai que...”.



Figura 6: Miriam comemorando seu aniversário na H-308 – FL/UFRJ
Fonte Própria

Referências

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1957.

LEMLE, M. *Análise Sintática: teoria geral e descrição do Português*. São Paulo:

Ática, 1984.

LEMLE, M. **Guia teórico do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2007 (17ª edição).

Sobre as/os autoras/es

Daniel da Silva Carvalho

Com doutorado em Linguística (2008) pela Universidade Federal de Alagoas, é professor associado de Linguística da Universidade Federal da Bahia em exercício na Universidade Federal de Alagoas. Foi pesquisador visitante na Queen Mary, University of London (2014-2015) e no Instituto de Investigaciones Filosóficas da Sociedad Argentina de Análisis Filosófico (2021-2022). Possui experiência conduzindo pesquisas sobre os seguintes temas: morfossintaxe das línguas naturais, estudos sobre gênero, sexualidade e língua e sociolinguística cuir, alguns dos quais são financiados por bolsa de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Alguns dos trabalhos que desenvolve e orienta incluem a estrutura interna de pronomes em português, traços phi e seu papel na morfossintaxe das línguas e identidades de gênero e sexualidade em comunidades LGBTQIA+. Diversas publicações resultaram desses trabalhos supervisionados e de pesquisas pessoais e coletivas. Procura adotar perspectivas críticas sobre os temas que pesquisa, a fim de perceber o que entendemos como língua a partir de formas plurais de existência/resistência.

Raquel Ko. Freitag

Professora do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Graduada em Letras, mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, estudo o processamento da variação linguística, observando pistas corporificadas de esforço, atenção e emoções. Atuo em estudos de reprodutibilidade em psicologia experimental, em iniciativas de grandes grupos, e estou participando da constituição da Rede Brasileira de Reprodutibilidade na Ciência. Também desenvolvo atividades de popularização da ciência e estímulo à pesquisa na educação básica, com o projeto Cienart e com a organização da Feira Científica de Sergipe durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Participo do Observatório dos Preconceitos na escola. Coordeno o Laboratório Multiusuário de Informática e Documentação Linguística (LAMID) da Universidade Federal de Sergipe. Fui vice-presidente da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) no biênio 2019-2021, gestão que implantou a série Abralín ao Vivo e o evento online Linguistweets. Fui secretária da Associação Sergipana de Ciência ASCi, biênio 2016-2018. Sou Pesquisadora Associada da Rede Nacional de Ciência para Educação (CpE) e editora-chefe da Revista da ABRALIN. Atualmente, sou vice-presidente da associação do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste. Por uma sociolinguística socialmente sensível, alinhada ao movimento Ciência Aberta: <https://rkofreitag.github.io>

Beth Brait

Elisabeth Brait (Assinatura Beth Brait) é crítica, ensaísta, professor associado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando nos Programas de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem/LAEL e Literatura e Crítica Literária/LCL, aposentada da Universidade de São Paulo. Fez Graduação em Letras, Doutorado e Livre-Docência em Linguística na USP; pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - Paris/França. É pesquisadora nível 1A do CNPq; Assessora da CAPES, do CNPq e FAPESP; líder do GP/CNPq/PUC-SP Linguagem, Identidade e Memória; membro do GT/ANPOLL Estudos Bakhtinianos; criadora e editora do periódico Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso (QUALIS A1/SciELO/Scopus/Web of Science). Dentre as atividades acadêmico-administrativas relevantes destacam-se: Chefe do Departamento de Linguística/DL/FFLCH/USP (1994-1997); Coordenadora do PEPG em LAEL-PUC-SP (2001-2009); Presidente da ANPOLL (2004-2006); Membro do Comitê Assessor do CNPq/Área de Letras e Linguística (2010-2013); Membro do Comitê Consultivo SciELO, representante da Área de Letra, Linguística e Artes (2013-2016), Moderadora/SciELO de preprints, responsável pela área de Linguística (2020...). Foi professora visitante na Université de Provence - IUFM-ADEF, UP-IUFM-INRP/França (2005) e, também, na Universidade Federal da Bahia/UFBA/Brasil (2000/2001). Foi crítica militante de literatura no Jornal da Tarde e outros periódicos paulistas. Dentre as atividades editoriais destacam-se: a participação em vários conselhos e comissões editoriais de periódicos científicos, coordenação de coleções na Atual Editora, Escolas Associadas Pueri Domus e, atualmente, com o Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves/UFPR, Diretora da coleção LICORES (Linguagem, Corpo, Estética)/HUCITEC. É autora de várias obras, dentre elas A personagem (edição revista e ampliada/2017), Ironia em perspectiva polifônica, Literatura e outras linguagens, organizadora de várias coletâneas sobre Bakhtin e o Círculo, além de artigos e capítulos de livros. Atua nas áreas de Teoria e análise do texto e do discurso, Estudos bakhtinianos, Análise dialógica do discurso, leitura e análise da verbo-visualidade e estudos literários. Google Scholar (Artigos, livros autorais, coletâneas organizadas, capítulos de livros -325) <https://scholar.google.com.br/citations?user=TeQGLXcAAAAJ&hl=pt-BR>
Citations: 10.616; h-index: 40; iio-index: 83.
Academia.edu: 6.220 mentions.

Célia Marques Telles

Graduada em Letras Neolatinas pela Universidade Federal da Bahia (1965), Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1971), Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1982) e Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (1988). DE dezembro de 1970 a setembro de 2012, Professor de Filologia Românica e de Crítica textual na Universidade Federal da Bahia.

Em setembro de 2012 aposentou-se como Professor Titular de Filologia Românica da Universidade Federal da Bahia (Concurso Público realizado em 1999). Desde setembro de 2012 desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, dentro do PROPAP. Em 2013, por votação dos pares, recebeu, do CIFEFIL, a Medalha Serafim da Silva Neto. Tem experiência na área de Linguística Histórica, com ênfase em Linguística Românica e Filologia Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: manuscritos (edição de manuscritos seiscentistas), resgate da memória textual (edições semidiplomática e diplomático-interpretativa de manuscritos do Brasil Colônia), crítica textual moderna (estudo e edição da obra do poeta baiano Arthur Salles), literatura de viagens (séc. XVI) e análise de fatos linguísticos românicos ? em especial: as relações grafemático-fonéticas em textos da fase arcaica do português e do português escrito no Brasil Colônia, a dêixis pessoal em textos exortatórios e em diários de viagem. Eleita duas vezes vice-Coordenadora do GT de Estudos Medievais, biênios 2012-2014, 2014-2016 e 2018-2020; biênio 2016-2018 foi coordenadora do GT de Estudos Medievais. Foi eleita membro do Conselho da Societé de Linguistique Romane, sediada na França, por um período de seis anos (2013-2019). Foi por três vezes coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia (1992-1994, 1995-1997, 2007-2009) e coordenou o Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura no biênio 2009-2011. Por três períodos sucessivos, até 2010, foi Coordenador Adjunto da área de Letras e Linguística da CAPES. Tem bolsa de produtividade em Pesquisa desde 1997, estando atualmente no nível 1D. Recebeu o título de Sócio de Honra da Asociación de Lingüística y Filología de América Latina, em julho de 2017. Em 17 de junho de 2021, foi-lhe outorgado pela UFBA, o título de Professor Emérito.

Jacyra Mota

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1961), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1980) e doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Professora concursada com a tese Vogais antes de acento em Ribeirópolis, Sergipe (UFBA, 1980). Co-autora do Livro das Aves (1965); do Atlas Linguístico de Sergipe (1987); do Atlas Linguístico do Brasil (2014), entre outros. Professora Associada II da Universidade Federal da Bahia. Credenciada como Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) através do Programa Especial de Participação de Professores Aposentados (PROPAP). Sócia Fundadora da ALFAL, hoje Sócia de Honor. Sócia fundadora da ABRALIN, associação da qual participou da Direção, como Secretária, em dois períodos (1973-1975; 1993-1995). Participa da Comissão Editorial de diversas Revistas. Como pesquisadora e bolsista do CNPq, atua, principalmente, nas subáreas: Sociolinguística e Dialectologia, participando dos projetos: Atlas Linguístico do Brasil

(membro do Comitê Nacional que o coordena, com a função de Diretora - Executiva, de 1996 a 2018 e, como Presidente, desde setembro de 2018; Coordenadora da Equipe-Bahia), NURC (integrante do grupo que o implantou em 1970, com trabalhos na área da morfossintaxe e da fonética-fonologia). Coordenou o Projeto de intercâmbio entre a Universidade Federal da Bahia e a Université Paris XIII (Projeto CAPES - COFECUB 651/09), no período 2009-2013. Recebeu o Título de Professor Emérito, outorgado pela UFBA, em 17 de junho de 2021. Concorreu ao Prêmio CONFAP, em 2021, como Pesquisador Destaque, na área de Ciências Humanas, tendo obtido o 1º lugar, na Bahia, e o 3º, no Brasil.

Leda Bisol

Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, (1954), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, (1972) e doutorado em Linguística pela UFRJ (1981). Fez estágios no exterior em nível de doutorado na University of Edimburgo, Escócia (1979) e pós-doutorado em Stanford University, Califórnia (1989). Professora aposentada da UFRGS; foi professora do pós-Graduação da PUCRS e, atualmente, professora colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora nível 1A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Fonologia, área em que vem desenvolvendo suas pesquisas.

Maria do Socorro Silva de Aragão

Possui Graduação em Letras Anglo Germânicas pela Universidade Regional do Nordeste (1969), Mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1973) e Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1974). Pós-Doutorado na Université de Paris Sorbonne Nouvelle (1976-1977). Pós-Doutorado na Universidad Complutense de Madrid (1976/1978). Pós-Doutorado na Central Connecticut State University - USA (1989/1990). Atualmente é Professor Visitante Titular da Universidade Federal do Ceará e Professor Voluntário Titular da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência nas áreas de Linguística e Literatura, com ênfase em Sociolinguística, Dialetoлогия e Geolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Dialetoлогия, Atlas Linguísticos, Falares Regionais, Fonética e Fonologia, Língua Portuguesa e Literatura Regional. Membro da Academia Paraibana de Letras e Artes; Membro da Academia Feminina de Letras da Paraíba; Membro da Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras - Litorânea. Membro da União Brasileira de Escritores - Paraíba.

Januacele Francisca da Costa

Possui Graduação em Letras pela Universidade de Pernambuco/UPE (1982), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (1994), doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE (1999) e Pós-Doutorado

em Linguística pela Universidade Livre de Amsterdam/VU (2004). Atualmente, é aposentada como professora Associada I da Universidade Federal de Alagoas, professora orientadora de Mestrado e Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras/UFAL. Tem experiência na área de Linguística, atuando na linha de pesquisa Teoria e Análise Linguística, onde trabalha com descrição de língua indígena, em todos os níveis de análise da estrutura linguística, com ênfase em Fonologia. Tem, ainda, interesse por Linguística Histórica (reconstrução), Variação Linguística e Bilinguismo.

Núbia Rabelo Bakker Faria

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Brasília (1983), mestrado e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (1997/2001). Atualmente é professora Titular aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, prestando serviço voluntário como professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Fale/Ufal. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: teorias linguísticas e estudos saussurianos. De novembro de 2010 a dezembro de 2016, exerceu a função de Tutora do PET-Letras da Ufal.

Jair Gomes de Farias

Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (2001), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2003) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2005). Atualmente é Pesquisador da Universidade Federal de Alagoas, Professor Adjunto 2 da Universidade Federal de Alagoas, Membro de corpo editorial da EntreLetras, Consultoria do Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Revisor de periódico da Revista Areia e Colaborador da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística. Atuando principalmente nos seguintes temas: Teoria da Gramática, Sintaxe Comparativa, Sintaxe, Preposição.

Eloisa Pilati

Licenciada e Bacharel em Letras-Português (1998), realizou mestrado e doutorado em Linguística na Universidade de Brasília (2000-2006) e pós-doutorado no Massachusetts Institute of Technology - MIT (2015) e foi professora visitante na Universidade Nova de Lisboa (2020), pelo Programa Capes Print (88887.511576/2020-0). É professora adjunta da Universidade de Brasília, no Departamento de Linguística Português e Línguas Clássicas (LIP), atuando na graduação e na pós-graduação. Foi coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras-Português, noturno, (2014), do Projeto Prodocência/Letras CAPES (2013), Pibid/Letras (2018-2020), Coordenadora de Integração das Licenciaturas da UnB (2019-2020). Atualmente, é Diretora de Planejamento de Acompanhamento

das Licenciaturas (DEG/UnB) e lidera os Grupos de Pesquisa: “O Centro-Oeste na história do Português Brasileiro/CNPq” e “Novas perspectivas para a língua portuguesa na sala de aula/CNPq”. Desenvolve pesquisas em duas áreas principais: linguística teórica e educação. No campo teórico, investiga modelos sintáticos relacionados a ordem de palavras, ordem verbo-sujeito, sujeitos nulos e fenômenos de concordância nas línguas naturais. Na área educacional, investiga temas relacionados processos de aprendizagem, com ênfase em métodos de ensino inovadores baseados nas ciências cognitivas e nas neurociências, e o uso de materiais manipuláveis/concretos no ensino de Língua Portuguesa. Faz parte do Comitê Científico da Revista da Associação Brasileira de Linguística, é pesquisadora produtividade PQ, nível 2, do CNPq, e Pesquisadora Associada da Rede Nacional de Ciência para Educação (CPE).

Isabella Lopes Pederneira

Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas - Setor Língua Portuguesa da UFRJ e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFRJ. Em 2019, fui contemplada pelo edital FAPERJ ARC-2019 para professores recém-contratados, como projeto de pesquisa vinculado ao CNPq, intitulado “Correspondências interlinguísticas em polissemia de verbos cognatos em línguas românicas”. Sou Pós-doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob supervisão da Professora Miriam Lemle. Concluí o doutorado em Linguística pelo PPGLing da UFRJ, com bolsa CNPq, sob orientação da Professora Doutora Titular Emérita Miriam Lemle, tendo pesquisado a interface sintaxe-semântica a partir da análise de verbos polissêmicos no português brasileiro. Sou Mestre em Linguística pelo PPGLing/UFRJ com a dissertação “Etimologia e Reanálise de Palavras”. No mestrado, fui contemplada com a bolsa nota 10 da FAPERJ. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria Linguística, e produção intelectual direcionada principalmente para os seguintes temas: Sintaxe, Interface sintaxe-Semântica, Morfologia, Formação de palavras novas, Estrutura argumental, Padrões sintáticos e Mudança Diacrônica. Atuei, ainda, como estudante/pesquisador visitante em Queen Mary University of London com bolsa CAPES, sob orientação da pesquisadora Hagit Borer. Coordeno duas ações de extensão vinculadas à UFRJ, um Projeto, intitulado “Gramática Gerativa na Educação Básica: divulgando os saberes da Universidade” e um curso, intitulado “Sintaxe até embaixo”. Sou membro da Comissão de Morfologia da ABRALIN e do GT-TG da ANPOLL. Coordeno o Laboratório de Interface Sintaxe-Semântica (LabSin).

EDITORES

Gabriel de Ávila Othero (UFRGS)
Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

CONSELHO EDITORIAL

Adeilson P. Sedrins (UFRPE/UAG)
Adelia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)
Ana Paula Scher (USP)
Aniela Improta França (UFRJ)
Atilio Butturri Junior (UFSC)
Carlos Alberto Faraco (UFPR)
Carlos Piovezani (UFSCar)
Carmem Luci Costa e Silva (UFRGS)
Cassiano R. Haag (MPSC)
Cátia de Azevedo Fronza (Unisinos)
Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)
Claudia Toldo Oudeste (UPF)
Dermeval da Hora (UFPB)
Eduardo Kenedy (UFF)
Edwiges Maria Morato (Unicamp)
Eliane Silveira (UFU)
Elisa Battisti (UFRGS)
Esmeralda Negrão (USP)
Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)
Heronides Moura (UFSC)
Ingrid Finger (UFRGS)
Jairo Nunes (USP)
Janaína Weissheimer (UFRN)
João Paulo Cyrino (UFBA)
Juciane Cavalheiro (UEA)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC)
Luiz Francisco Dias (UFMG)
Mailce Mota (UFSC)
Marcelo Ferreira (USP)
Marcos Lopes (USP)
Marcus Lunguinho (UnB)
Maria Eugenia Duarte (UFRJ)
Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Pablo Ribeiro (UFSM)
Plínio Barbosa (Unicamp)

Rafael Minussi (Unifesp)
Renato Basso (UFSCAR)
Ronice Muller de Quadros (UFSC)
Ruth Lopes (Unicamp)
Simone Guesser (UFRR)
Simone Sarmiento (UFRGS)
Sirio Possenti (Unicamp)
Sonia Cyrino (Unicamp)
Tânia Maris de Azevedo (UCS)
Ubiratã K. Alves (UFRGS)
Vitor Nóbrega (UFSC)
Viviane de Melo Resende (UnB)

OBRAS JÁ PUBLICADAS

COLEÇÃO ALTOS ESTUDOS EM LINGUÍSTICA

A aventura de Saussure

Eliane Silveira

“Ai, se seu te pego...”: aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

Aquisição atípica da linguagem: modelos linguísticos e prática clínica

Cristiane Lazzarotto-Volcão, Marian Oliveira e Maria João Freitas

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente

Rodriana Dias Coelho Costa, Kléber Aparecido da Silva e Edinei Carvalho dos Santos

Formas de tratamento e “cordialidade”: mudança linguística e conceptualizações culturais

Geisa Mara Batista

Gramaticalização e gramática gerativa

Lorenzo Teixeira Vitral

Linguagem, cognição e ensino: reflexão sobre a linguagem em crianças com e sem diagnósticos

Thalita Cristina Souza Cruz e Fernanda Moraes D'Oliveira

Manual de Prosódia Experimental

Plínio A. Barbosa

Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura

Nancy Mendes Torres Vieira

O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?

Stefania Montes Henriques

Uma abordagem da cena genérica como embreante paratópico: em pauta as cartas privadas de Mário, Drummond, Freud, Sêneca e John Wesley

Manuel Veronez

COLEÇÃO LINGUÍSTICA EM AÇÃO

Introdução à estatística para linguistas

Livia Oushiro

Investigando os sons de línguas não nativas: uma introdução

Felipe Flores Kupske, Ubiratã Kickhöfel Alves e Ronaldo Manguiera Lima Jr.

Linguística no feminino. Vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil

Daniel Carvalho e Raquel Freitag

Manual de Morfologia Distribuída

Ana Paula Scher, Indaiá de Santana Bassani e Paula Roberta Gabbai Armelin

ORGANIZAÇÃO

Daniel Carvalho

Raquel Freitag

REVISÃO

Ícaro de Carvalho Bismarck Lopes

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Ad&a Studio

FICHA CATALOGRÁFICA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Linguística no feminino [livro eletrônico] : vozes femininas que fizeram a linguística no Brasil / orgs. Dannel Carvalho, Raquel Freitag. -- 1. ed. -- Campinas, SP : Editora da Abralin, 2022.-- (Linguística em Ação)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-21-6

1. Língua e linguagem 2. Linguística - Brasil 3. Linguística - Estudo e ensino 4. Linguística - História 5. Linguistas 6. Mulheres - Brasil I. Carvalho, Dannel. II. Freitag, Raquel. III. Série.

23-144521

CDD-410.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística : Mulheres : História 410.9

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

DOI 10.25189/9788568990216

